



DÚVIDAS E RESPOSTAS SOBRE O BULLYING E O CYBERBULLYNG

Explicações e Propostas para a
Educação Básica



PRESIDENTE DA REPÚBLICA DO BRASIL

Jair Messias Bolsonaro

MINISTRO DA EDUCAÇÃO

Victor Godoy Veiga

SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Mauro Luiz Rabelo

SECRETÁRIO ADJUNTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA

Helber Ricardo Vieira

DIRETORA DE POLÍTICAS E DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Myrian Caldeira Sartori

COORDENADORA-GERAL DE GESTÃO ESTRATÉGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Maria Luciana da Silva Nóbrega

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Gabriela Souza de Melo Mietto

Francisco José Rengifo Herrera

Michelle Sales Zukowski

Patrícia Cristiana Campos Ramos

EQUIPE TÉCNICA DA COORDENAÇÃO-GERAL DE GESTÃO ESTRATÉGICA DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Daiane de Oliveira Lopes Andrade

Gláucia Barbosa Pinto de Campos

João Augusto Ferreira

Érika Laís Lopes Guimarães

CURADORIA

Maria Luciana da Silva Nóbrega

REVISORA

Ilza Cristovam da Silva

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Anna Beatriz Medeiros Farias

ISBN 978-85-7783-277-4

MINISTÉRIO DA
EDUCAÇÃO



Dúvidas e Respostas Sobre o *Bullying* e o *Cyberbullying*

**Explicações e Propostas para a
Educação Básica**

SUMÁRIO

- 04 Apresentação
- 09 Introdução
- 22 Bullying e Cyberbullying na Educação Infantil
- 29 Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental Anos Iniciais
- 36 Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental Anos Finais
- 40 Bullying e Cyberbullying no Ensino Médio
- 45 Bullying e Cyberbullying no Educação de Jovens e Adultos
- 52 Boas Práticas para Abordagem do Bullying e do Cyberbullying na Educação Infantil
- 62 Boas Práticas para Abordagem do Bullying e do Cyberbullying no Ensino Fundamental/ Anos Iniciais
- 79 Boas Práticas para Abordagem do Bullying e do Cyberbullying no Ensino Fundamental/ Anos Finais
- 88 Boas Práticas para Abordagem do Bullying e do Cyberbullying no Ensino Médio
- 100 Boas Práticas para Abordagem do Bullying e do Cyberbullying na Educação de Jovens e Adultos
- 107 Referências Bibliográficas
- 110 Sites Pesquisados
- 112 Anexos

Apresentação

Aos Profissionais da Educação,

O material que estamos apresentando traz uma síntese sobre uma série de revisões referentes ao tema do **Bullying**. Também dedicando uma parte a aquele que ocorre de modo *Virtual* (também conhecido pelo termo em inglês, *Cyberbullying*), ao qual iremos nos referir como **Bullying Virtual**, para uma melhor compreensão em Língua Portuguesa e para que se compreenda a diferença entre o *Bullying* (aquele que ocorre na realidade material) e o *Bullying Virtual* (que ocorre por meio das mídias digitais).

Muitas vezes, por se tratar de um evento menos visível ou que acontece nas redes sociais e nos aplicativos de comunicação, utilizados internamente por empresas ou escolas (como chats e salas de bate-papo), o *Bullying Virtual* torna-se menos observado e pode ser praticado de forma mais sutil, dando a entender que seja menos frequente ou mais segmentado (entre os que possuem mais recursos financeiros e, conseqüente maior acesso às tecnologias digitais mais avançadas), e por isso acaba ganhando menos destaque do que o *Bullying*, que acontece presencialmente na escola, na sala de aula e demais ambientes. Mas será que isso é verdade?

A ampliação do uso de dispositivos de acesso à internet deve gerar a consciência de que as situações que antes eram mais frequentes na realidade material estão se deslocando para a realidade *Virtual*. A agressão e o assédio, produtos do *Bullying Virtual*, estão crescendo e suas conseqüências estão sendo mais claras na vida das crianças, jovens e adultos. Assim, enfrentamos duas situações complexas: o que acontece dentro e ao redor da escola e o que acontece no mundo *Virtual*. Em ambos os casos há sofrimento, ódio e dor. Em todos os casos devemos estar atentos e entender que, como cidadão (e não

apenas como gestor ou professor) temos a responsabilidade social e o dever ético diante de fatos violentos e agressivos.

Quando entramos no campo da teoria e das evidências científicas sobre o *Bullying*, encontramos uma boa quantidade de textos e pesquisas que nos falam sobre essa realidade.

Numa busca por materiais sobre o tema, usando os termos descritores “*Bullying*”, “*Cyberbullying*”, “*Bullying Virtual*”, “Educação”, “Escola” e “Ensino”, na área de acesso livre da base de dados da principal ferramenta de busca de artigos científicos do Portal de Periódicos da Capes¹, encontraremos mais de cem artigos acadêmicos publicados em Língua Portuguesa nos últimos 20 anos, sendo grande parte deles publicados entre 2018 e 2020.

Já em outro exercício de busca, para revisão da literatura, mantendo os termos “*Bullying*” e “*Cyberbullying*” ou “*Bullying Virtual*”, mas mudando o termo “Educação” por cada etapa específica da Educação Básica, a saber, Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos (EJA), percebe-se aparentemente, que os estudos sobre o tema aumentaram entre 2012 e 2018 e se diversificaram também entre os níveis educacionais.

O registro desse levantamento pode ser observado no quadro abaixo:

Quadro 1: Breve levantamento de material disponível sobre o tema:

<i>Bullying e Bullying Virtual</i>	De 2002 a 2022	De 2012 a 2022	De 2018 a 2022	Em Língua Portuguesa (2018 a 2022)
Educação Infantil	34	34	29	20
Ensino Fundamental	70	69	54	32
Ensino Médio	55	55	42	26
Educação de Jovens e Adultos	33	33	26	16

Fonte: Portal Capes Periódicos

¹ Disponível em < www.periodicos.capes.gov.br>.

No quadro é possível perceber a maior concentração de estudos sobre *Bullying* e *Bullying Virtual* no Ensino Fundamental (especialmente entre os estudantes com idade entre 9 e 15 anos, observável como o auge da ação violenta e agressiva dessas práticas), seguido pelo Ensino Médio. Os menores quantitativos de estudos estão nas etapas da Educação Infantil e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

De fato, recomendamos fortemente que professores e gestores da Educação Básica possam usar a ferramenta dos Periódicos Capes como um instrumento para ter acesso a estudos e pesquisas que mostram conceitos e dados muito relevantes para entender o tema do *Bullying* e o *Bullying Virtual*. Uma outra rápida busca pelo termo *Bullying*, no site Brasil Escola, nos traz mais de 950 artigos.

Ou seja, não faltam materiais de estudo disponíveis sobre *Bullying* e *Bullying Virtual*, porém os estudos precisam ser intensificados de forma mais clara e aprofundada, sobretudo na etapa da Educação Infantil e na modalidade da EJA. Nesse sentido, este material orientador, ora oferecido, visa analisar e criar algumas relações entre esses materiais e sua utilização nas diversas etapas da Educação Básica.

A prevenção do *Bullying* e do *Bullying Virtual* constitui uma medida de saúde pública necessária, para ampliar as possibilidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes, e uma convivência social mais sadia e segura.

Em revistas direcionadas aos pais, esses temas também são comumente abordados. Eles vêm sendo amplamente discutidos há mais de uma década. Em 2008, o Governo Federal publicou a coleção, Educação Para Todos, contendo em um dos volumes o enfrentamento à violência em uma “escola que protege” (Faleiros; Faleiros, 2008) que, embora cite diversas formas de violência, ainda não se refere ao termo “*Bullying*”.

Já no ano seguinte, a Revista Nova Escola, numa reportagem de agosto de 2009, trouxe opiniões de especialistas sobre o *Bullying*, como um problema que vinha preocupando famílias e educadores,

desde a *Educação Infantil*. Nela, foram apresentadas 21 perguntas e respostas sobre *Bullying*, definição de *Bullying* e *Bullying Virtual*; histórico: possíveis envolvidos (agressor, vítima e plateia), inclusive em contextos de educação inclusiva: identificação, enfrentamento e prevenção. No entanto, a discussão não avançou para o restante da Educação Básica.

Em 2010 foi a vez do *Bullying Virtual* ser citado na mesma revista, pois vinha sendo evidenciado um rápido alastramento de imagens e comentários depreciativos, com o avanço e a popularização do uso da internet e do celular, de forma que a agressão ultrapassou os muros da escola, envolvendo vítima, agressor e espectadores.

Na reportagem, foram apontados três motivos que tornam o *Bullying Virtual* mais cruel pelas seguintes características:

- *No espaço Virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas, não se restringindo aos momentos de convívio dentro da escola;*
- *A utilização, por crianças e jovens, de cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular, muitas vezes com exposição excessiva;*
- *A dificuldade, com o uso da tecnologia, na identificação do(s) agressor(es), aumentando, muitas vezes, a sensação de impotência.*

Tudo isso justifica a necessidade de políticas públicas que priorizem ações de prevenção ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual* nas escolas, objetivando a garantia da saúde, da qualidade da educação e integridade dos estudantes, para que crianças e adolescentes não corram o risco de sofrerem abusos regulares no ambiente escolar.

O material ora elaborado serve como base para que educadores consigam articular, junto com estudantes, famílias e comunidade, ações que permitam encontrar alternativas de longo prazo e com o envolvimento de todos, inclusive, visa oferecer apoio necessário para mudanças na conduta do agressor.

O *Bullying* e o *Bullying Virtual* não podem ser vistos como condutas de indivíduos “problemáticos”, apenas, que devem ser identificados,

advertidos e/ou punidos, uma vez que dinâmicas sociais, culturais e familiares colaboram para a sua ocorrência.

Nesse documento há indicação de textos que podem ser compartilhados com as famílias e que irão auxiliar na abordagem do tema.

Esperamos que este material sirva de apoio aos profissionais, às famílias e instituições no tratamento dessa problemática, tanto de forma teórica quanto prática, mas com uma abordagem de fácil compreensão e na ótica do desenvolvimento humano para todas as etapas e modalidade da Educação Básica.

Boa Leitura!

Introdução

Este material orientador foi elaborado por pesquisadores formados na Universidade de Brasília (UnB). Nele estão organizados as ideias e os conceitos mais importantes sobre o *Bullying* e o *Bullying Virtual* - como ele se manifesta, qual a sua origem e de que forma pode ser tratado o assunto no dia a dia da escola e da família. Porém, ao longo dele, você perceberá que se trata de um material leve que comunica as ideias e conceitos de forma acessível.

A proposta desse material é facilitar a abordagem do tema, pois esse tipo de comportamento acontece em famílias com diferentes recursos. De fato, ele está mais relacionado com problemas das relações familiares com históricos de agressão, onde as crianças que recebem essa violência gratuita em casa acabam se tornando agressores na sala de aula e na escola.

Encontraremos documentos que tratam do *Bullying* e do *Bullying Virtual* na Educação Básica, nas etapas da Educação Infantil, no Ensino Fundamental, Ensino Médio e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA), ou seja, em todas as idades escolares, visto que muitas mudanças ocorrem nas crianças, nos adolescentes e nos jovens e adultos que ainda estão em processo de escolarização.

De forma ampla e desafiadora iremos tratar de muitas coisas neste material, com o dever e compromisso de oferecer abordagens úteis para que, no dia a dia da vida escolar, você tenha um recurso para, fundamentar suas ações e propor modos de pensar e agir diante da violência e agressão que o *Bullying* e o *Bullying Virtual* podem trazer.

O que é *Bullying*? Por que essa palavra?

Para o autor André Profiro Nunes, em seu artigo *Bullying, um desafio às escolas no século XXI*², a escola deve desempenhar um papel importante, podendo elaborar programas de reabilitação e combate às práticas de violência escolar; orientar professores e comunidade escolar para prevenir determinadas práticas e saber lidar com as vítimas.

O *Bullying* é uma realidade presente diariamente, que atinge todas as camadas da sociedade. Onde existem relações interpessoais, pode

² Publicado na seção Meu Artigo <<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/Bullying-um-desafio-as-escolas-seculo-xxi.htm>>

existir *Bullying*. Mas por vezes, ele é confundido com outros tipos de violência, e isso atrapalha a sua identificação e a intervenção no fenômeno.

Vamos, primeiro, explicar essa palavra em inglês, o *Bullying*.

Um dos primeiros autores ao tratar o assunto foi Olweus, ainda em 1978, ao definir o *Bullying* como uma agressão direta e indireta, que é intencional (essa é a primeira característica e é muito importante), repetida (não acontece apenas uma vez e é durável no tempo) e envolve um diferencial de poder entre o(s) agressor(es) e a vítima (sempre há uma busca por submeter a outra pessoa, de alguma maneira). Essa é a forma mais simples de entender a palavra *Bullying*.

Mas, existe alguma palavra em Português que possa substituir essa palavra? Parece difícil, porque o termo em inglês (*Bully*) é um substantivo que se refere a uma pessoa que, habitualmente, procura prejudicar ou intimidar aqueles que consideram vulneráveis. Poderia ser um opressor, perseguidor ou intimidador, mas a palavra em inglês prevaleceu e se usa de forma comum nas escolas e no contexto educacional.

Então, vamos descobrir quais são as três características que diferenciam o *Bullying* de outros tipos de agressões?

1ª – DANO INTENCIONAL

No **dano intencional**, a pessoa que pratica o *Bullying* (que daqui a pouco vamos explicar que é o agressor), quer de fato machucar a outra pessoa. Ela escolhe quem será sua vítima e como irá maltratá-la.

2ª – REPETIÇÃO AO LONGO DO TEMPO

O *Bullying* não é uma briga pontual, por causa de um brinquedo ou pela bola de futebol na hora do jogo, ele persiste numa **repetição ao longo do tempo**. Também não é um apelido ou uma fofoca que surgiu e logo foi resolvida. Justamente por ter intencionalidade, ele se repete várias vezes e pode se estender por um longo tempo. Logo não é um conflito pontual, mas que continua a acontecer, enquanto existir a relação “agressor e vítima”, ou até surgir alguma intervenção eficaz da escola sobre o conflito.

3ª – DESEQUILÍBRIO DE PODER

A terceira, e última, característica principal é que as relações de *Bullying* são identificadas por um **desequilíbrio de poder**. Ou seja, sempre vai existir um que se posiciona e acredita ser o mais forte e superior (o agressor) e um que se sente mais fraco ou inferior (a vítima). A relação nunca é igualitária, do contrário, a vítima conseguiria se defender facilmente e se livrar das agressões.

É importante compreender que existem diversos tipos de *Bullying* físico, verbal, psicológico, moral, sexual, relacional, entre outros, que de forma geral, encontram-se em duas classificações principais: direto e indireto.

No *Bullying Direto* encontra-se tudo que atinge diretamente a vítima, por exemplo: agressões físicas, verbais, roubos e estragos materiais.

No *Bullying Indireto* a vítima é atingida por outras pessoas, através das relações na escola. Por isso o *Bullying Indireto* também é chamado de ***Bullying Relacional***. Ele está ligado à exclusão social e espalha rumores que prejudicam a vítima com colegas que, inicialmente, poderiam não ter problema algum com ela.

Demais manifestações comuns do *Bullying*:

Trollagem (Trolling): Ato de enviar mensagem(s) ofensiva(s) pela internet para irritar alguém.

Stalking: É crime e consiste em perseguir uma pessoa, reiteradamente, e de diversas formas (fisicamente, por e-mail, telefone, aplicativos, redes sociais, etc) para ameaçá-la física ou psicologicamente. Essa perseguição leva a pessoa à experimentar pânico e outras perturbações, por sentir que a sua integridade corre risco.

As mudanças nas telecomunicações, intensificadas nos últimos 15/20 anos (especialmente pelo acesso à internet e *smartphones*) permitiram que outras formas de violência e agressão fossem identificadas nas escolas e na vida dos estudantes, migrando do físico para os espaços virtuais das redes sociais e outros. Esse é o chamado *Bullying Virtual* que pode ser definido como:

A ação ou atitude agressiva realizada de forma direta ou indireta concretizada através de meios eletrônicos e feita por um grupo, ou um indivíduo, de forma repetida, em qualquer horário ou espaços fora do convívio, e contra uma vítima que não consegue se defender facilmente” (adaptado de Smith et al., 2008: 376).

Por que o *Bullying* aparece?

O que faz esse tipo de comportamento surgir? É um problema individual? Por que pessoas, sem motivo aparente, acabam agredindo os colegas? É um problema social? E a família, como lida com essa situação? Quais valores prevalecem? Essas são algumas perguntas que podem surgir e que são difíceis de responder em poucas linhas.

O *Bullying Virtual*, assim como o *Bullying*, se relaciona com a falta de empatia por parte de quem pratica as agressões e a violência, e cujos limites permitem que as ações sejam recorrentes e permanentes.

Então você deve estar se perguntando o que é, de fato, empatia?

Empatia: é a capacidade de nos identificar com outras pessoas e nos colocar no lugar delas, a partir das suas próprias emoções. A falta de empatia favorece a prática do *Bullying* e do *Bullying Virtual*, pela impossibilidade de se pensar na dor e sofrimento que tais agressões podem causar.

Isso significa que tal criança ou jovem é mau? Não. A ideia de classificar alguém como “bom” ou “mau” não ajuda a compreender todas as nuances quando se trata de *Bullying*. Normalmente, pensamos que o bem ou o mal são coisas que nascem com as pessoas, e tendemos a pensar que há pessoas com tendências boas e outras com tendências más. Esses comportamentos envolvem muitas outras coisas, como relacionamentos familiares, aspectos sociais, valores coletivos e familiares, vivências pessoais e formas de interação entre grupos. Ou seja, não há um único fator responsável pela “culpa” ou a “responsabilidade” e, além disso, apenas buscar os “culpados” para esse tipo de situação não resolve a problemática

A complexidade dos Valores Sociais

Um aspecto muito importante são os valores sociais e sua relação com o *Bullying* e o *Bullying Virtual*. Os valores sociais tendem a serem vistos como um “dom” inato, ou que se adquire através da educação e da aprendizagem escolar. Bondade, paciência, amor, paz, justiça, dentre outros, são valores atribuídos às pessoas. Elas podem parecer bondosas, pacíficas, amorosas ou pacientes. A ideia de valores como sendo um dom, algo que é individual e que faz parte da “natureza” humana, deve ser repensada por todos nós, pais, professores, estudantes, escola e sociedade.

Somente repassar valores em sala de aula é o suficiente para enfrentar o *Bullying*? Não. Os valores sociais são complexos e se expressam em emoções ou pensamentos que surgem no cotidiano das falas, conceitos e emoções que compartilhamos com os outros. Desde expressões mais simples, como “revirar o olho” quando algo ou alguém me desagrada, é uma forma de comportamento em relação à pessoas e situações.

O preconceito, por sua vez, é um valor não construtivo. Ele é intencional e nem sempre tem uma base racional para ocorrer. Então, significa que o preconceito é algo que eu não tenho consciência, mas que atuo como se a tivesse? **Sim e não.**

Sim, porque provavelmente, os preconceitos que nos pertencem fazem parte dos valores sociais que compartilhamos com grupos, e com a sociedade, por esse motivo fazem parte da nossa construção social. Muitos de nós temos a tendência de aceitar os preconceitos de forma natural e achar que “as coisas sempre foram assim”.

Não, porque temos que ter a clareza para perceber que os preconceitos surgem a partir das relações de poder e controle que ocorrem no dia a dia. Há aspectos históricos e culturais que parecem “naturais” ou que “sempre foram dessa forma”. Alguns grupos e pessoas criam argumentos irracionais, sem fundamento, para justificar racismo ou diferenças de classes, ou ainda desconsiderar os direitos das outras pessoas, por acharem que seus direitos devem prevalecer. Negar igualdade aos outros ou atribuir condições de inferioridade ou menosprezo, é evidência de que o preconceito está presente. Sendo assim, toda atitude ou fala que sustente tal comportamento deve ser questionada e reconstruída.

Quando falamos sobre agressividade, violência, poder, controle, entre outros, provavelmente não pensamos que estamos tratando de valores, certo? Os valores não são explicações morais sobre o que é bom ou mau. Os valores são formas de agir que têm uma intenção: construtiva ou não construtiva. Os valores sociais relacionados ao uso da violência ou à agressão estão na origem do *Bullying* e do *Bullying Virtual*, valores não construtivos promovem essas ações, valores construtivos podem impedir esses tipos de ações.

Como os Valores Sociais se dão no cotidiano?

Este material busca enfatizar a importância que os processos sociais têm no surgimento de ações, que promovem valores construtivos ou valores não construtivos. Assim, quando uma criança na Educação Infantil pega o lanche do colega e o joga no chão, estamos diante de um valor e essa situação deve ser debatida e resolvida com as crianças e com a turma. Os valores estão vivos nos comportamentos cotidianos.

O estudante do segundo ano que faz um desenho pejorativo do colega ou zomba da sua roupa está agindo conforme seus valores. Para ele, zombar é um comportamento aceitável. Entretanto os valores também estão presentes quando uma criança divide o seu lanche com o colega que quer provar um pedacinho.

Os valores estão presentes na foto editada e postada nas redes sociais, que evidenciam alguma característica física ou psicológica de um colega de turma, e se faz piada disso. Curtir comentários agressivos, homofóbicos, sarcásticos ou enviar mensagens intimidatórias para colegas ou desconhecidos, são valores sociais que aprendemos, usamos e, às vezes, aceitamos como válidos, verdadeiros e, ou pior, inofensivos ou inconsequentes.

Todas as pessoas são iguais e têm os mesmos direitos, merecem respeito e precisam ser tratadas da mesma forma, independente de qualquer argumento, ideia, crença, história, características físicas ou psicológicas.

Esse é o ponto mais importante: uma parte da origem do *Bullying* e do *Bullying Virtual* está na ideia de que alguém pode atacar, agredir, desqualificar, insultar, menosprezar ou ridicularizar outra pessoa porque ela não se parece, não pensa ou não se comporta no padrão que o outro estabelece, ou porque é tão diferente que “não é normal”. Por trás disso está a permissão para fazer piadas, burlar, postar fotos, tirar “sarro” nos grupos de aplicativos da turma ou fazer “memes”, nas redes sociais (*Bullying Virtual*) ou no ambiente escolar (*Bullying*).

Os valores estão presentes até mesmo na escolha do tipo de *Bullying* a ser praticado, se ele será direto ou indireto. Vivemos numa sociedade onde os meninos são ensinados a provar a sua masculinidade pela força, isso é um valor que permeia a nossa cultura. Assim, mesmo sem ter a total consciência do porque, é mais comum que eles escolham a prática do *Bullying Direto*, para zombar daqueles

que não consigam uma demonstração satisfatória de força e conseqüentemente da “masculinidade”. Ao mesmo tempo, a sociedade nos ensina que as meninas são mais relacionais, ou seja, falam mais, convivem mais e são mais afetuosas do que os meninos. Conseqüentemente, isso também é um valor que faz com que o *Bullying* mais comum entre as meninas seja o *Bullying Indireto*, onde o que prevalece é a difusão de comentários negativos.

Nos estudos sobre o tema são usadas as palavras **Simetria** e **Assimetria**, abordagem dos aspectos de superioridade e inferioridade nas relações entre os indivíduos.

Significa que temos uma tendência, como seres humanos, de querer controlar, então usamos o poder, a violência ou o encantamento para que os outros façam o que queremos. Contudo, também existem outras maneiras de tratar as pessoas, que podem ser aprendidas no ambiente escolar. O comportamento dos professores, de colegas de turma, de outras crianças mais novas ou mais velhas, também servem como espelho para reflexão.

No bairro também há modos de se relacionar que fazem parte das brincadeiras do dia a dia. A agressividade pode estar presente e promover comportamentos que são aceitos pelos grupos onde as crianças brincam como, por exemplo, na reação ensinada pelos pais sobre “bater de volta”, como a coisa certa a se fazer em uma situação de agressão sofrida pelos filhos.

Os valores sociais também devem ser considerados como parte importante para entender esse assunto, pois refletem modos de sentir e pensar, que muitas vezes aprendemos sem perceber.

No dia a dia sentimos e pensamos nas coisas que fazemos, ou que os outros fazem, e que julgamos como certas ou erradas. Dessa forma, vamos absorvendo o que o nosso grupo e a nossa cultura fazem, aceitando algumas coisas sem questionar e, por fim, agindo da mesma forma. Contudo, alguns desses valores sociais não contêm aspectos construtivos ou valorativos, pelo contrário, contêm preconceito, racismo, violência, machismo, etarismo, entre outros. A sociedade não pode acreditar que os valores sociais possuem sempre aspectos positivos. Esses contextos são difíceis de controlar, e nessa construção o papel da família é muito importante. Também é de conhecimento que há outros aspectos que fazem parte da história social e cultural.

A violência, por questões sociais, de gênero, etnia, comportamento, situação financeira, condição física e/ou psicológica, ou algum tipo de característica considerada socialmente como “fora do padrão”, fazem parte de uma tendência social que, muitas vezes, se

inicia com uma piada, uma zombaria e, que pode desencadear uma agressão a essas pessoas e grupos.

Ao longo da vida, esses valores sociais são incorporados e “banalizados”, mas na verdade, esse tipo de crença e valores são elaborações sociais que são validadas por grupos de poder que definem o que é *melhor, superior, ideal, belo, adequado* ou o que é *perigoso, feio, inadequado e inferior*, entre outros rótulos. Porém, na verdade, ninguém é superior e ninguém é inferior.

Identificação dos envolvidos com o *Bullying*

Como identificar as pessoas que estão envolvidas nas situações de *Bullying* e *Bullying Virtual*? Os teóricos afirmam que existem três grupos diretamente envolvidos: **as vítimas, as testemunhas e os agressores**.

As **vítimas** podem ser atacadas gratuitamente, sem terem feito nada, apenas por estarem no contexto ou por representarem algum tipo de grupo que seja visto como alvo, ou ainda por, provavelmente, apresentarem algo considerado fora do “normal” (como a aparência, material escolar, jeito de falar, religião, entre outros), se tornando alvo das agressões.

No entanto, existe um segundo grupo que pode estar envolvido indiretamente no fenômeno: as **testemunhas** ou observadores. Eles veem as postagens nas redes sociais ou nos grupos de aplicativos e percebem as agressões ocorrendo e, apesar de não estarem participando ativamente delas, podem fazer grande diferença para aumentar ou diminuir a ocorrência do *Bullying Virtual*. Podem escolher denunciar ou se calar sobre a agressão, tentar defender o colega ou apreciar/incentivar o agressor a continuar.

É importante ressaltar o papel das testemunhas, elas podem contribuir significativa para a diminuição dos casos. Esses aspectos são relevantes para tratar com todas as pessoas vinculadas à escola e à família. De fato, as testemunhas têm um papel privilegiado, pois podem influenciar os agressores, constrangê-los e controlá-los socialmente.

Os **agressores** têm a intenção de machucar as vítimas e, por isso, planejam seus ataques mesmo sem terem recebido uma provocação inicial.

Os integrantes desses três grupos - **vítimas, testemunhas e agressores** - podem trocar de posição. Um estudante que é vítima

dos colegas mais velhos, pode, ao mesmo tempo, reproduzir o comportamento de agressor com crianças mais novas, tornando-se **vítima e agressor**.

Por ser um fenômeno que pode ocorrer tanto individualmente como em grupo, em um determinado momento um estudante pode observar a agressão, enquanto um colega agride ou é vitimizado, e em outro momento ele pode agredir ou ser a vítima. Assim, esse estudante pode ser **vítima e observador** ou **agressor e observador**. Há ainda situações em que o estudante pode estar inserido nos três grupos. Pode observar colegas agredindo ou sendo agredidos, pode sofrer agressões e também pode reproduzir essas agressões, se tornando assim uma **vítima, agressor e observador**.

E sobre o *Bullying Virtual*? O que preciso saber?

O *Bullying Virtual*, por sua vez, é um assunto que precisa ser melhor compreendido na sociedade, pois esse tipo de agressão causa nas vítimas problemas psicológicos e emocionais muito graves, como depressão ou até pensamentos suicidas, entre outros. Assim, temos que prestar muita atenção ao que a ciência vem desenvolvendo nos últimos anos sobre o tema, pois essas explicações nos permitem ter mais evidências de como cada um de nós - estudantes, pais, professores, famílias e sociedade - pode agir para que esse tipo de situação não ocorra ou se repita.

O *Bullying Virtual* ainda é uma "novidade" para muitas pessoas. Muitos nem sequer escutaram falar sobre esse tema, outros devem ter ouvido o termo em Inglês, o *Cyberbullying*.

Como mencionado anteriormente, *Bullying*, em Inglês, significa intimidar, ameaçar, procurar machucar uma pessoa, a partir de contato físico. Por sua vez, o *Cyberbullying* ou *Bullying Virtual* é a tentativa ou a efetivação de ações que derivam de violência física ou psicológica que está dirigida de propósito contra outra pessoa, que pretende intimidar, humilhar e causar sofrimento físico ou mental, usando recursos virtuais e/ou redes sociais.

O *Bullying Virtual* pode acontecer em qualquer momento, e ser praticado por qualquer pessoa, até mesmo uma criança, bem como de muitas e diferentes formas. O modo como pode acontecer não segue padrões específicos que sempre se repetem. A forma como cada família se relaciona dentro de casa faz parte dos elementos que envolvem o *Bullying* e o *Bullying Virtual*. Palavras utilizadas, formas de

conversar e tratar as pessoas influenciam as crianças no modo de pensar e agir com relação aos outros. Relações muito agressivas dentro de casa, violência verbal e física, e intimidação entre membros da família, ou contra as crianças, fazem parte de fatores que podem influenciar a vida e a forma como essa criança se relacionará com as pessoas de fora da família.

Por isso, este material tem o objetivo de trazer reflexão sobre o entendimento e a complexidade do *Bullying Virtual*. O que fazemos na vida real, fisicamente presentes, também podemos fazer *virtualmente* e, muitas vezes, instrumentos que deveriam servir para melhorar a nossa vida, se tornam instrumentos para machucar, ameaçar e prejudicar a vida dos outros. Usar as redes sociais e aplicativos de mensagens para agredir, fazer piadas, memes, assim como, permitir que crianças participem de situações que envolvam o uso de redes sociais para essa finalidade, nos mostram como o *Bullying Virtual* é um problema que precisamos prevenir, identificar, discutir e tratar.

Esse tipo de violência usando redes sociais, por meio de computadores e dispositivos móveis, não pode ser considerado uma “brincadeira de criança”. O aumento do uso de aparelhos e de redes sociais no futuro tende a tornar o *Bullying Virtual* cada vez mais frequente e mais impactante na vida das pessoas, se não atuarmos preventivamente. A legislação também precisará mudar, para gerar novas formas de enfrentamento dessas situações.

As mudanças na sociedade e a transformação das comunicações, especialmente nos últimos quinze anos, modificaram as interações sociais. A educação também foi influenciada por essas mudanças e pelo impacto das novas formas de contato entre as pessoas.

No caso do *Bullying Virtual* a primeira característica que o diferencia do *Bullying* é que, ele se torna um sofrimento que sai da escola e acompanha o estudante até em casa. Outra característica é que ele se apresenta diferente entre meninos e meninas. A análise do *Bullying* e do *Bullying Virtual* sob a perspectiva de gênero pode ser uma opção muito relevante, pois em ambos os grupos ocorrem conversas nos bastidores, fofocas, difamações, agressões, talvez diferenciando, na maioria dos casos, a forma como a agressão é infligida às vítimas, se velada ou mais explícita. Outra característica é a repetição do encaminhamento das mensagens por parte do agressor. Claro que basta apenas uma postagem para gerar agressão, mas o fato da repetência faz com que o sofrimento seja mantido e a vítima viva uma sensação de que aquilo nunca acabará.

Bullying e questões de gênero, raça e condição social

Algo que devemos abordar, dentro e fora da escola, é a agressão que ocorre por questões de gênero, raciais ou sociais. Você já falou, ou ouviu falar, que a pobreza está relacionada às pessoas “preguiçosas” ou que “não se esforçam o suficiente”? Ou que ser “mulher é sinônimo de fraqueza e fragilidade”? Ou que as “pessoas negras são menos inteligentes que as pessoas brancas” e por isso há muitas pessoas pobres negras? Tais expressões apenas evidenciam uma série de valores sociais e crenças que perpetuam exclusão, preconceitos, violências e agressões, e que, portanto, devem ser desconstruídos.

Historicamente, tais valores se apresentam como paradigmas que fazem parte da estrutura da nossa sociedade, passados de geração em geração e sedimentados como verdade. A tensão causada pelo preconceito, por questões raciais, sociais ou comportamentais, condições materiais ou físicas, inclusive contra pessoas com deficiência ou com necessidades educacionais específicas, tem, por vezes, sido a causa dessas agressões, que só aumentaram nos últimos anos.

Poder, violência, paz e conflito: conceitos para entender o Bullying e o Bullying Virtual.

No *Bullying* há uma intenção de atacar quem é diferente do “padrão”. Mas, por quê? Há muita dificuldade para entender a diversidade. Os problemas com a empatia podem estar aqui considerados.

Exercemos empatia (do grego ***empathéia*** - que significa “paixão” ou “sentimento”) quando podemos entender a vivência e a emoção dos outros. Quando não há empatia, as ações de preconceito e de violência estrutural, contra indivíduos e grupos, aparecem.

Muitos atos associados ao *Bullying* vêm das dinâmicas familiares e coletivas, ou seja, partem de falas que sugerem sistemas de poder e este encontra-se claramente focado no controle dos meios, e não necessariamente se torna um fim. Desta maneira o poder permite controlar, limitar, manipular, mas ele não é objetivo de quem pratica o *Bullying* ou o *Bullying Virtual*. O poder usado com fins não construtivos permite que o(s) agressor(es) possa(m) alcançar outros

objetivos. É mediante o uso do poder que se estabelecem relações desiguais para gerar submissão e controle.

Alguns autores explicam que o poder é uma tensão entre autonomia e dependência. O poder não é ruim, nem bom, ele permite regular e controlar para produzir ou para destruir. Como Giddens bem aponta, o poder tem um sentido bastante generalizado, significa a “capacidade transformadora”, a capacidade de realizar uma ação em uma situação específica e permitir a transformação ou a alteração. Para tanto, ele entende que o poder (2001, p. 35):

É mais intenso e durável quando se faz presente, silenciosamente, por meio da repetição de práticas institucionalizadas.

O poder também pode ser entendido como um *supravalor*. Afinal, todos, em maior ou menor grau, necessitamos ter algum tipo de poder nas relações, o problema está na intenção e no uso desse poder. Toda vez que o poder for usado para submeter, excluir, diminuir ou eliminar o outro, ele se tornará **não construtivo**. Pelo contrário, quando o poder permite incluir, proteger, igualar, oferecer equidade, entramos no domínio de um supravalor construtivo. O poder não é bom ou mau, ele é um instrumento que permite construir ou não possibilidades para os indivíduos ou para os grupos.

Esse material que você tem em mãos (ou digitalmente) apresenta uma análise sobre a temática do *Bullying* e do *Bullying Virtual* em todas as etapas da Educação Básica, desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e Médio e finalizando com o que acontece na modalidade da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, você vai encontrar informações teóricas e práticas sobre os diferentes momentos que os estudantes passam durante a sua vida na escola, como são as relações e os principais elementos envolvidos na origem, características e consequências do *Bullying*, especialmente, o *Virtual*. Tudo isso servirá como fundamento para que possamos encontrar, a partir de algumas sugestões, alternativas para reduzir as situações de violência e melhorarmos nossa prática e a vida nas nossas escolas.

De fato, esse material pretende contribuir para uma prática transformadora, saudável e construtiva nas escolas Brasil afora, para barrar as situações que geram *Bullying* e *Bullying Virtual*.

Bullying e Cyberbullying na Educação Infantil

A revisão sistemática da literatura sobre *Bullying* e *Bullying Virtual* permite entender que, nas idades iniciais, parece não existir uma grande quantidade de estudos envolvendo o tema tanto no Brasil quanto no exterior.

Um aspecto que colabora para isso, parece ser o fato de que, os picos desse tipo de conduta surgem com mais força, especialmente, no final do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, com um ápice entre o final do 2º Ciclo e o começo do Ensino Médio. Ou seja, a maior parte dos casos de *Bullying*, presencial ou *Virtual*, ocorre aproximadamente entre as idades de 10 e 16 anos, tendo uma aparente queda no último ano do Ensino Médio, como mostram estudos no Brasil e no mundo.

Diante destes dados é essencial tecer algumas reflexões sobre o desenvolvimento na primeira infância (0 - 6 anos), público-alvo da Educação Infantil, para compreender como aspectos interacionais nesta faixa etária podem ou não estar sendo considerados como *Bullying* ou *Bullying Virtual*. A intenção desse capítulo é identificar situações recorrentes e esperadas para a primeira infância que necessitam de mediação adequada para que mais adiante, não se tornem vivências cristalizadas de desrespeito, agressão ou violência.

No Brasil, a preocupação com as consequências relacionadas ao *Bullying* chegou a uma definição em termos legais, pela Lei nº 13.185, de 2015, que o considera como:

Todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas.

Como identificar o *Bullying*?

Estudos recentes indicam que no período da primeira infância, atendido pela Educação Infantil, o ato intencional de agressão ao outro pode ser interpretado erroneamente de acordo com a idade das crianças. Se por um lado as crianças não estão imunes, por outro, qualquer reação de agressividade não poderia ser considerada *Bullying*.

Em resumo, na definição, a prática está relacionada a atitudes, comportamentos e falas que agridem o outro, com frequência e intenção de humilhar. Logo, uma situação de conflito ou agressão, isolada, pode não ser *Bullying*. Assim como, a recorrência sem dano intencional ou desequilíbrio de poder.

Ainda relacionado a esta temática vale levantar reflexões sobre o *Bullying Virtual* que, mesmo sendo um fenômeno pouco reportado na Educação Infantil, tornou-se preocupante a partir do distanciamento social necessário diante da pandemia da Covid-19. Antes da pandemia, deflagrada em março de 2020 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), havia recomendações para que as crianças da primeira infância tivessem o mínimo de contato diário com recursos tecnológicos. No entanto, diante de uma nova organização do cotidiano atrelada ao distanciamento social, muitas famílias se viram praticamente obrigadas a permitir que as crianças ampliassem o tempo de uso das tecnologias, incluindo atividades mediadas pela internet, por motivos de lazer ou atividades escolares (Silva, Lordello, Schmidt & Mietto, 2020; Azambuja, Batista & Mietto, 2020; Mietto, Antunes, Corrêa & Flores, 2021).

As vivências mais precoces pelo uso da internet trouxeram à tona a necessidade de averiguar se o ambiente virtual estaria sendo propício às crianças ou se representava um contexto favorável à construção de relações inadequadas.

Se você é profissional da educação e se dedica à infância, deve estar familiarizado com o conhecimento sobre 'desenvolvimento infantil', é frequentemente discutido nos cursos de formação inicial e continuada de docentes no país. Neste âmbito, se destacam os estudos clássicos das áreas da Educação e Psicologia, como os estudos de Piaget, Vigotski e Wallon, assim como estudos longitudinais, mais recentes, de autores amplamente reconhecidos (Faria & Silva, 2021; Rossetti-Ferreira, Oliveira, Amorim, 2021), que têm dialogado com a prática da escola brasileira, principalmente na educação pública.

Nos estudos dos autores clássicos aqui considerados, pouco se discute sobre as interações possíveis entre colegas de mesma idade ou idade próxima, dentro da faixa etária da primeira infância. Piaget, por exemplo, afirma em relação aos primeiros anos de vida da criança, que a interação entre pares não seria tão importante para o desenvolvimento e aprendizagem delas, uma vez que as crianças observadas em seus estudos, até os três primeiros anos de vida, foram descritas como aquelas que brincam de maneira isolada, mesmo quando em grupo, característica do pensamento definido por ele como “pensamento egocêntrico”.

Estudos atuais, no entanto, já indicam que há relações importantes sendo construídas entre crianças pequenas (Ferreira, Moura & Mieto, 2021; Rossetti-Ferreira, Oliveira, Amorim, 2021), interações consideradas positivas, como negociação e colaboração, mas também, aquelas nem sempre consideradas positivas, como competição.

Em geral, o conjunto destas interações, que se mesclam, se alternam, e fazem parte do relacionamento humano, configuram o que se conhece como amizade - um fenômeno que tem ganhado destaque na literatura sobre o desenvolvimento infantil (Adams & Quiñones, 2020) e que mantém relação com as vivências de *Bullying* ou *Bullying Virtual*.

Ao tratar dessa temática é preciso discutir, necessariamente, o que se espera das interações das crianças pequenas, sobretudo, como se desenvolvem suas relações de amizade, para compreender se, determinadas reações infantis devem ser identificadas como algo violento ou inadequado, ou como uma característica que necessita de intervenção, mas não uma punição.

Para pensar em termos práticos, analise a seguinte situação: em uma escola, a professora de uma turma relata que a cena, a seguir, ocorre com frequência entre duas de suas alunas. Veja:

Criança 1: Sentada no chão da escola, rodeada por brinquedos com os quais está brincando. Segura uma boneca no colo.

Criança 2: Observa a criança 1, afastada cerca de um metro. Levanta-se e pega a boneca do colo da Criança 1, sem pedir. Vira-se imediatamente e se afasta da Criança 1, levando consigo a boneca.

Criança 1: levanta-se e vai em direção à professora, relatar o ocorrido.

Como você definiria o episódio descrito acima? Seria uma vivência de *Bullying*? Você considera que as informações acima são suficientes para responder a questão?

Inicialmente seria necessário saber: qual é a idade das crianças envolvidas? As crianças estão na faixa etária da primeira infância (0 - 6 anos)? Ambas podem ser consideradas pares de idades próximas, ou há hierarquia etária entre elas?

Por que esta reflexão sobre a idade das crianças envolvidas é importante para a compreensão das interações sociais e de fenômenos como o *Bullying*? A situação descrita, se fosse vivenciada por crianças da Educação Infantil, geraria em você a mesma reação caso fosse vivenciada por crianças acima de 10 anos, por exemplo? Você faria a mediação desta situação entre crianças de 2-4 anos da mesma forma que faria se ela ocorresse entre crianças de 5-7 anos? Por quê?

Essas considerações levantam aspectos teóricos importantes sobre questões práticas que precisam ser discutidas.

A primeira infância compreende as crianças desde o nascimento até os 6 anos de idade. Nesta faixa etária, encontram-se crianças com características desenvolvimentais muito diferentes umas das outras. Prova disto é o que se pode observar em situações cotidianas do seu brincar (Silva & Abreu, 2015). Um bebê de algumas semanas de vida é completamente diferente do que será aos 12 meses de idade, assim como da forma como estará se apresentando aos 3, 4, 5 ou 6 anos de idade. Há neste período de vida, a primeira infância, algo que vai se desenvolvendo, dia a dia, ano após ano, através da interação cultural

e social das crianças, entre si e entre adultos, que embora se transforme, também mantém certa peculiaridade: uma tendência a que as crianças nem sempre sejam capazes de serem empáticas ao outro, porque ainda não desenvolveram essas habilidades.

Se você já observou crianças bem pequenas, deve ter percebido o quanto elas costumam ter dificuldades para emprestar seus brinquedos ou objetos pessoais. Muitas vezes, como na cena relatada acima, algumas crianças podem simplesmente aproximar-se de outra criança que esteja por perto e pegar um brinquedo que lhe é interessante, sem pedir previamente. Isto seria considerado *Bullying*, ainda que fosse uma cena que sempre se repita entre as mesmas crianças? A depender da sua idade, certamente, não deveria! Por quê?

É preciso destacar que para ser considerada como *Bullying*, a interação precisa atender a três características: dano intencional, repetição ao longo do tempo e desigualdade de poder. No caso ilustrado, de acordo com o relato da professora, é possível identificar a recorrência da cena, mas não se pode afirmar que a ação foi movida por dano intencional ou desequilíbrio de poder.

Dadas as circunstâncias consideradas usuais no ciclo do desenvolvimento humano, é possível afirmar que geralmente, quanto menor a criança, menor será o dano intencional e o desequilíbrio de poder. No entanto, na cadeia de relacionamento humano, espera-se que agentes mais experientes na cultura, como crianças mais velhas ou adultos, possam compartilhar com os pequenos as regras de convivência social. Como você imagina que isso possa ocorrer?

Tanto na escola quanto no âmbito familiar, é necessário orientar e conversar com a criança sobre o quanto é inadequado se apropriar de algo alheio sem pedir autorização prévia; mostrar à criança que aquela atitude pode causar desconforto, tristeza ou aborrecimento a quem teve o seu objeto "roubado". É importante conversar com as crianças sobre as suas atitudes e consequências, repetidamente, a cada vez que uma interação inadequada ocorra, favorecendo desta maneira, que elas internalizem as regras sociais de convivência e desenvolvam sua empatia frente ao que os demais envolvidos possam estar sentindo, e que nem sempre sua atitude é agradável.

Compreende-se, portanto, que nos anos iniciais da primeira infância, geralmente não há a ocorrência concomitante das três características necessárias à identificação do *Bullying* - dano intencional, repetição ao longo do tempo e desequilíbrio de poder - mas que a partir da segunda metade deste período, ou seja, a partir dos quatro anos de idade, estas características poderão ocorrer. Neste

segundo período é mais facilmente observável crianças atuando como possíveis agressores, vítimas ou observadores em interações de maior violência, requerendo que a conversa sobre as vivências e suas consequências sejam bastante necessárias. Na sequência veremos estratégias de intervenção para estes casos.

Observamos que a concepção de desenvolvimento relacionada aos anos iniciais, como a defendida por Piaget e seus seguidores, em que pouco se considera as condições de interação das crianças pequenas, ainda é dominante na formação de educadores no país e, conseqüentemente, direcionam a prática do professor da escola brasileira. Quais as consequência adindas dessa concepção? Ora, se crianças pequenas não interagem entre si, como supor que poderão estar praticando atos de negociação, colaboração ou até competição?

Estudos recentes sobre o desenvolvimento das amizades na infância tanto antes, quanto durante a pandemia de Covid-19 (Adams & Quiñones, 2020), quando diversas interações passaram a ser mediadas pelas tecnologias (Quiñones & Adams, 2021), destacam as interações de negociação e colaboração para este período da vida. Tais estudos consideram que a negociação se relaciona à necessidade que a criança tem de obter o consentimento e aceitação de outros indivíduos; a colaboração diz respeito à coordenação de um grupo para execução de uma tarefa ou objetivo comum. A seguir, outros elementos que as autoras indicam como centrais à colaboração:

- Envolve ações conjuntas sem um plano que precisa ser negociado previamente;
- Envolve o estabelecimento de entendimentos compartilhados da atividade e engajamento mútuo entre os participantes;
- Os padrões de interação durante a colaboração podem incluir correspondência de participantes ritmos, conversas, narrativas comuns e uma qualidade musical no tom de voz;

- Pode ser organizada verbalmente e não verbalmente pelas crianças;
- O comportamento de ajuda está inserido na vivência da colaboração e as crianças são motivadas a isto, sem sentirem-se obrigadas.

Com estas breves definições de negociação e colaboração, você consegue inferir em qual delas se deveria focar a mediação com as crianças, visando colaborar para a construção de interações anti-*Bullying*?

A literatura que define *Bullying* nomeia as pessoas envolvidas como **vítimas, testemunhas e agressores**. Por sua vez, as concepções de Adams e Quiñones parecem defender que as interações mais caracterizadas pela integração da negociação e colaboração podem contribuir para um menor índice de competição e, conseqüentemente, menor chance de interações de agressividade sugeridas pelo *Bullying*

Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental Anos Iniciais

O Ensino Fundamental faz parte de um longo período de vida da criança, desde os 6 até os 14 ou 15 anos. Ou seja, nesse período a criança se transforma em adolescente e enfrenta muitas mudanças que definem sua vida. O 1º Ciclo escolar da infância de uma criança tem início aos 6 anos e segue até os 10 anos de idade. O 2º Ciclo, que vai do 6º ao 9º ano, inclui o grupo infanto-juvenil, entre 11 e 15 anos.

Portanto, este capítulo do material vai focar no 1º Ciclo do Ensino Fundamental e trará análises de diversos aspectos específicos desta etapa. É importante destacar que o objetivo é explicar, de forma geral, alguns conceitos, mas sempre enfatizar que o *Bullying* e o *Bullying Virtual* são temas muito complexos e que envolvem muitos aspectos sociais, familiares, educacionais e individuais, como mencionado nos capítulos anteriores.

Quais as mudanças das crianças ao longo do 1º Ciclo do Ensino Fundamental?

No início do 1º Ciclo do Ensino Fundamental, as diferenças e mudanças podem ser significativas de um ano para outro. Entre 6 e 8 anos parece que as crianças se comportam de forma similar. A partir dos 9 anos e, especialmente no final do ciclo, aos 10 anos, muitas mudanças ocorrem: nas amizades, nos relacionamentos, nos valores que guiam as ações, na compreensão sobre o que significa estar na escola e seus objetivos e a partilha de vivências com os colegas.

Sendo assim, chegar ao 1º Ciclo do Ensino Fundamental, com 6 anos, numa turma de Primeiro Ano é um desafio significativo para as crianças. Você se lembra como se sentiu no seu primeiro dia de aula? Como foram essas primeiras semanas? Talvez as lembranças não venham tão fielmente, mas é fato que, muitas coisas mudam entre o 1º e o 5º do Ensino Fundamental, por exemplo, as formas de brincar.

Entre o 6º e o 8º ano, as crianças estão mais focadas nas brincadeiras com trocas físicas, de regras simples e períodos longos em que se possa correr em longos espaços, como pique-pega e pique-esconde, além de brincadeiras “de faz de conta” e ficção.

Durante o 6º ano, há uma busca por relacionamentos que se constroem no brincar. Efetivamente até o final do 8º ano esse tipo de brincadeira é muito relevante para as crianças estarem juntas às outras que consideram “mais legais” e com mais “coisas em comum”. A Escola é um local que permite brincadeiras com outras pessoas que vêm de lares que não compartilham as mesmas crenças, valores e práticas.

Como as crianças agem nesse novo contexto ao chegar na escola? O primeiro ano de Ensino Fundamental é um espaço para conhecer e reconhecer o outro e se adaptar a novas formas de relacionamentos. Depois, ao longo do tempo, as amizades vão surgindo com aqueles com os quais há maior identificação com o modo de pensar, sentir e ver o mundo. As histórias pessoais, os valores sociais vivenciados na família e no grupo social ao qual se pertence também ajuda na organização da construção da identidade. Essa mistura de tantos modos de ver o mundo cria tensão e também gera aprendizagens.

O que fazer se ações violentas começarem a surgir?

Nessas idades do 1º Ciclo do Ensino Fundamental é possível encontrar vários modos de manifestação de violência como: agressões físicas diretas, agressões verbais diretas e agressões indiretas, o que faz essas características ficarem mais próximas do *Bullying*. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental é muito importante que professores, escola, família e comunidade se organizem para abrir o diálogo sobre a necessidade de espaços sem violência e agressões. Como nessas idades as crianças ainda têm menos acesso aos dispositivos eletrônicos, e há mais restrições de uso, seria bom exemplificar o que acontece no mundo material (as diversas ações violentas e agressivas que podem surgir) para iniciar a reflexão sobre o *Bullying Virtual*, para promover diálogos antes que as coisas ocorram, como medida preventiva.

Famílias, professores, escola e comunidade podem permitir que crianças de 6 a 8 anos participem de atividades onde os valores sociais e as práticas cotidianas de violência e agressão sejam debatidos, analisados e submetidos à avaliação por parte de todos.

No final do 8º ano, as brincadeiras podem estar mais próximas de organizações e regras mais complexas, e de relacionamentos mais direcionados com colegas específicos. A identificação com valores, práticas e modos de ver o mundo se torna mais forte. As brincadeiras

se diferenciam, tornam-se menos dinâmicas e surge o envolvimento com videogames, celulares e computadores, onde o acesso se torna mais fácil. Ter um telefone celular ou *smartphone*, pode abrir formas de interações sociais bem diferentes das que aconteciam entre o 6º e 8º ano.

O mundo virtual chegou às crianças, e agora, o que fazer?

Como essa nova realidade na vida das crianças impacta e muda suas relações com elas próprias e com os outros?

Como mencionado, a partir dos 9 anos há um aumento do *Bullying* e do *Bullying Virtual*, esse aumento abre a possibilidade para que crianças, que nos anos iniciais usavam a agressão física, possam encontrar nas redes sociais e nos aplicativos de troca de mensagens, outras formas de externalizar suas dificuldades.

Assim, entre o final do 3º, 4º e 5º anos do Ensino Fundamental é possível registrar um aumento significativo dos casos de *Bullying* e, relacionado com isso, de *Bullying Virtual*. O que antes estava mais restrito aos chutes e agressões que podem ser visíveis para pais e professores, começa a se tornar mais oculto. Os grupos de mensagens e outras formas aparecem, possibilitando o início de um ciclo de agressões, que acabam machucando a vida das vítimas e, claro, a vida dos agressores. Portanto, é preciso tratar sobre o papel das testemunhas e abrir espaço de diálogo, não para atuarem como “dedos duros”, que apontam para o agressor, mas para falar do cuidado que todos merecem, criando uma rede solidária de proteção, como um dos caminhos para enfrentar o *Bullying Virtual*.

O uso de aparelhos e novas tecnologias influenciam o *Bullying Virtual* nessas idades?

Hoje muitas crianças têm acesso à *smartphones*, *tablets* ou computadores com acesso à internet desde cedo, mas também muitas estão excluídas dessa realidade por condições sociais e materiais das famílias às quais pertencem, bem como as diferenças na cobertura de internet no Brasil, em algumas regiões, também pode ser um fator de restrição ao acesso dos serviços.

Nas idades iniciais do 1º Ciclo do Ensino Fundamental (6 a 8 anos)

é possível que exista menos crianças com acesso às redes sociais ou aplicativos de comunicação. Contudo sem dados específicos sobre essas idades, medidas devem ser consideradas e pesquisas devem ser executadas. Alguns dados do Resumo Executivo - Pesquisa TIC Kids Online Brasil³ mostram que, no ano de 2019, 89% da população entre 9 e 17 anos tinha acesso à internet e que essa porção equivale a aproximadamente 24 milhões de crianças e adolescentes.

Ter um aparelho com acesso à internet começa a ser possível, com mais frequência, a partir dos 9 ou 10 anos em média, mas há crianças que podem acessar a internet antes ou depois dessas idades. De fato, as crianças sabem lidar muito bem com as tecnologias e conseguem fazer buscas e usos proveitosos, no entanto, essa mesma autonomia também permite outro tipo de ações e intenções que podem gerar *Bullying Virtual*. No caso desse tipo específico de *Bullying*, o problema não está apenas no acesso aos aparelhos, mas aos valores que a criança constrói nas relações familiares mais próximas a respeito dos outros, no uso dos aparelhos e das redes sociais, visto que, entre a faixa de 6 a 11 anos ocorre um progressivo uso dessas tecnologias.

Mas, nem todas as crianças do Ensino Fundamental têm o conhecimento necessário sobre mídias, para entender e se posicionar sobre a igualdade de direitos e o respeito que lhe é devido tanto no mundo virtual quanto no pátio da escola. Muitas dessas crianças podem usar seus celulares, computadores e outras mídias eletrônicas para intimidar, constranger, excluir ou humilhar outras pessoas, geralmente por meio de redes sociais. Alguns estudos evidenciam que crianças menores estão tendo cada vez mais acesso à tecnologia e se conectando às redes sociais. Contudo são necessárias mais pesquisas sobre esse grupo etário mais jovem.

Bullying e o Bullying Virtual tratam do mesmo assunto?

Um consenso entre pais e professores é que as crianças menores de 12 anos podem se tornar alvo de outras crianças, até maiores, que usam e acessam redes sociais e aplicativos de comunicação como formas de assédio. No geral, as crianças menores podem se tornar alvo e, no final dessa primeira faixa etária (8 anos) começar a participar de atividades que podem envolver ou envolvem *Bullying* e o *Bullying Virtual*, ou seja, é provável que crianças, menores de 12 anos, estejam

³ Disponível em < <https://cetic.br/pt/pesquisa/kids-online/indicadores/> >

se tornando vítimas dessas agressões.

Também é possível que crianças a partir dos cinco anos de idade se envolvam nesse tipo de situação, visto que desde a primeira infância relações de poder se estabelecem, seja na busca de decidir sobre “quem ganhou o jogo” ou na tentativa de chamar a atenção da professora ou nas “brincadeiras”. É justamente nessas situações que os valores sociais se consolidam.

Como já foi dito, os valores sociais não são individuais nem são aqueles que culturalmente aprendemos: bondade, solidariedade, serviço, dentre outros. Os valores sociais são as ações que a sociedade e os indivíduos reconhecem como algo que pode ser feito entre pessoas.

Os valores, construtivos e não construtivos, são praticados cotidianamente, quando nos emocionamos ao assistir na TV, alguém falando que está passando fome; mas também é um valor reprovar a aparência física de alguém. Todos carregam algum preconceito em sua história, alguns até nem percebem que tais preconceitos os levam a se relacionar com determinado grupo de pessoas. Isso corrobora os resultados da pesquisa limitada até o momento, a qual evidenciou que estudantes com menos de 12 anos relatam ter experimentado *Bullying* e *Bullying Virtual* (Arslan et al., 2012; Monks et al., 2009, 2012). Contudo, a pesquisa também indicou, positivamente, que os pais/responsáveis pela educação estão mais cientes de que os estudantes da escola primária correm o risco de se envolver em *Bullying Virtual*.

Como lidar com o *Bullying Virtual* nessa fase da vida?

As pesquisas mostram que há alguns comportamentos frequentes que estão relacionados com o *Bullying Virtual*: e-mails com mensagens de ameaça ou com conteúdo constrangedor; mensagens enviadas via aplicativo ou nas redes sociais; a exclusão de colegas dos grupos de aplicativos que as turmas criam para se comunicar; tentativas de se passar por pessoas diferentes ou compartilhar alguma informação privada de outra pessoa nas redes sociais; postar fotos ou vídeos que agridem ou difamam a pessoa; compartilhamento de “memes” ou imagens que intimidam ou degradam outros colegas; *trolling*; *stalking*; ameaçar e xingar pessoas em ambientes virtuais ou jogos on-line.

A alfabetização e a alfabetização digital devem ser consideradas como importantes fatores para começar o envolvimento com situações

de *Bullying Virtual*. Porém, existem fatores externos que podem influenciar o surgimento desse tipo de comportamento, como o fato de reconhecer que há pressão por parte de colegas para que a criança tenha um aparelho celular com acesso à internet. Isso pode ser visto como uma forma de aceitação, engajamento ou de exclusão.

É provável que os casos e as situações de *Bullying Virtual* tenham um nível bem menor de violência nos anos iniciais, mas nem por isso deve-se dar menor atenção, pelo contrário, é justamente nos primeiros anos que o diálogo sobre essas “brincadeiras” deve ser incentivado com as crianças, sobretudo para analisar a intenção e as consequências, explicando que existem limites e que esses não podem ser ultrapassados e, se ultrapassados, terão consequências.

Qual o papel da família diante do *Bullying Virtual*?

Os limites, perante si e os outros, devem ser combinados entre todos, e não apenas com o que um membro da turma concorda, pois o que é engraçado para um, pode ser agressivo ou violento para o(s) outro(s).

As relações na família, com adultos e entre irmãos, mais velhos e mais novos, entre outros aspectos, são fundamentais em qualquer situação onde o *Bullying* surge, pois tem muito a ver com os relacionamentos dentro do lar. O que é falado e como é falado no dia a dia em casa? Como a criança é tratada dentro do lar? Há abuso familiar com a criança? Há assédio por parte de algum membro da família? Ela é vítima de agressões, desqualificações e ameaças? Ela apanha com frequência? Muitas pessoas, ao falar desses temas, se perguntam: o que isso tem a ver com o *Bullying Virtual*? A resposta é que muitas relações familiares estão na origem dos comportamentos violentos e de ameaça que as crianças usam, inclusive, através das redes sociais, mas obviamente esse não é o único fator.

Por vezes, a criança que faz *Bullying*, seja ele virtual ou presencial, está reproduzindo algo que ocorre com ela em âmbito familiar. Em alguns casos, as crianças repassam ações sofridas dentro de casa para os colegas. Mesmo em crianças pequenas (6 e 7 anos) há círculos de agressão que são invisíveis na escola e que podem fazer parte das ações de violência “gratuita”. É um assunto difícil de ser tratado, mas é importante que este diálogo seja estabelecido com as famílias.

Situações difíceis de resolver podem surgir em qualquer família,

logo não será incomum se na sua escola ou na sua sala de aula, você precisar lidar com elas. O importante é entender que, na medida em que essas situações sejam expostas com os grupos de pais das turmas, esse tipo de situação pode diminuir.

Uma criança que é ou foi agredida não se transforma(rá) automaticamente em uma criança agressora. Mas, a continuidade da agressão e da violência (física ou psicológica) fragiliza a vida da criança, que pode ser levada a expor suas emoções de forma a machucar a si ou aos outros. Pensar sobre isso é uma realidade, é o primeiro passo para ajudar a mitigar ou a expor franca e abertamente o tema com as famílias. Os ciclos de violência só podem ser rompidos na medida em que as dificuldades conseguem ser expostas. Descontar nas crianças as dificuldades individuais dos adultos só agrava tais problemas, o comportamento violento não ajudará nenhum dos lados.

Poder falar com os pais sobre suas dificuldades em manter o controle e do comportamento agressivo de seus filhos pode impedir que o *Bullying* surja na vida das crianças.

Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental Anos Finais

Conforme mencionado, o Ensino Fundamental é o período mais longo da vida escolar de uma criança, compreendendo a fase dos 6 aos 14 ou 15 anos de idade, onde, provavelmente, irão ocorrer as maiores mudanças e conflitos que envolverão os adolescentes.

No Capítulo anterior foram abordadas as reflexões sobre o 1º Ciclo do Ensino Fundamental, que começa a partir dos 6 anos de idade e vai até o 5º ano, onde, a maioria das crianças, chega com 10 anos de idade. O 2º Ciclo, que vai do 6º ao 9º ano, inclui crianças e adolescentes entre 11 e 15 anos.

Neste capítulo o foco da abordagem é o 2º Ciclo do Ensino Fundamental onde será apresentada uma análise de diversos aspectos específicos quanto ao surgimento e prática do Bullying e do *Bullying Virtual*, sempre enfatizando que se trata de um tema complexo e que envolve muitos aspectos sociais, familiares, educacionais e individuais.

Quais as mudanças das crianças ao longo do 2º Ciclo do Ensino Fundamental?

Após vivenciarem um longo período de suas vidas, entre o nascimento e os 12 anos, aproximadamente, espera-se que as crianças já tenham experimentado diversas situações que lhes permitam estar mais independentes, com posicionamentos reflexivos sobre a realidade que os cerca, sendo possível colocar-se no lugar do outro em relação ao que possam estar sentindo. Há uma tendência a querer definir escolhas, desde as mais básicas, como estilo de roupas a vestir ou amizades a seguir, de forma mais independente das escolhas de familiares, por exemplo. Há muitas transformações tanto em termos do estilo de pensamento e raciocínio quanto a mudanças físicas e hormonais que também influenciam em seu estilo de vida.

O ingresso no 2º Ciclo do Ensino Fundamental, portanto, corresponde a uma nova transição escolar, que é acompanhada de diversas transformações físicas e culturais. Você se lembra como se sentiu no seu primeiro dia de aula desta etapa escolar? Havia novidades em relação ao que a escola apresentava no novo cotidiano? O que se falava sobre poder brincar ou não na escola?

Por volta dos 10 ou 11 anos de idade o interesse das crianças pelas brincadeiras costuma mudar bastante. Os jogos de “faz de conta”, tão peculiares nos anos iniciais, pouco a pouco, vão dando lugar ao interesse por jogos de regras como: jogos de tabuleiro que convidam ao raciocínio lógico e ao desenvolvimento de estratégias de pensamento cada vez mais elaborados e práticas de competição esportiva, seja de maneira informal, nos intervalos escolares (recreio) ou na rua onde moram até o interesse de envolver-se em equipes de alto rendimento esportivo, por exemplo.

Neste período, se intensifica os vínculos de amizade com pessoas com as quais se criam identificação, no modo de pensar, sentir e ver o mundo, que ganham ainda maior importância. As histórias pessoais e os valores sociais vivenciados na família e no grupo (s) social (is) de pertencimento também ajudam a construir essa identidade, promovem uma ideia de quem se é. Essa mistura de tantos modos de ver o mundo cria uma tensão e também gera aprendizagens.

As trocas sociais nestas atividades tornam-se muito importantes e, nestas ocasiões, podem ocorrer situações de interações que enfoquem justamente as características de desvantagem das crianças em cada uma destas atividades. Socialmente, percebe-se nesta idade também, que as escolas e famílias muitas vezes começam a cobrar mais o desempenho escolar das crianças, o que pode gerar muita competição no ambiente escolar.

O que fazer se ações violentas começarem a surgir?

Nas idades do 2º Ciclo do Ensino Fundamental se intensificam os vários modos de manifestação da violência que derivam do *Bullying* como: agressões físicas diretas, agressões verbais diretas e agressões indiretas com características mais próximas do *Bullying Virtual*.

Nos anos finais do Ensino Fundamental os Professores, Escola, Família e Comunidade devem cooperar intensamente para efetivar o papel dos espaços de diálogo, demonstrando que violência e agressões não têm necessidade de ocorrer, sobretudo no ambiente escolar e familiar. Visto que nessas idades as crianças têm maior acesso aos dispositivos eletrônicos e dominam o seu funcionamento. É uma ótima oportunidade de trazer as situações do mundo material (as diversas ações violentas e agressivas que podem surgir) e estender a reflexão para o *Bullying Virtual*.

Oportunizar que as crianças e adolescentes abordem previamente

sobre os problemas que as afligem, alivia, ou até inibe, o que poderia acontecer mais adiante, de forma que participem de atividades onde os valores sociais e as práticas cotidianas de violência e agressão sejam debatidas, analisadas e submetidas à avaliação por parte de todos.

As trocas sociais estabelecidas nas atividades, que são de grande interesse das crianças desta etapa educacional, tornam-se muito importantes e, nestas ocasiões, podem ocorrer situações de interações que enfoquem justamente as características de desvantagem das crianças em suas escolhas. Situações das quais as crianças e adolescentes são obrigados a participar, mesmo que visando o seu bem-estar físico e mental, mas não condizentes com suas características físicas e emocionais, tais como algumas atividades esportivas, que nem sempre acabam bem. Por vezes, acabam desistindo por serem ridicularizadas, devido ao seu desempenho insatisfatório ou pela demora em aprender às regras. Socialmente, percebe-se nesta idade, que as escolas e famílias intensificam a cobrança pelo desempenho escolar das crianças, o que pode gerar competições acirradas no ambiente escolar.

Tais situações relatadas podem gerar comportamentos de ansiedade e sentimentos de menos-valia, levando as crianças e adolescentes a desistirem de atividades que apreciam, por receio da crítica dos outros. Mesmo os que têm bom desempenho podem, igualmente, ser alvo deste tipo de crítica cruel.

O mundo virtual chegou às crianças e adolescentes, e agora, o que fazer?

Como mencionado anteriormente, essa nova realidade na vida das crianças e adolescentes traz impactos às relações com os outros e consigo mesmo. Com o aumento das ocorrências do *Bullying Virtual*, a partir dos 9 anos, aumentam também as agressões físicas, inclusive nas redes sociais e nos aplicativos de troca de mensagens, outras formas dessas crianças e adolescentes do 2º Ciclo do Ensino Fundamental externalizarem suas dificuldades.

Assim, o ingresso no Ensino Fundamental tem coincidido com o aumento significativo dos casos de *Bullying* e, relacionado a isso, de *Bullying Virtual*, que por ser, de certa forma, mais sutil, dificulta a detecção e mediação, o que torna sobremaneira importante o papel das testemunhas, conforme destacado no capítulo anterior.

Como o uso de aparelhos e novas tecnologias influencia o *Bullying Virtual* nessas idades?

Nas idades contempladas pelo 2º Ciclo do Ensino Fundamental, dentro de uma clientela que tenha condições sociais favoráveis, é possível que existam mais crianças e adolescentes que tenham acesso a redes sociais ou aplicativos de comunicação. Além disso, mesmo que não tenham condições de acesso de forma individualizada, nesta faixa etária há maior possibilidade de que as crianças possam acessar, de forma autônoma, equipamentos e redes de internet disponíveis em espaços coletivos, como escolas ou bibliotecas públicas. Conforme mencionado no Capítulo anterior, dados da Pesquisa TIC Kids Online Brasil, em 2019, 89% da população entre 9 e 17 anos tinha acesso à Internet e que essa proporção da população equivale a algo mais de 24 milhões de crianças e adolescentes.

Mesmo com o acesso mais democratizado, nem todas as crianças do Ensino Fundamental têm o conhecimento sobre mídia necessário para entender e se posicionar a respeito do uso consciente dos recursos digitais. As crianças maiores podem ter menos restrições para usar aparelhos e mais coragem para se posicionarem diante do outro por causa da sensação de falso anonimato que a relação *Virtual* lhe causa. Isso pode, muito frequentemente, favorecer para que as crianças carreguem um celular com dados, usem computadores e outras mídias eletrônicas para intimidar, constranger, excluir ou humilhar outras pessoas, geralmente por meio de sites de redes sociais. Em grupos específicos de comunicação interna na própria escola, por exemplo, as crianças podem criar grupos de conversa em chats, incluindo e excluindo pessoas dos diálogos sem dar importância à reação que estas pessoas podem estar tendo, de não pertencimento, não aceitação nos grupos.

Bullying e Cyberbullying no Ensino Médio

O Ensino Médio é a última etapa da Educação Básica. Nessa fase espera-se que os adolescentes possam se preparar para o mundo laboral e para continuar estudos técnicos ou profissionalizantes. Mas, também é um período marcado por importantes mudanças nos relacionamentos com a família, com os amigos e com o mundo. Muitas das situações de *Bullying* e *Bullying Virtual* acontecem nessa idade. Nesse documento serão respondidas algumas perguntas básicas que permitem entender aspectos centrais da vida dos adolescentes.

A realidade dos adolescentes no Ensino Médio e a relação com *Bullying* e o *Bullying Virtual*.

A busca pelo conhecimento da realidade dos adolescentes das escolas brasileiras pode nos confrontar com a maneira como os enxergamos. Sem dúvida, é uma jornada bem difícil saber quem são, e o que pensam, os jovens que estão nas nossas salas de aula, nas nossas casas, pois não são apenas nossos estudantes, nossos filhos.

É preciso enxergá-los como indivíduos que estão próximos de concluir um ciclo de suas vidas, o de terminar a sua formação na Educação Básica, e que podem estar com mais perguntas e dúvidas do que algum tipo de resposta ou certeza.

O que os motiva? Por que adotam tais formas de comportamento? Essa realidade parece alheia aos outros e suas formas de ser e ver o mundo. Você já parou para pensar quais os valores eles têm construído ao longo da sua vida? Como são esses valores? O que movimenta esses adolescentes para agir de forma colaborativa ou agressiva? O que os faz ficar isolados ou agir coletivamente?

Os espaços físicos e os relacionamentos entre adolescentes estão bastante influenciados pelo uso do poder (de forma positiva ou negativa) e do controle. A pretensão de engajamento é forte e a necessidade de identificação coletiva também é um fator bem comum nessas idades.

Cada um de nós tem alguma memória sobre sua adolescência e vivências dessa etapa da vida. Como foi dito, os valores sociais praticados são influenciados pelas formas como a sociedade, a escola, a família e a mídia ajudam a entender essa realidade.

Ostentação, riqueza, poder, força e controle prevalecem nas músicas, na TV, nas séries e nas falas, jogos e brincadeiras que são assistidos pelos adolescentes. As dificuldades familiares e as poucas possibilidades de diálogo e compreensão, que são experimentadas por parte dos adolescentes, são fatores importantes que acrescentam as dificuldades que temos com eles durante esse período da vida.

Parece que eles se sentem sozinhos. Mas, também parece que nós adultos nos sentimos impotentes, aborrecidos e/ou frustrados com as dificuldades de entender e nos relacionar com o mundo que eles sentem e vivenciam.

O que se deve fazer então? De que maneira se deve agir para que a vida dos adolescentes não seja um espaço de sofrimento (por ser vítima de *Bullying*)? Ou mais uma chance para criar rancor e frustração (como pode acontecer com os agressores)?

Quem são e como são os adolescentes que estudam no Ensino Médio?

Entre os 15 e os 17 anos são consolidados os valores sociais, surgidos desde os primeiros anos da educação Infantil e construídos ao longo do Ensino Fundamental. As histórias pessoais, as vivências sociais e as particularidades se misturam, criando um espaço complexo e de difícil compreensão. O mundo e seus valores estão em constante movimento.

O mundo de hoje não se assemelha àquele de quando éramos adolescentes, há muitas formas de pensar, de viver e de sentir. O que antes era indubitável, hoje é totalmente questionável e até substituível. Não significa que o passado era melhor, nem a atualidade pior. Simplesmente mudou, assim como os valores na história das culturas.

Os adolescentes precisam ser ouvidos sobre como se sentem. As pesquisas mostram que poucas vezes são analisadas as relações entre as dificuldades individuais (por se tratar de um momento da vida onde é necessário tomar decisões que nem sempre são possíveis) cobranças sobre o futuro, dúvidas sobre o que a vida proporcionará e ansiedade diante da iminente chegada de um período fora da escola. Porém, também é possível que exista desmotivação sobre o que é a escola, sua utilidade e uma valorização de outros ambientes.

Um dos trabalhos mais interessantes nesse sentido é o de *Veloso et al* (2019), mostrando que entre os 13 e os 17 anos, 6,2% dos adolescentes sofrem *Bullying* na escola, que este ocorreu mais

frequentemente com aqueles que se declararam de cor/raça parda, 42 entre cada 100 estudantes, seguido de estudantes declarados de cor branca com 40 de cada 100. Quase dois terços dos estudantes (64,9%) informaram que se consideram bem tratados por parte dos colegas, mas, 19 de cada 100 disseram que são agressores, praticando o *Bullying*. Aproximadamente 20,2% dos adolescentes disseram que não se sentem bem com o seu próprio corpo, 24,9% apresentaram excesso de peso, 83% destacaram a importância da imagem do corpo e 20,8% se consideram gordos. Esses são alguns aspectos que devemos levar em consideração quando falamos de *Bullying* no Ensino Médio.

Ainda, segundo os dados do TIC Kids Brasil 2019, do total de crianças que acessam à internet em idades entre 9 e 17 anos, 83% assistiam vídeos, programas, filmes ou séries de TV on-line; 76% pesquisaram informações na Internet para fazer trabalhos escolares e 68% usaram redes sociais. Estamos vendo dados anteriores à pandemia, o que pode ter sido ampliado pelo distanciamento social. Por outra parte, os dados mostram que 58% das crianças e adolescentes de 9 a 17 anos tem condições de acessar a internet usando apenas o celular aumentando significativamente quando se fala de uso na sala de aula com um total de 73%.

Esses dados são importantes. Vejam que 31% das meninas (ou sejam 31 de cada 100) e 24% (ou 24 de cada 100 meninos) dizem ter experimentado alguma ofensa e relataram ter testemunhado alguém sofrendo discriminação na internet (48% das meninas e 39% dos meninos). Os dados com as meninas são bem mais altos do que com os meninos, o que pode levantar um outro questionamento - ***É possível que as meninas usem mais as redes sociais que os aplicativos para fazer ataques às colegas?***

Por fim, ao perguntar aos adolescentes os motivos pelos quais viram a (s) agressão (ões) ocorrer (em), um total de 33% das meninas informou que era por causa da cor/raça e 26% falaram que pela aparência física. No caso dos meninos foram 20% sobre cor/raça e 15% pela aparência física (ICT Kids, 2019, página 4).

Aqui se configura uma amostra daquilo que crianças e adolescentes estão vivenciando na escola. Porém há outros aspectos envolvidos. A ausência de escuta (como mencionado), a violência intrafamiliar, as dificuldades para pensar um projeto de vida (pensar sobre como será o seu futuro) e as inseguranças diante de não saber como enfrentar a realidade porque começam a ser cobrados como adultos, sem ser e sem se sentir preparados para assumir as decisões da sua vida.

O que a família tem a ver com o *Bullying Virtual*?

Um dos aspectos que está mais próximo do desenvolvimento de ações violentas e vinculadas com assédio e *Bullying* está ligado às relações familiares. Algumas pesquisas mostram que os adolescentes parecem tentar criar uma espécie de normalização das vivências sobre a violência ou dissociar as experiências em casa para “gerar” algum tipo de controle externo. Como são as relações em casa? Quantos embates ocorrem com os adolescentes? Como as situações que eles enfrentam em casa são, de alguma maneira, tratadas na escola? Há espaço para esse tipo de diálogo no ambiente escolar? Como o professor pode ajudar nessas situações?

Poucas vezes a violência intrafamiliar é abordada, ainda mais quando muitos adolescentes, como mencionado, tentam dissociar o que vivenciam em casa, e não querem transparecer isso aos colegas, amigos ou professores. O fato é que a violência está presente na vida deles, e nós adultos (pais e professores) podemos contribuir para aliviar e amenizar esse sofrimento.

Não se pode ignorar, os adolescentes sofrem muitas violências, por vezes imperceptíveis, e isso os leva a ser agressivos e provocadores com outras pessoas. Demais dados apontam que, nas Américas, por volta de 50% dos adolescentes sofrem algum tipo de violência em casa, não somente física, são humilhados, menosprezados e desrespeitados. Entre a violência física e a violência emocional, muitas vezes, com os adolescentes prevalece a última.

A família e a escola podem oferecer aos adolescentes elementos que auxiliem no enfrentamento dessas situações pessoais e de conflitos. Como é possível fazer isso? Se há abandono, discórdias e brigas permanentes, o processo será muito difícil. A família pode fazer parte do surgimento do *Bullying* ou do *Bullying Virtual*, mas também pode evitar que o adolescente seja um agressor ou uma vítima. A relação família e escola é fundamental nesse processo.

Como entender o surgimento do *Bullying* e suas consequências nessa idade?

Há um aspecto que precisa ser tratado chamado de ***ações de prevenção e de antecipação***. Como criar o que os psicólogos

chamam de “fatores de proteção” ou “fatores de risco”? O que é isso? Os fatores de proteção e de risco são as formas de responder ou enfrentar situações por parte de uma pessoa que foi agredida ao longo da sua vida. Respostas agressivas ou violentas, respostas pacíficas e conciliadoras, respostas de fuga e evitação. Todas essas formas de resposta estão associadas com a maneira como fomos criados, das aprendizagens familiares, das formas de reação social que vimos em outras pessoas significativas para nós e que incorporamos.

São fatores protetivos aqueles que me permitem, positivamente, enfrentar situações críticas e que me protegem de danos ou diminuem o sofrimento. Os fatores de risco são o contrário, aqueles que aceleram ou que ajudam a que as coisas possam se tornar mais difíceis porque levam a pessoa a atuar de maneira que tenha mais sofrimento e a perda do controle das situações.

Como é possível preparar os adolescentes para que ao enfrentar situações de *Bullying* ou *Bullying Virtual* consigam reduzir o impacto desse tipo de agressões? Como diminuir o poder de dano dos agressores? Como os ensinar a não optar pela violência e pela agressão? Ou pelo uso do preconceito? O que fazer com as testemunhas/observadores? É preciso ter em mente alguns dados que podem ajudar.

A tradição educacional está fundamentada na ideia de competição e obtenção de resultados individuais. Muitas vezes defendendo a ideia de que se deve ser o primeiro, “custe o que custar”. Os valores sociais que vivenciamos estão cercados da ideia de poder e controle, como já foi dito. Então, pode-se compreender que boa parte do que está associado às ações violentas nessas idades tem a ver com a forma como o mundo é visto por uma parte dos jovens. As frustrações e dificuldades tendem a ser resolvidas através de coisas que envolvem o poder e o controle. Este é um ponto que as escolas e famílias devem discutir conjuntamente.

Bullying e Cyberbullying na Educação de Jovens e Adultos

Antes de abordar sobre *Bullying* e *Bullying Virtual* na Educação de Jovens e Adultos (EJA), é preciso entender as características que influenciam as construções sociais dela e como se manifestam.

A EJA não é uma modalidade nova no Brasil. Ela foi instituída visando a inclusão social de jovens e adultos que por diversos motivos não puderam concluir seus estudos na idade escolar regular. Porém a EJA tem passado por atualizações devido às mudanças culturais, econômicas e sociais dos últimos anos. A atualização mais recente de suas diretrizes é a Resolução CNE/CEB nº 01, de 25 de maio de 2021. A nova resolução buscou alinhar as diretrizes operacionais da EJA com a Política Nacional de Alfabetização (PNA) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

O que pode ser identificado na resolução é que ela inclui todos os diversos tipos de pessoas que hoje podem fazer parte da EJA, visando deixar o ensino e a educação acessíveis a todos. É garantida na EJA a modalidade EAD para incentivar e possibilitar a permanência e continuidade dos estudos; também é garantida a aprendizagem ao longo da vida que busca atender estudantes com deficiência, transtornos funcionais específicos e transtorno do espectro autista, estudantes com dificuldades de locomoção e de locais de difícil acesso (comunidades quilombolas, ribeirinhas, indígenas, itinerários, refugiados, em privação de liberdade, entre outros) e a flexibilização da oferta, para que a educação seja compatível com as diferentes realidades dos estudantes.

De fato, a comunidade presente na EJA é heterogênea e polissêmica. No mesmo ambiente encontram-se pessoas de idades variadas (a partir dos 15 anos e sem idade máxima para matrícula), de locais variados e conseqüentemente de culturas e valores diferentes. Grande parte das vezes, esses estudantes são ou foram vulnerabilizados, e por isso não conseguiram concluir os seus estudos anteriormente. Portanto, é importante compreender não somente os valores presentes nas relações da EJA e como esses se tornam representações sociais que movimentam a vida do estudante, como também os que a antecedem, através da história de vida dos estudantes que lá estão.

Quem é o sujeito do EJA e por que ele se encontra nesse programa?

Como mencionado, a EJA tem passado por uma nova configuração social. Inicialmente era voltada para reparar o direito à educação de jovens, adultos, idosos e trabalhadores que não puderam realizar os estudos na idade adequada, agora tem-se um público cada vez mais jovem e isso aumenta ainda mais as diferenças sociais encontradas na EJA.

Percebe-se que a juvenilização da EJA favorece os conflitos entre os seus estudantes. Muitas vezes os professores e os estudantes mais velhos enxergam a presença do mais jovem como uma ameaça à ordem da escola, pois eles modificam o cotidiano e as relações já conhecidas e esperadas, e com isso, acabam sofrendo com o estigma de “desordeiros”.

Porém, apesar da diferença de idade, os motivos que fazem esses jovens buscarem a EJA são semelhantes ao público inicial do programa. Nesse contexto destacam-se dois motivos, que podem ser os principais: a vontade/necessidade de ingressar mais cedo no mercado de trabalho, o que o faz abandonar a escola tradicional e buscar a EJA e a exclusão que sofre na escola tradicional por não se adaptar aos recursos pedagógicos ofertados. Esse último caso ocorre principalmente com os estudantes mais jovens. Ao sofrerem o insucesso escolar pelas questões pedagógicas, eles são muitas vezes encaminhados para a EJA como uma punição por serem “estudantes-problema”, ou seja, o estigma de desordeiro muitas vezes existente entre os mais velhos do programa acaba reforçando o estigma que os estudantes mais jovens já sofriam na escola.

Muitos professores reconhecem que utilizar a EJA como prática disciplinar resulta em estudantes reprimidos e com o desempenho escolar novamente prejudicado, com isso, tentam inovar e aplicar práticas educativas inclusivas.

Independentemente da idade ou do motivo que levou o estudante a se ausentar da escola de ensino regular, a EJA se propõe a ser um local de acolhimento para todos, reconhecendo que esses já possuem um rico aprendizado da vida que deve ser valorizado e utilizado nas estratégias de ensino. Por isso, deve-se buscar exercer uma prática pedagógica inclusiva, e que não alimente novamente o conflito entre o estudante, a escola e o professor.

A incompreensão dessa visão pode favorecer a evasão escolar, uma vez que existe a tendência natural desta ocorrer novamente com os estudantes da EJA, já que existe uma priorização do trabalho para ajudar financeiramente a família e a dificuldade de conciliar trabalho e estudo. Também é importante ressaltar que, grande parte dos estudantes atendidos pela EJA já carrega em suas trajetórias de vida situações de exclusão, sejam elas sociais, econômicas, escolares etc.

O estigma carregado pelos estudantes mais jovens contribui para a evasão escolar, pois esse reprime o gosto pela escola, pelo ensino ou pelo crescimento que ela oferece, então começam a gostar somente pelos amigos. Isso é preocupante, pois uma vez que o motivo de permanecer na escola são as relações interpessoais, essas também podem influenciar a evasão escolar. Ou seja, se essas relações começarem a se tornar conflituosas, ou se esse estudante começar a experimentar o *Bullying* ou *Bullying Virtual* terá menores motivações para permanecer na escola.

Entender as relações sociais, interpessoais e as práticas pedagógicas da EJA se faz necessário para ampliar a visão das possíveis situações de *Bullying* e *Bullying Virtual* entre estudantes dentro e fora do programa, uma vez que os preconceitos se estendem também para outras comunidades fora da escola.

O *Bullying* e o *Bullying Virtual* na Educação de Jovens e Adultos.

O *Bullying* e o *Bullying Virtual* na EJA, assim como na Educação Infantil, são fenômenos que ainda carecem de pesquisas. Porém, os estudos e pesquisas disponíveis sinalizam algumas compreensões de como esse fenômeno ocorre entre os adultos.

Inicialmente, vale recordar que para uma agressão ser considerada *Bullying* ou *Bullying Virtual*, ela precisa atender a três características básicas: **dano intencional** - o agressor tem o desejo de agredir a vítima e essa agressão muitas vezes é planejada; **repetição ao longo do tempo** - a agressão não é pontual, ela é contínua podendo mudar a forma de agredir, mas mantendo constância com aquela vítima e o **desequilíbrio de poder** - o agressor se posiciona como superior à vítima, seja fisicamente ou emocionalmente, usa seus recursos para fazer a vítima se sentir inferior, diminuindo assim a chance de reação.

O *Bullying* e o *Bullying Virtual* podem ocorrer em todas as idades. Percebe-se um destaque nos anos finais do ensino fundamental (pré-

adolescência) e nos anos iniciais do ensino médio (adolescência). Depois espera-se uma queda na ocorrência do fenômeno.

Também se nota que conforme ocorre o envelhecimento, as formas de agredir vão se modificando. Quanto mais velhas as crianças ficam, menos são utilizadas as agressões físicas como *Bullying*. Começa-se a optar pelas agressões verbais e relacionais, pois agora têm-se consciência de que agressões emocionais podem ferir tanto quanto ou até mais do que agressões físicas. Assim, não se faz mais tão necessário o uso da força. Embora ainda apareça em alguns momentos, principalmente quando ligada à prova de masculinidade.

Na fase adulta, o *Bullying* e o *Bullying Virtual*, são mais conhecidos pelo nome de **assédio moral**. Ocorre mais frequentemente no ambiente de trabalho, onde é chamado de *mobbing*, que também pode ser fazer presente em outras situações sociais:

***Mobbing* ou assédio moral:** é uma forma de pressão psicológica ou moral. O termo é empregado para descrever as situações de perseguição às quais são submetidas algumas pessoas em seu ambiente de trabalho. O assediador tenta destruir o equilíbrio emocional do assediado a fim de destruí-lo psicologicamente, com falsas acusações, falando mal da vítima diante de outros, espalhando rumores, desacreditando sua capacidade profissional, atentando contra privacidade ou empregando uma linguagem vulgar e agressiva. Isto faz com que o assediador conte com aliados indiretos em sua estratégia destrutiva.

Porém, ao se referir à área da educação e focando nas violências de estudantes com estudantes, essas situações de assédio moral também se enquadram pela terminologia de *Bullying*, já que essa é a terminologia padrão para a violência sistemática entre estudantes.

É importante ressaltar que qualquer ambiente em que ocorram relações interpessoais pode se tornar favorável à ocorrência do *Bullying*, isso inclui os ambientes on-line, onde há a prática do *Bullying Virtual*.

A partir do momento que se compreende quem são os sujeitos da EJA, vemos que esses podem se tornar vítimas de *Bullying* e *Bullying Virtual* entre si e entre eles e a sociedade. Entre si pelos conflitos de valores, culturas e idades existentes dentro da sala de aula, que

acabam favorecendo estigmas e por vezes preconceitos devido aos choques culturais pelo público muito heterogêneo. E entre a sociedade pelos preconceitos sociais que já existem quanto à EJA, principalmente em estigmatizar os estudantes dessa modalidade como “incapazes”, justamente por estarem nessa modalidade.

Apesar dos poucos dados disponíveis sobre o *Bullying* e o *Bullying Virtual* na EJA, uma pesquisa de Lopes e Silva (2017) concluiu que o processo de exclusão sofrido por esses estudantes, em situações educacionais passadas, “dificultam os entendimentos e diálogos construtivos, se tornando um desafio que gera *Bullying*, violências e afastamentos.” Com isso, percebe-se que o histórico escolar dos estudantes, antes da EJA, influencia na relação que o estudante terá com o *Bullying* e o *Bullying Virtual* na própria EJA.

Sabe-se que dentre as consequências de longo prazo sobre aqueles que sofreram *Bullying* na escola, caso não ressignifiquem a situação, está a probabilidade de continuar sofrendo situações de assédio, uma vez que a autoestima não foi recuperada, e esse indivíduo continua sem perspectiva de se impor ou se defender. Já sobre os agressores, caso não ocorram intervenções que favoreçam a conscientização e mudança de comportamento, possuem também grandes chances de continuar apresentando estresse e comportamentos agressivos na fase adulta. Também é importante ressaltar, que o *Bullying* e *Bullying Virtual* são fatores que colaboram para a evasão escolar na educação regular, ou seja, esses fenômenos podem contribuir para uma busca maior pela EJA.

As agressões que ocorrem pessoalmente entre jovens e adultos podem e são estendidas para o mundo virtual, caracterizando o *Bullying Virtual*. Esse campo ainda se encontra carente de pesquisa entre essa população, e conseqüentemente em específico sobre a EJA.

No entanto, outros estudos evidenciam que o *Bullying Virtual* nas relações estabelecidas *on-line*, influenciam no bem-estar de jovens e adultos. Um estudo feito em Portugal com jovens entre 18 e 24 anos evidenciou que é comum o *Bullying Virtual* nessa faixa etária acontecer através de mensagens de assédio sexual (seja através de mensagens ou envio de fotos nuas) e o roubo de contas (*hacking*) (RUSSO, 2020). Um outro estudo de Kim e Chock (2015), mostrou que os comentários e curtidas recebidos nas fotos influenciam diretamente a preocupação e a satisfação com a imagem corporal de jovens adultos.

Dessa forma, apesar dos poucos estudos, é possível inferir que assim como o *Bullying* gera consequências a curto, médio e longo prazo, o *Bullying Virtual* também impacta diretamente na vida dos seus

envolvidos, inclusive no público de jovens e adultos. Vale ainda ressaltar que a gestão e intervenção sistemática no *Bullying* e no *Bullying Virtual* colabora para a saúde mental de professores e estudantes, favorecendo um ambiente de aprendizagem.

EJA e Superação: a ressignificação da educação

Apesar dos preconceitos existentes com a EJA e seus estudantes, essa modalidade de ensino tem sido apontada como fator de mudança, de perspectiva e de futuro, com um importante papel na formação e ressignificação de representações sociais.

Então, o estudante busca na EJA um espaço de oportunidades, para aquisição de conhecimento, socialização para completar sua formação básica, visando a ascensão no mercado de trabalho (ou a conquista do ensino superior) e uma melhoria das condições de vida. Nota-se que a atual situação econômica colabora com a visão de que a educação pode trazer estabilidade e futuro no mercado de trabalho. O que o estudante muitas vezes não percebe, inicialmente, é que a EJA oferece muito mais do que o ensino e a possível colocação no mercado de trabalho. Ela oferece ao estudante uma perspectiva de futuro pessoal, que antes lhe foi tirada, pois além de fatores educativos ela promove espaços de socializações que colaboram com a formação humana integral.

Sendo assim, a EJA se torna um espaço de recuperação de autoestima e ressignificação de experiências difíceis resultantes da exclusão social e de estigmas sofridos na escola e na sociedade. Os estudantes têm como resultado da EJA não somente o conhecimento, mas a ascensão e valorização pessoal, profissional e social. Essa valorização que a EJA promove nutre a sensação de ser estudante, motivando-o a continuar buscando novos conhecimentos.

Percebe-se que tais fatores favorecem para que a EJA se torne um espaço de transformação, promovendo aos seus estudantes uma consciência crítica e a compreensão de que eles podem ser agentes de transformação da sociedade. O indivíduo começa a se sentir capaz e a EJA passa a ser significada como ambiente formador de oportunidades.

Mas para que essas significações continuem sendo resultantes do processo, é preciso ter um olhar atento e ouvir a voz dos estudantes, pois ao ouvir o outro nos colocamos em posição de respeitá-lo e também de aprender com ele, uma vez que o processo educacional é

mais complexo do que apenas repassar o conhecimento. A valorização da história e da narrativa individual também permite a reconstrução identitária, favorecendo a formação do coletivo da EJA e a recuperação histórica do indivíduo. Se a EJA perpetuar as estimas de exclusão que esses estudantes sofreram no decorrer de sua história, por algum motivo, falhará terrivelmente em cumprir seu papel de ser transformadora.

Ressalta-se que, o professor da EJA precisa estar atento para encontrar, intervir e ressignificar situações e ocorrências de *Bullying* e *Bullying Virtual*, uma vez que esses podem reforçar as percepções de exclusões sociais e baixa autoestima que são comumente encontradas no estudante da EJA. Dessa forma, a evasão escolar pode acabar se tornando novamente uma opção para o estudante e a EJA poderá se tornar uma experiência traumática.

Boas Práticas para abordagem do Bullying e do Cyberbullying na Educação Infantil

Este capítulo propõe algumas abordagens para se analisar o *Bullying*, em situações presenciais ou virtuais, de acordo com as realidades dos professores e, especialmente, a realidade de seus estudantes da Educação Infantil que, ainda são muito pequenos para compreender explicações teóricas.

A princípio, vamos partir de quatro perguntas norteadoras que poderão auxiliar na compreensão do fenômeno *Bullying* na Educação Infantil, facilitando a elaboração de intervenções. São elas:

1. Você considera que haja *Bullying* na realidade da Educação Infantil na qual você atua? Se sim, qual(is) o(s) tipo(s) mais comum(ns)?
2. Quem seriam, na sua opinião, as vítimas, os agressores e as testemunhas dessas situações de *Bullying*?
3. Quais são os principais momentos/situações em que o *Bullying* ocorre?
4. Você consegue observar os valores que os estudantes têm apresentado através do *Bullying*? Se sim, quais?

Vale lembrar que existem dois tipos principais de *Bullying*, o Direto e o Indireto. O Direto se refere a agressões verbais, físicas e danos materiais; o Indireto é relacional, parte de rumores, boatos, fofocas e exclusões sociais. Ambos se fazem presentes em um terceiro tipo, o *Bullying Virtual*. É importante sempre relacionar os conceitos às práticas para refletir sobre ambos. Assim, retornam as perguntas norteadoras, que nesse primeiro momento, serão focadas nas perguntas 1 e 2 que estão interligadas.

1. Você considera que haja *Bullying* na realidade da Educação Infantil na qual você atua? Se sim, qual(is) o(s) tipo(s) mais comum(ns)?
2. Quem seriam, na sua opinião, as vítimas, os agressores e as testemunhas dessas

Ao identificar qual a forma mais comum de *Bullying* que ocorre em sua realidade de atuação, é possível ter uma maior compreensão de alguns fatores: o que o agressor está buscando expressar com aquela agressão; em que a vítima está sendo atacada; e por fim, o que os observadores têm contemplado. Também fica mais visível quais estudantes estão, de fato, envolvidos no *Bullying* (quem são os agressores, as vítimas e os observadores/testemunhas?).

Por que compreender esses fatores e conhecer o papel de cada um dos envolvidos é importante?

Quem é o Agressor? O que ele busca expressar nessa agressão?

O agressor tem a necessidade de falar e de ser ouvido. No caso de crianças pequenas, elas têm necessidade de se expressar de outras formas. Como a brincadeira e o desenho expressam o que ela está sentindo, vivenciando no seu dia a dia? É uma necessidade material que, por sua condição socioeconômica ou mesmo idade, não tem acesso? É uma necessidade de canalizar seus sentimentos de forma mais corporal?

Quando se compreende as formas com as quais as crianças podem pedir socorro, é possível decidir mais adequadamente sobre o que fazer para ajudar. Os agressores talvez formem o grupo que mais precise de acolhimento, pois há fatores críticos em suas vidas antes do momento da agressão. Assim, será possível proporcionar o melhor entendimento de como intervir e de como acolhê-lo. Histórias em quadrinhos são recursos muito úteis, pois trazem vários exemplos que ilustram situações de agressão/competitividade e negociação/colaboração. A Turma da Mônica traz muitas dessas situações. Você deve conhecer esses personagens.

Faça uma analogia a partir do comportamento dos personagens, com as atitudes das crianças da sua turma da Educação Infantil.

São inúmeras suposições que se podem levantar dos acontecimentos possíveis na Educação Infantil, ilustrando histórias em quadrinhos. E sabe quem pode ajudar a responder cada uma das suas suposições sobre esses acontecimentos? A família e a própria criança, que podem e devem ser incluídas no processo investigativo. Uma sugestão prática é perguntar a pais, mães, avós como era, na época da infância deles, o convívio com outras crianças, contudo, deve-se tomar cuidado para não se apegar aos discursos prontos sobre família, a partir das próprias vivências ou pelo que nos é apresentado culturalmente.

Então, é importante na fase do planejamento da intervenção, fazer tais perguntas: *eu conheço a realidade dos meus estudantes fora da escola?* Imagine um encontro hipotético com os familiares das crianças. Quem, provavelmente, viria ao seu encontro? Como você poderia conduzir esse encontro com o representante da família ou responsável pela criança, que fosse até a escola? E se ninguém viesse, qual seria o segundo plano? Imagine como a própria criança poderia expressar o ocorrido. Quem sabe pedindo-lhe para desenhar a si mesma e aos seus colegas na escola e para que contar algo sobre seu desenho. Ou, ainda, observar suas brincadeiras.

O Website "*Escola Sem Bullying. Escola sem Violência*" – Plano de Prevenção e Combate ao *Bullying* e ao *Cyberbullying* é um importante instrumento de sensibilização, prevenção e intervenção, destinado a toda comunidade educativa, com vista à erradicação do problema. O programa é uma iniciativa do Ministério da Educação de Portugal, para a Prevenção e Combate ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual* em escolas de Trancoso, que pode servir de exemplo, pois se assemelha em pontos à realidade brasileira.

A figura abaixo, retirada do website citado, representa o conceito abordado neste material. Uma das atividades propostas no site é a de solicitar às crianças que "desenhe a si e aos seus colegas na escola", dando um título à sua obra e contando uma história sobre o que está acontecendo na cena desenhada. Isso poderá auxiliar no desencadeamento de diálogos a respeito de diferentes situações, sejam elas respeitadas, amigáveis ou de *Bullying*.

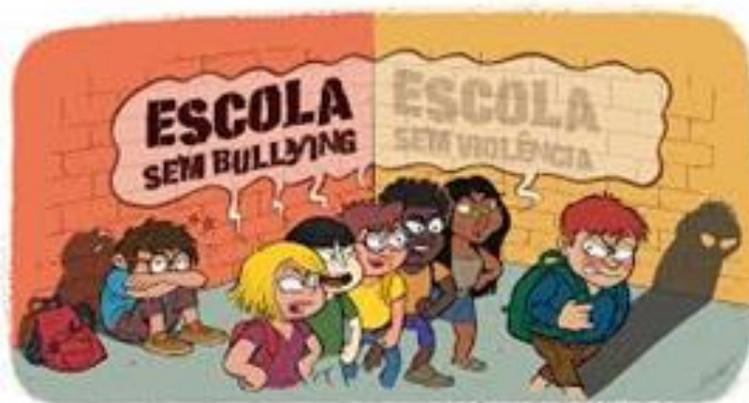


Figura "Escola sem *Bullying*. Escola sem violência.
Fonte: <https://www.semBullyingsemviolencia.edu.gov.pt/>

E agora, partindo dessas possibilidades, você consegue pensar em novas suposições sobre a conduta das crianças representadas pelos personagens? Como você responde às suas suposições anteriores a respeito dos acontecimentos?

O agressor, quando começa a fazer isso ainda pequeno, portanto, ainda estudante da Educação Infantil, constrói um padrão, permanece fazendo a mesma ação ou dizendo as mesmas coisas com objetivo de ferir o outro e, via de regra, tem um público para se exibir e não tem resposta da vítima. Fazendo isso, se sente poderoso, popular, seja de modo escancarado, com xingamentos e agressões físicas ou, ainda, de forma velada, com reclamações junto aos professores ou emitindo expressões, olhares e atitudes que evidenciam a exclusão.



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=hAeFzB8LvHU&t=45s>

Já a vítima quase sempre é uma criança retraída, com baixa autoestima, podendo ser alvo do *Bullying* por características físicas - peso, altura, cor da pele, deficiências, dificuldades ou, ainda, características que se destaquem, como o tamanho ou formato das orelhas, dos dentes, o uso de óculos - e de desenvolvimento, como a criança que ainda tem dificuldade para controlar a ida ao banheiro ou usa bico de borracha/mamadeira, por exemplo.

É igualmente importante refletir sobre o agressor e a criança que foi agredida.

Quem é a vítima e em que ela está sendo atacada?

Medidas podem ser tomadas quando se identifica quem é a vítima ou o agressor numa situação de *Bullying*. Algumas delas são apresentadas no site Up To kids, com o material "Socorro! *Bullying* na escola, o que fazer?"⁴. Outras sugestões abordam o respeito às diferenças, como o Canal da Charlotte, "*Bullying* não! Ser diferente é legal", disponível em https://www.youtube.com/watch?v=Oi3K9KDt_FY e Grandes Pequeninos, "Normal É Ser Diferente", <https://www.youtube.com/watch?v=oueAfg_XJrg>. Ambos os materiais podem ser utilizados nos últimos anos da Educação Infantil e até mesmo nos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Em geral, as consequências emocionais na vítima seguem um padrão, como mencionado anteriormente. Quanto mais violenta for a agressão, maior é o seu impacto sob a vítima.

Conhecer como a vítima está sendo atacada, ajuda a entender qual a urgência do acolhimento e o tipo de intervenção mais adequada, também pensar quais valores da vítima estão sendo ameaçados, assim, direcionar as intervenções para esses valores, trabalhando uma forma de minimizar os efeitos da agressão, dentro da sala de aula, com a comunidade mais ampla e, até mesmo, em alguns casos, encaminhando para profissionais de outras áreas especializadas, como o serviço de Psicologia ou de Fonoaudiologia.

É importante ressaltar que, quando se defendem intervenções para minimizar os efeitos, não é apenas uma intervenção direta com a criança agredida, mas intervenções que envolvam a classe como um

⁴ Disponível em <<https://uptokids.pt/o-que-podemos-fazer-para-tirar-poder-ao-bullying/>>

todo, seja no ambiente da sala de aula presencial ou no ambiente virtual. Se for perceptível que, os valores ou crenças específicas, oriundos das famílias das crianças, sua comunidade ou região, estão sendo utilizados para agressão, isso também deve ser trabalhado de maneira geral com a turma.

É preciso promover intervenção e acolhimento à criança agredida, para que ela saiba que tem um apoio, um suporte para recorrer quando essas situações acontecerem. Mas também é preciso preparar a turma em sala de aula para que essa agressão não volte a acontecer. Lembrando das especificidades dos modos de se expressar das crianças na Educação Infantil. Naturalizando as diferenças e trabalhando a prevenção, para que as agressões não voltem a ocorrer.

Algumas reflexões podem ser estimuladas em sala de aula, a partir dessas animações indicadas, disponíveis no YouTube. A partir dessas histórias é possível fazer o seguinte exercício com mais perguntas norteadoras, a seguir:

Por que um personagem agrediu outro/a(s)?

Fora as percepções mais evidentes, você consegue supor mais alguma causa?

O terceiro e último fator a ser contemplado através da questão sobre qual tipo de *Bullying* é mais comum, envolve os observadores.

Quem são os observadores/testemunhas nos exemplos que apresentamos? O que foi contemplado por eles?

Como mencionado, os observadores têm um papel primordial no *Bullying* e no *Bullying Virtual*. A posição que eles tomam pode ajudar a controlar ou potencializar as agressões. Mas a decisão deles sobre o que fazer também depende do tipo de apoio que recebem para tal.

No ambiente presencial, muitos estudantes não denunciam o que veem por medo de que as agressões possam se voltar para eles. No ambiente *Virtual*, muitos não denunciam porque não sabem como fazer a denúncia, quando essa é diretamente pela rede social. Porém,

também é importante que o ocorrido seja levado ao conhecimento das autoridades escolares. No entanto, a referência aqui é acerca das crianças pequenas que, possivelmente, necessitarão de uma mediação adequada dos adultos, da família e da escola para isso. Quanto melhor a comunicação e a colaboração entre esses dois contextos, melhor para a criança.

É importante entender que o fato de que o *Bullying* também ocorre em grupos, pode colaborar para que aquele observador se envolva com os agressores e participe das agressões ou se torne uma vítima juntamente com a que já está sendo agredida. Essa influência, tanto para se tornar agressor como para se tornar vítima, pode estar relacionada com os valores que o observador/testemunha tem.

O fato das agressões ocorrerem em grupos sociais (presenciais ou virtuais), nos faz pensar na existência de prováveis observadores. Se os valores deles vão ao encontro dos valores do agressor podem, mais facilmente, endossar e até participar da agressão. Agora, se seus valores vão contra os do agressor e são similares aos da vítima, eles podem também se tornar vítima. Num terceiro cenário, seus valores iriam contra os do agressor, mas talvez, não se assemelhando aos valores da vítima, assim, eles provavelmente interviriam na situação. Isso ressalta, mais uma vez, a importância de conhecer quais tipos de *Bullying* tem ocorrido com mais frequência na sua realidade.

O processo de conscientização e normalização dos valores, a ser compartilhado com toda a turma em sala de aula, auxilia nesse momento. O que for ensinado e exemplificado a observadores tão pequenos, fará com que eles, a seu modo, se posicionem frente a essas situações, seja compartilhando/contando o que viram ou se retirando do contexto. Tal postura contribui na prevenção, para que esse observador não se torne um futuro agressor, pois estimula a criança a ter consciência de que aquela atitude não é legal. Sendo assim, pense mais um pouco sobre:

Como você poderia criar um ambiente seguro para que as crianças em situação de testemunhas/observadoras te procurem para relatar situações de *Bullying* ou *Bullying Virtual*, na Educação Infantil? Você consegue pensar em alguma alternativa que te permita ser um canal aberto, sem causar a exposição dos estudantes que te procuram?

O que você acabou de pensar a respeito de como os observadores podem te procurar, também pode servir para as vítimas! Pensou nisso? Se um ambiente seguro e de confiança for construído, qualquer criança que esteja envolvida no fenômeno poderá se sentir mais confiante para procurar ajuda. Mas no caso de crianças tão pequenas, é preciso estar atento a outras formas, além da comunicação verbal, com que elas podem tentar expressar essas informações: nas brincadeiras, em jogos, desenhos... para isso todos os sentidos precisam estar atentos!

A escola pode identificar a prática de *Bullying* de diversas formas, a primeira delas vem da atenção dos professores às condutas das crianças em sala de aula, que percebe se alguma delas tende a se isolar, ficar deslocada dos grupos ou, ainda, se tem marcas de agressão no corpo. Ao serem percebidas alguma dessas condições, deve-se conversar com a criança, assegurando-lhe o sigilo, tal como faz o psicólogo nas sessões de psicoterapia infantil. É muito importante que seja trabalhada sua autoimagem e autoestima. Já com a criança que foi autora da agressão, é preciso trabalhar valores básicos de respeito ao outro.

O ideal é que esses ensinamentos sejam ampliados à turma, estimulando generosidade, solidariedade, empatia e senso de coletividade, de modo que se chegue à testemunha/espectador do *Bullying*, que muitas vezes apoia a agressão ou ri dela.

Há literatura disponível com algumas dicas, considerando a importância de se compartilhar com a família algumas missões para ensinar o respeito ao outro:

1. Momento de leitura de histórias e livros sobre respeito, negociação, colaboração e generosidade. Depois de ler a história, a professora pode pedir para as crianças comentarem e contarem sobre suas próprias experiências que se assemelham àquela narrativa ou mesmo desenharem algo a respeito. Se possível, direcionar a leitura para livros que abordem a temática do Bullying.

2. Interpretação com teatro e fantoches, que pode ajudar as crianças a experimentarem outros papéis e outras vozes, e a enxergarem além da própria realidade e vivenciarem outras possibilidades em um cenário de conflito, que pode ocorrer tanto com situações espontâneas como a partir de histórias contadas para elas, como orientado no item 1, ou assistidas em vídeo.

3. Atividades colaborativas: propostas de jogos e gincanas que exijam a cooperação entre crianças como forma de trabalhar o senso de coletividade, para que sejam incentivadas a dialogar, negociar e trabalhar junto com os colegas para alcançar o objetivo.

Um jogo interessante para se utilizar na Educação Infantil, até mesmo no Ensino Fundamental, em especial no 1º Ciclo, seria do tipo “cara a cara” ou “adivinha quem”, podendo ser confeccionado com fotos ou autorretratos das próprias crianças, pois ao se identificarem como personagens, podem lidar com as diferenças e o respeito.

Materiais como: “O Plenarinho”, da Câmara dos Deputados, direcionado às crianças, podem gerar rodas de conversa sobre o *Bullying*. Uma reportagem de 2009 traz, em linguagem simples, algumas sugestões para a escola e a família, para efetivação de uma cultura *antibullying* na grade curricular estudantil com canal de escuta, educação emocional, atividades em grupo em aulas específicas sobre o tema. Podemos seguir o exemplo da experiência finlandesa KiVa, que inovou ao tratar testemunhas como parte importante da solução (semelhante ao que foi abordado neste material, na orientação de pesquisas com crianças, inclusive com deficiências).

Dessa forma, é importante que os professores estejam atentos às características de intenção do autor da agressão e de repetição dessas práticas, para que seja identificado, o mais rápido possível, se o *Bullying* está presente na escola, pois ele pode deixar marcas profundas na pessoa se o processo não for interrompido rapidamente, travando o desenvolvimento daquela criança, ao menos em alguns aspectos ou, até mesmo, provocando sua evasão da escola. Ter professores preparados para enfrentar o *Bullying*, e outros desafios na escola, depende de formação continuada e capacitação constante.

Para auxiliar na identificação do fenômeno, nos **Anexos** constará uma Tabela de Acompanhamento - Educação Infantil⁵ que você pode utilizar, sempre que ficar em dúvida se o *Bullying* ou *Bullying Virtual* está acontecendo ou não na sua turma.

E por fim, promova uma **intervenção**, como momento de socialização, envolvendo toda a comunidade educativa, voltado à restituição emocional da vítima, à restauração (e não exposição) do agressor, trabalhando o processo do perdão social e compreensão sobre o ocorrido - a(s) origem(ns) da(s) agressão(ões) - de forma que, a vítima possa influenciar na mudança de atitude do agressor, e que as testemunhas façam uma autoavaliação sobre o seu papel no contexto da agressão e como poderão contribuir para a sua mitigação.

⁵ A finalidade da Tabela de Acompanhamento – Educação Infantil é registrar o tipo de agressão ocorrida e a identificação dos envolvidos, três perfis: no papel de agressor(es), vítima(s) e, por fim, se houve(ram) testemunha(s) relacionada(s) com os fatos. Depois, o registro do contexto da agressão e o que cada um dos atores relatou do ocorrido. Todas as partes devem ser escutadas e seus relatos registrados, identificando os valores e sentimentos que os envolvidos expressam, levando em consideração que todos, incluindo os agressores, têm valores (construtivos e não construtivos) que guiam as ações desses indivíduos.

Boas Práticas para abordagem do *Bullying* e o *Cyberbullying* no Ensino Fundamental –Anos iniciais

É importante que você analise e reflita sobre os assuntos e ideias tratados até aqui. Eles vão te ajudar nessa jornada. E o primeiro passo já foi dado! Você já está aqui buscando mais conhecimento e ferramentas para intervir em situações que precisam ser mudadas.

Os estudos e pesquisas desenvolvidos sobre o tema, até o momento, apontam que está na hora de pensar o papel da escola e da comunidade (pais, professores, estudantes) frente ao enfrentamento do *Bullying* e do *Bullying Virtual*, a partir da forma que pensamos, sentimos, vivemos e experimentamos as coisas no dia a dia, e considerando como outras pessoas vivem e sentem a sua realidade. Fazer essa reflexão ajuda a entender vários pontos do que foi tratado até aqui.

Para isso, teremos um segundo passo, para auxiliar você a pensar sobre o *Bullying Virtual* de acordo com a sua realidade, partindo de quatro perguntas norteadoras que vão te auxiliar a compreendê-lo mais profundamente, facilitando a elaboração da sua intervenção. São elas:

- 1. Qual o tipo de Bullying mais comum na sua realidade?*
- 2. Quem são as vítimas, agressores e observadores/testemunhas?*
- 3. Quais são os principais momentos/situações em que o Bullying ocorre?*
- 4. Quais valores os estudantes têm apresentado através do Bullying?*

No Capítulo ***Bullying e Cyberbullying no Ensino Fundamental Anos Iniciais*** (p.29) foram trabalhados aspectos teóricos e os tipos de *Bullying* (Direto e Indireto) e o *Bullying Virtual*.

Nessa perspectiva (lembre-se, temos que elencar os conceitos e as práticas), vamos voltar às perguntas norteadoras? Nesse primeiro momento vamos trabalhar a pergunta 1 e 2, porque elas estão interligadas.

1. Qual o *Bullying* mais comum na sua realidade?
2. Quem são as vítimas, os agressores e os observadores/testemunhas?

Ao perceber qual a forma mais comum de ocorrência do *Bullying* em sua realidade, É possível ter uma maior compreensão de alguns fatores: o que o agressor está querendo passar com essa agressão; como está ocorrendo o ataque e qual aspecto/valor está sendo atacado na vítima; e por fim, o que os observadores têm contemplado. Também fica mais visível quais estudantes estão, de fato, envolvidos no *Bullying* (quem são os agressores, as vítimas e os observadores/testemunhas?).

Por que é importante conhecer esses fatores?

Vamos tratar mais um pouco sobre esses papéis.

Quando se compreende a forma como os envolvidos estão pedindo socorro, é possível ter maior clareza sobre o que fazer para socorrer.

No caso do **Agressor**, que mensagem ele pretende passar com essa agressão, o que ele quer? Os agressores, talvez, sejam o grupo que mais precise de acolhimento, pois os fatores que eles apresentam em suas agressões antecedem todo e qualquer momento da agressão. Ele tem a necessidade de falar e ser ouvido. Ele tem necessidade de materiais que por sua condição socioeconômica não tem acesso. Ele tem a necessidade de canalizar seus sentimentos para algo físico. Analisando sob esta perspectiva, é possível saber como intervir e como acolher. Veja o exemplo:

Carlinhos, meu estudante de 8 anos, está constantemente agredindo de forma direta o Dudu. A forma principal que ele escolheu para praticar essa agressão é por danos materiais. O estudante que sofre a agressão, o Dudu, gosta muito de pintar, e por isso ganhou dos seus pais uma caixa bem grande de lápis de cor. Em todas as atividades na aula ele faz questão de usá-los para colorir. Carlinhos, sempre nos momentos que vamos colorir, joga os lápis de Dudu no chão e fala que usar lápis de cor é “coisa de menina”. Mais tarde, a mãe de Dudu também me procurou para falar que viu comentários maldosos sobre os desenhos de Dudu em uma rede social que ele usa para exibi-los. Pela escrita, parecia vir de outra criança, e por isso ela me procurou, pois pensou que poderia ser de algum colega de classe. O perfil não tinha foto, mas o nome era @carlos123456.

Percebe-se que há 4 figuras principais nesse exemplo: Carlinhos, Dudu, a professora e a mãe de Dudu. No momento o foco está no papel do **Agressor**, então, tente levantar aspectos relacionados ao Carlinhos e registre na **Tabela de Acompanhamento** (Anexos).

A história pode nos trazer informações importantes. Você consegue identificá-las? Quais são suas hipóteses sobre Carlinhos?

São inúmeras as hipóteses que podemos levantar pelo comportamento de Carlinhos com Dudu. E sabe o que pode auxiliar a sanar cada uma dessas hipóteses? Incluir a família no processo investigativo. A mãe de Dudu procurou a professora, a de Carlinhos

não. Então, por que não procurá-la para conhecer um pouco mais sobre a realidade da família, mesmo de um estudante veterano na escola? É importante na fase do planejamento da intervenção, se perguntar: *Eu conheço a realidade dos meus estudantes fora da escola?*

Por se tratar de uma história hipotética, mas possível de acontecer, segue outra situação:

Quando chamei a família de Carlinhos para conversar, veio somente a mãe. Ao questionar o porquê da ausência do pai, a mãe me respondeu que ele estava trabalhando, tinha mais o que fazer e disse para ela que coisa de escola é coisa para a mãe resolver. Perguntei com o que o pai trabalhava. A mãe respondeu que eles eram agricultores orgânicos. Cuidavam juntos de uma boa horta e vendiam seus produtos em feiras orgânicas e aos clientes fiéis que encomendavam. Ela também disse que vende panos de prato que ela mesma pinta para complementar a renda – OPA! Nessa hora acendeu uma luzinha... – e perguntei se Carlinhos ajudava nas atividades. Ela me respondeu que sim, na horta, pois o pai sempre cobra a sua ajuda. Que ele já tentou ajudá-la a pintar os panos de prato, mas o pai não deixou.

Pela história, se pode ver que Carlinhos vem de uma família que elaborou alguns valores sobre o machismo e que esses valores, no cotidiano, fazem parte da forma como ele se relaciona com os outros. Onde existem atividades para homens e mulheres: coisas da escola, a mãe tem que resolver, as coisas de trabalho, é o pai que resolve. Além disso, na família a criança realiza trabalhos braçais, o que remete a uma ideia de força e virilidade do homem. Mas trabalhos artesanais, que são por vezes entendidos como trabalhos femininos, ele não tem

autorização para fazer. Mas o detalhe é: ele demonstrou mais interesse pelo trabalho artesanal, e não pelo braçal.

O fato do pai sempre cobrar a sua ajuda, também enfatiza isso. A frustração de Carlinhos por ser obrigado a fazer algo que não quer e ser privado de fazer algo que sente prazer em fazer.

Elaborando mais hipóteses...

Com visíveis traços de machismo estrutural na família de Carlinhos, é possível que ele também tenha ouvido por diversas vezes que “homem não chora”, “homem é bravo”, “homem pega as coisas no laço”, entre outras afirmativas semelhantes.

E agora, com essas novas informações, você consegue pensar em novas hipóteses sobre o porquê do comportamento de Carlinhos ou as suas hipóteses iniciais foram confirmadas?

Diante desse cenário, você acha que Carlinhos aprendeu a lidar com seus sentimentos e frustrações de forma saudável? Não. Ele foi ensinado a reprimir o que sente. E isso não faz com que ele deixe de sentir ou sinta menos. Pelo contrário, faz com que Carlinhos se torne uma bomba relógio que ao ser confrontado com uma coisa que ele gosta de fazer (pintar), mas não pode, canalize toda a sua raiva, tristeza e frustração em Dudu, o menino que pinta e é incentivado pelos pais a fazê-lo.

Vale a pena explorar mais esta perspectiva da história de Carlinhos, após introduzir a história na perspectiva de Dudu.

Como está ocorrendo o ataque e o que está sendo atacado na vítima?

Em geral, as consequências emocionais na vítima seguem um padrão, como detalhado no texto base. Quanto mais violenta for a agressão, maior é o impacto na vítima. Conhecer como a vítima está sendo atacada, ajuda a entender qual a urgência da intervenção e acolhimento, e também a pensar quais valores da vítima estão sendo ameaçados. Assim, a intervenção pode ser direcionada para esses

valores, trabalhados de uma forma que busque minimizar os efeitos da agressão.

É importante ressaltar que ao tratar de intervenção(ões) para minimizar os efeitos de uma agressão, não se refere apenas à intervenção direta com a criança agredida, mas sim que envolva(m) a classe como um todo, seja no ambiente da sala de aula física ou no ambiente virtual. Por exemplo, se um valor ou crença está sendo utilizado para agressão, seria uma oportunidade de trabalhá-lo de maneira geral com a turma.

A primeira atitude, sem dúvida, é a intervenção e acolhimento da criança agredida, para que ela se sinta apoiada e tenha um suporte para recorrer, quando e se essas situações acontecerem. A próxima atitude de intervenção é preparar a turma em sala de aula, para que a agressão não volte a acontecer.

Uma vez que a vítima não realiza uma provocação aparente e que a agressão ocorre por coisas normais, tais questões podem fazer parte do dia a dia na sala, naturalizando as diferenças, e trabalhando a prevenção para evitar a recorrência.

Vontando à história de Carlinhos e Dudu...

Por que Dudu foi agredido por Carlinhos?

Além das percepções óbvias (Dudu era livre para pintar, e Carlinhos não), você consegue pensar em mais alguma hipótese?

Como as testemunhas podem agir, diante do que têm contemplado?

O terceiro, e último, fator sobre qual tipo de *Bullying* é mais comum, envolve as testemunhas/observadores. Como mencionado, eles têm um papel primordial no combate ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual*. A posição que eles tomam pode ajudar a controlar ou potencializar as agressões, a depender do tipo de abordagem e apoio da escola dá.

No ambiente presencial, a denúncia é desencorajada, pelo receio de retaliação. No ambiente virtual, por vezes, não há um canal ou

forma segura para denunciar. Contudo, é importante orientar que, tais ocorrências devem ser levadas ao conhecimento das autoridades escolares, inclusive as agressões compartilhadas pelas redes sociais.

Vale ressaltar que as testemunhas/observadores são muito vulneráveis, pois estão próximos ou participam de grupos onde há ocorrência de *Bullying* e do *Bullying Virtual*, e isso pode cooperar para que essa testemunha chegue a participar das agressões ou se torne uma vítima em potencial. Essa possibilidade pode ocorrer, de acordo com os valores que a testemunha/observador tem, pois se seus valores forem similares aos do agressor, pode mais facilmente endossar e até participar da agressão. Agora, se seus valores vão contra os do agressor e são similares aos da vítima, pode se tornar uma vítima também.

Num terceiro cenário, se os valores da testemunha forem contra os do agressor, e não havendo elementos/valores que o caracterizem como uma vítima, ela provavelmente se incline a intervir na situação. Isso ressalta, mais uma vez, a importância de reconhecer qual tipo de *Bullying* tem ocorrido com mais frequência na sua realidade. Na história de Carlinhos, não foi citado se haviam testemunhas/observadores. Porém, pelo fato das agressões ocorrerem em momentos de atividades na sala de aula e depois nas redes sociais, faz pensar que provavelmente haviam.

O processo de conscientização e normalização dos valores, com toda a turma, auxilia no encorajamento para que as testemunhas relatem as ocorrências de agressões ou se retirem da condição de envolvidos na situação. Esse processo previne que testemunhas se tornem, futuramente, agressores, pois passam a ter consciência de que essa atitude não é correta.

Pensando mais um pouco...

Como você poderia criar um ambiente seguro, para que as testemunhas te procurassem para relatar situações de *Bullying* ou *Bullying Virtual*? Você consegue pensar em alguma alternativa que te permita ser um canal aberto, sem causar a exposição dos estudantes que te procuram ou a sua própria?

Essa alternativa que você pensou para as testemunhas/observadores te procurarem, também pode servir para as vítimas! Pensou nisso? Se você contribui para que a escola seja um ambiente confiável, qualquer estudante que esteja envolvido no fenômeno poderá se sentir seguro para pedir ajuda, na medida que a escola consegue construir um sistema solidário, com valores comuns, reduzimos os riscos.

Não se trata de treinar testemunhas/observadores para se tornarem “delatores” que vigiam e “denunciam” violência, mas para trabalhar neste grupo a atenção aos valores, acordos e mostrar que em tal situação há alguém sofrendo, sendo agredido e que tais casos devem ser levados ao conhecimento coletivo. Não para julgar ou atacar o agressor, mas para mostrar que essa atitude traz consequências, para ele e para o colega agredido, e também para que todos possam se posicionar.

Para auxiliar na identificação do fenômeno, nos **Anexos** teremos uma Tabela de Acompanhamento - Ensino Fundamental⁶, trazendo como exemplo o caso de agressão entre Carlinhos e Dudu, que você pode utilizar como modelo.

Sempre que ficar em dúvida se o *Bullying* ou *Bullying Virtual* está acontecendo ou não na sua turma após o registro na Tabela de Acompanhamento, pode se passar para a etapa da **intervenção**, como um espaço social de apresentação da situação (sempre no sentido de restauração e não de exposição do agressor), envolvendo toda a comunidade escolar (incluindo pais e bairro).

Quais são as principais situações de ocorrência do *Bullying*?

Na Tabela de Acompanhamento existe a coluna que levanta esse questionamento. Então, você vai conseguir deduzir a importância de entender onde, em quais momentos e situações o *Bullying* e o *Bullying Virtual* acontecem. Esse entendimento deve ser usado a seu favor.

Anteriormente, foi mencionado que situações de conflito podem ser transformadas em momentos propícios para a aprendizagem.

⁶ A finalidade da Tabela de Acompanhamento - Ensino Fundamental é registrar o tipo de agressão ocorrida e a identificação dos envolvidos, três perfis: no papel de agressor(es), vítima(s) e, por fim, se houve(ram) testemunha(s) relacionada(s) com os fatos. Depois, o registro do contexto da agressão e o que cada um dos atores relatou do ocorrido. Todas as partes devem ser ouvidas e seus relatos registrados, identificando os valores e sentimentos que os envolvidos expressam, levando em consideração que todos, incluindo os agressores, têm valores (construtivos e não construtivos) que guiam as ações desses indivíduos.

O princípio da educação democrática é a socialização e o diálogo. Naturalmente, aparecerão conflitos, mas esses momentos podem ensinar as crianças a buscar resoluções criativas. Isso faz com que elas consigam ampliar o repertório de ações, e ver que mesmo diante de situações ruins, é possível achar novas soluções. Dessa forma, é possível conseguir prevenir que um conflito pontual volte a se repetir ou se torne *Bullying*.

Mais considerações à história de Carlinhos e Dudu...

As situações com Carlinhos ocorrem, geralmente, na sala de aula, durante os exercícios para colorir. Às vezes, a vontade de Carlinhos de pedir um lápis de cor emprestado é visível. Mas, por ser reprimido e ter sua exploração artística limitada em casa, ele não sabe como pedir e mostra esse desejo através da agressão a Dudu. Hoje, entendendo isso, é possível pensar em como trabalhar esse conflito entre Carlinhos e Dudu, para que ambos possam se ajudar, ao invés de um atacar o outro.

Como você acha que essa professora pode auxiliar no conflito entre Carlinhos e Dudu? Você consegue pensar em pelo menos 3 alternativas, a partir do que já vimos, que poderiam ser aplicadas a essa situação, que se iniciou em sala de aula e se estendeu para a internet. Tente pensar em respostas além do óbvio (além de ensinar a dividir ou ensinar Carlinhos a pedir emprestado). Lembre-se de que a situação de Carlinhos é carregada de valores e crenças que colaboram para as suas atitudes agressivas com Dudu.

Pensar e ensinar novas resoluções criativas de conflitos e compreender em quais momentos e situações o *Bullying* e o *Bullying Virtual* ocorrem, ajuda a prevenir que esses conflitos voltem a acontecer, porém é preciso buscar uma forma de ressignificar essa situação.

É comum notar que, quando se evita que um conflito aconteça (como por exemplo, separar imediatamente o agressor da vítima,

antes que as coisas piorem), mas sem dar continuidade à intervenção em outros momentos, apenas adia-se a ocorrência da agressão. Talvez, não ocorra da mesma maneira que planejado inicialmente, mas ocorrerá. Quando se pratica a ressignificação, ou seja, dar um novo sentido para a situação, aumentam-se as chances de sucesso dessa intervenção.

Mas como trazer novos significados para um conflito? A chave está em descobrir quais valores estão associados aquela prática. E com isso, chega-se à última pergunta norteadora, presente na última coluna da Tabela de Acompanhamento.

Quais valores os estudantes têm apresentado através do *Bullying*?

O texto base demonstra que nem todos os valores são positivos. Os valores guiam as nossas ações, objetivos, propósitos e normativas sociais, sejam elas boas ou ruins. Valores podem estar vinculados à agressividade, preconceitos e intolerância, como também podem estar ligados ao respeito, solidariedade e justiça. Tanto para aspectos positivos como negativos, os valores partem de uma construção social que permeia as relações entre pares, familiares, vizinhança, escola e demais contextos sociais que frequentamos.

Quando valores não promovem a igualdade e respeito nas relações, sobrepõem-se situações como o *Bullying*, que se tornam mais comuns e recorrentes. Ao contrário, quando a igualdade e respeito prevalecem, é natural que se tenha uma diminuição de situações agressivas.

Com isso, ressalta-se a importância de reconhecer os valores que permeiam a ocorrência do *Bullying* e do *Bullying Virtual* na sua escola. A partir do momento que se identifica qual valor está potencializando as agressões, é possível traçar estratégias mais efetivas para trabalhar diretamente.

Já parou para pensar que a própria ocorrência de *Bullying* pode ser, ou se tornar, um valor? Quando se naturaliza a ocorrência do fenômeno e se reforça posicionamentos tais como: "essa situação vai se resolver sozinha", "é melhor não se meter" ou "crianças são assim mesmo, elas se entendem", se passa um valor: "*tudo bem se o Bullying acontecer. Sempre aconteceu e continuará acontecendo*". Será que no seu dia a dia, esse valor da naturalização tem sido atribuído ao *Bullying*?

A afetividade é dinâmica, e conforme nos desenvolvemos ela pode

ser modificada. Já os valores possuem afetividade, mas numa profundidade muito grande, por isso são difíceis de serem modificados e refletem uma cultura.

A cultura muda ou se adapta a nova realidade, da mesma forma que os valores, lentamente.

Um aspecto muito importante para que, de fato, ocorra uma nova adaptação de um determinado valor são as experiências que expressam novas emoções e interpretações sobre esse valor. Ou seja, experiências que recriem os seus significados. Normalmente, são carregadas de significações afetivas, é possível através do afeto conseguir uma nova adaptação e relações entre crenças, culturas e ações.

É preciso ressaltar que, tratar de valores, não se restringe a intervenções pontuais que ensinem sobre respeito, igualdade, amizade, entre tantos outros valores, que são construtivos e positivos para a comunidade. Os valores precisam ser trabalhados, diariamente, nas atividades cotidianas, de forma que faça sentido para o estudante, que é possível se guiar por aquele valor continuamente.

Como criar valores sociais no coletivo da turma? Alguns momentos são propícios, tais como: alimentação coletiva, divisão de tarefas, incentivando a cooperação, e diminuindo a competição nas atividades avaliativas, esportivas ou artísticas, criação de momentos de acolhimento e solidariedade com quem está com dificuldade afetiva, cognitiva ou emocional. Se o foco for tirado das ações de julgamento e concorrência, a imaginação pode voar e pensar em mil atividades, que articulem ações coletivas. Menos *eu*, mais *nós*. Mais *todos*, menos *alguns*.

Você se lembra quais valores estavam vinculados ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual* de Carlinhos com Dudu? O principal deles foi o machismo, mas é possível identificar a naturalização da violência, para lidar com frustrações e aborrecimentos, e também a violência como forma de correção ao que Carlinhos via de errado. Porém, isso não quer dizer que Carlinhos não possua valores positivos, como respeito, amizade etc. Todavia nessa situação com Dudu, e provavelmente em situações similares, outros valores falem mais alto. Uma vez que se entende que, o agressor também possui valores positivos, é possível tentar identificá-los e trabalhar para ressaltá-los. Assim, numa próxima vez, esses valores poderão falar mais alto que os valores negativos, que favorecem situações agressivas.

Esse não é um trabalho fácil. Como mencionado, os valores têm uma raiz profunda dentro de nós. Sendo que diversos trabalhos e

estudos mostram que o ensino de valores tem um grande potencial na diminuição da ocorrência do *Bullying* e do *Bullying Virtual*.

Como transmitir valores cotidianamente de uma forma que façam sentido, recriem significados em meio a conflitos e resultem em mudanças efetivas nos estudantes?

A chave é o afeto! Através do afeto, se consegue transmitir às crianças, num primeiro momento, que elas são merecedoras desses valores e capazes de repassá-los para as demais. Isso é muito importante, visto que muitas dessas crianças têm a sua autoestima prejudicada, numa visão distorcida de si, e transmitem isso através de suas agressões, o que também gera uma visão distorcida delas nas vítimas. É um fenômeno que ataca e prejudica de todos os lados. Assim, quando se coloca afeto nas relações, há grandes possibilidades dessas relações serem transformadas.

Agora que já é possível entender, analisar e identificar de forma mais profunda as situações de *Bullying* e *Bullying Virtual*, os próximos passos propõem maior segurança para a criação das intervenções.

Além da compreensão do fenômeno, o que mais devo saber para elaborar uma única intervenção eficaz?

É preciso compreender quais intervenções farão mais sentido para as crianças. E isso ocorre quando se compreende qual o significado de mundo para elas, e como desenvolvem sua cosmovisão nessa fase, reconhecida por **terceira infância**.

Conforme as crianças crescem, mais suas capacidades cognitivas, sociais e emocionais são desenvolvidas. A partir dos 6 anos começam a desenvolver habilidades mentais significativas, formando novas formas de pensar e estruturar pensamentos, como por exemplo, o raciocínio lógico. A partir desse momento ela começa a conseguir pensar em múltiplos aspectos que podem ser considerados sobre uma determinada situação, entendem melhor a causa e a consequência, desenvolvem o raciocínio indutivo e dedutivo.

Através do raciocínio indutivo, as crianças conseguem fazer observações e chegar a conclusões gerais sobre os seus colegas de classe, por exemplo. Já o dedutivo, permite que a criança parta de

uma premissa geral para chegar a um pensamento mais específico sobre um colega ou um grupo na classe. Apesar de conseguirem enxergar múltiplos aspectos das situações, as crianças ainda pensam mais em situações vivenciadas, reais e momentâneas.

Em torno dos 7 anos de idade, as crianças passam de um momento egocêntrico, sem a compreensão da flexibilização da concepção de moral (entendida como conceito de “certo” e “errado”), para uma compreensão mais cooperativa, com maior flexibilização moral. Nessa fase, o destaque está na atenção seletiva. Portanto, o que mais chamar a atenção da criança é o que vai manter seu foco por maiores períodos.

Além da atenção, a memória também tem destaque no desenvolvimento infantil. As crianças conseguem reter com facilidade informações e, por vezes, utilizam estratégias ou elaboram planos para lembrar o que consideram realmente importante.

Elas entendem a existência de regras e a possibilidade de fazer acordos. É comum ver acordos sendo feitos em situações de jogos e brincadeiras, tais como, a “troca” e a “destroca” de brinquedos.

No contexto do brincar, entre os 6 e 8 anos, se favorece a construção das relações. Nessa fase, é o brincar que ajuda a entender o outro. A criança gosta de assumir papéis, brincar de faz de conta, com isso ela representa e também adquire novas construções sociais. A criança assume o papel de professor, mãe, pai, jogador de futebol famoso ou de um personagem da TV. Isso faz com que ela sinta, um pouco, como é estar no lugar do outro.

Ao final dos 8 anos, as crianças começam, no brincar, a entender e elaborar organizações e regras mais complexas, e com isso, aproximam-se de outras crianças com valores e práticas similares. Esse “brincar” desenvolve na criança o senso do todo, através das regras generalizadas que precisam existir para manter a ordem na brincadeira. Por exemplo: no futebol tem-se regras claras que mantêm a ordem do jogo. A criança, ao compreender essas regras, entende que elas precisam ser seguidas para que o jogo se desenvolva. Ao mesmo tempo, reconhece a sensação de que ela e o outro fazem parte daquela comunidade. Ela começa a compreender que, se não seguir as regras do jogo, todo o seu time será prejudicado. Todos serão penalizados, e isso vai gerar conflitos e desestabilização da comunidade. Por esse motivo, tem início a preocupação em seguir as regras.

Esse desenvolvimento apresentado ocorre através da interação da criança com os ciclos sociais a que ela pertence, sendo que a escola e a família se destacam dentre os demais, pois são os locais onde a

criança passa mais tempo e mais vivencia relações interpessoais.

Para responder essa pergunta, é preciso destacar alguns conceitos, ou palavras-chaves sobre a **terceira infância**. Tais conceitos representam a estratégia interventiva a ser contemplada, mais objetiva e significativa para as crianças.

Como tudo isso vai auxiliar na preparação de intervenções afetivas e significativas com as crianças?

Para responder essa pergunta, é preciso destacar alguns conceitos, ou palavras-chaves sobre a terceira infância. Tais conceitos representam a estratégia interventiva a ser contemplada, mais objetiva e significativa para as crianças:

- 🔑 Raciocínio lógico
- 🔑 Situações vivenciadas
- 🔑 Atenção seletiva
- 🔑 Compreensão de Regras
- 🔑 Brincar – assumir papéis
- 🔑 Pertencimento
- 🔑 Comunidade
- 🔑 Compreensão de múltiplos aspectos
- 🔑 Estratégias para reter informações (memória)
- 🔑 Causa e Efeito
- 🔑 Compreensão cooperativa
- 🔑 Raciocínio Indutivo e Dedutivo
- 🔑 Elaboração de acordos
- 🔑 Jogar – jogos de equipe
- 🔑 Compreensão do outro
- 🔑 Família

Esses conceitos ou *palavras-chave* fazem parte da **intervenção**. Ela precisa favorecer a criança a exercer o seu raciocínio lógico, a elaborar a composição de uma estrutura de pensamento. Para isso, se pode utilizar vivências reais, que as crianças têm no dia a dia, e ensiná-las a compreender seus múltiplos fatores, tais como as diversas culturas, pessoas, situações e ambientes, e como cada um deles evoca uma emoção e comportamento, contribuindo para o desenvolvimento do olhar sobre o outro, do respeito à história e à realidade de cada um.

Quando se consegue trazer esses valores à tona, a partir das vivências cotidianas da criança, naturalmente eles vão ganhando significado na vida delas, pois os valores se tornam palpáveis. Elas vivem e sentem esses valores todos os dias.

Você acha que na história entre Carlinhos e Dudu é possível trazer a compreensão de múltiplos fatores para ambos? Quais fatores você apresentaria? Como você poderia transformar a compreensão desses fatores no entendimento dos valores citados?

Desenvolver a estrutura de um pensamento tem relação com trabalhar o raciocínio dedutivo e indutivo. Esses raciocínios, muitas vezes, são apresentados pelas próprias crianças através das suas concepções de mundo.

Por exemplo, na história de Carlinhos e Dudu percebe-se claramente um raciocínio dedutivo que foi formado pelas vivências anteriores de Carlinhos: todo homem que pinta está fazendo coisa de mulher. E não só isso, Carlinhos também apresentou o raciocínio indutivo quando saiu do geral (todo homem que pinta) para o específico com Dudu. Dudu pinta, por isso está fazendo coisa de mulher. Você conseguiria pensar em uma forma de trabalhar o raciocínio dedutivo e indutivo de Carlinhos mostrando uma nova concepção de que pintura não é só coisa de mulher?

Você consegue pensar em alguma atividade que poderia ser feita em sala de aula aproveitando o conteúdo curricular, para trabalhar a compreensão do todo e a compreensão do específico, de forma positiva? Você considera que isso seria possível a partir dos Temas Contemporâneos Transversais da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)⁷?

Ainda sobre essa atividade, é preciso que ela retenha a atenção seletiva dos estudantes, então é preciso conhecer do que esse público gosta para saber como atrair a atenção seletiva deles. Conforme crescem, ficam mais exigentes com o que prende sua atenção, e nem sempre essas exigências são conscientes.

Juntamente com a atenção seletiva, é preciso pensar em estratégias de memorização do que foi trabalhado. Talvez criando rimas ou uma música em conjunto com os estudantes, sobre os valores trabalhados, para ser cantada em sala, como hino da turma. Lembre-se que intervenções pontuais são necessárias para lidar com as agressões no momento em que essas acontecem, mas também intervenções a longo prazo são necessárias para impedir a ocorrência de novas agressões.

⁷ Cadernos Temáticos Série Temas Contemporâneos Transversais (TCTs/BNCC), disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/pro-bncc/material-de-apoio/>>.

É necessário que existam regras claras sobre o *Bullying* e o *Bullying Virtual*, para que haja intervenção, correção e reflexão sobre suas consequências. Quando se fala sobre intervenções com *Bullying*, há uma ênfase na elaboração e clareza das regras. Ou seja, é preciso valorizar a compreensão mais profunda sobre as regras e a nova habilidade de fazer acordos que as crianças desenvolveram. Querer corrigir, sem antes ensinar o que é, não é aceitável, é injusto. As regras precisam estar claras, inclusive para nós, profissionais da educação, pois não é possível tratar nossos estudantes de forma desigual. As regras têm que ser válidas para todos.

É importante ressaltar a elaboração de um guia, sobre a conduta a ser seguida entre os estudantes, nas relações presenciais ou virtuais. Pense nessa elaboração em conjunto com a turma, faça acordos, escute, esteja atento. Isso contribui para a sensação de pertencimento, pois eles se tornam ativos na comunidade.

Não se pode esquecer a riqueza que o brincar e o jogar trazem para o desenvolvimento do raciocínio, pertencimento e compreensão do outro. Por isso, desenvolva, sempre que possível, brincadeiras que permitam aos estudantes assumir papéis. Ajude a criança a “se colocar” no lugar do outro. Trabalhe com jogos de equipe. Ensine a importância e a tolerância do coletivo, para que assim, as acusações deem lugar à compreensão, apoio e pertencimento à comunidade.

Por fim, trabalhe junto com a família. Já foi mencionada a importância de conhecer a família dos estudantes. Muitas questões podem ser respondidas através dessa interação, pois os valores iniciais nas crianças foram cultivados pela família. Nem sempre essa cooperação acontecerá como esperado, mas quanto mais próxima, e mais envolvida, mais rico o processo será e quanto menor a interação com a família, mais difícil será elaborar intervenções efetivas e afetivas.

Elaborei o projeto... isso é suficiente?

Agora que você tem mais elementos para elaborar intervenções, de acordo com a sua realidade, sua abordagem pode se tornar mais (re)significativa e carregada de afetividade. Proponha, a partir da sua realidade em sala de aula, um projeto de prevenção e intervenção ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual*. Defina seus objetivos e quais serão os primeiros passos para alcançá-los. Esta iniciativa te ajudará a desenvolver cada vez mais as suas ideias de intervenção e prevenção! Explore todos os recursos a seu favor, da caneta e papel até às redes

sociais! Grande parte das intervenções para situações presenciais, podem ter continuidade no mundo virtual. Se na hora de elaborar a sua ação de intervenção, ela não fluir tão bem, não se preocupe! Seja flexível! Faça primeiramente um rascunho, converse com o seu público e tente de novo!

Às vezes, trabalhar um projeto em conjunto com os estudantes pode ser mais difícil do que se pensa, pois o projeto precisa fazer sentido para todos os envolvidos.

Os desafios enfrentados diariamente podem dificultar essas interações para estabelecer um contato direto ou mesmo conhecer pessoalmente a história do outro. Mas você conhece a sua história e o que te levou até a sala de aula. Então nesse momento, reflita sobre o que te fez querer ser professor(a), se a sua formação docente se iniciou muito antes da faculdade, com sua família, quando você aprendeu seus primeiros valores e se foram complementados na escola, quando você teve seus primeiros contatos com os seus professores. Certamente você teve professores que marcaram a sua história e que você guarda com um carinho imenso, e outros que não te faz bem lembrar.

A faculdade promove conhecimento técnico sobre como ser professor(a). A prática se aprende no decorrer da vida. Será que está na hora de repensar sua história, práticas e, talvez, seus próprios valores, para poder cultivá-los nos corações e mentes dos seus estudantes? Reflita sobre sua história, a reescreva, mude! É através do autoconhecimento que vem a transformação.

O maior exemplo que seu estudante pode ter, é você!

Boas Práticas para abordagem do *Bullying* e o *Cyberbullying* Ensino Fundamental – Anos Finais

Depois de todos os conceitos apresentados até aqui, essa parte do texto aborda algumas ações específicas para os estudantes do Ensino Fundamental, Anos Finais. As análises propostas servirão de alicerce para trabalhar e desenvolver ações que diminuam o impacto de ações violentas envolvendo o *Bullying* e o *Bullying Virtual*, fazendo sempre essa reflexão para entender os vários pontos que estamos abordando.

Pesquisas propõem que, na planificação para uma intervenção, para se ter algum nível de sucesso, é importante saber:

- *Onde as coisas aconteceram, ou estão acontecendo?*
- *Há quanto tempo essas ações ocorrem?*
- *Quem está envolvido?*
- *Qual o grau e intensidade desse envolvimento?*

Por outro lado, é necessário que existam constantes aproximações para se discutir os fundamentos das ações violentas (crenças, valores sociais envolvidos etc). Os gestores, professores, pais e responsáveis podem participar de algumas ações no contexto da escola, tais como:

1º) Ações de intervenção: identificando as ideias, ou valores sociais construtivos, que sirvam como referência, para manifestações coletivas como alternativa para diminuir o conflito e inspirar campanhas, como "*O Bullying não me machuca apenas, nos machuca a todos*" ou "*Quando você bate em um colega, todos somos machucados*". Os coletivos promovem empatia e buscam o consenso.

2º) Campanhas Escolares: podem ser úteis, mas não deixe de promover ações específicas na turma, por conta do tempo pedagógico, das idades e características das crianças.

3º) Ações periódicas específicas sobre *Bullying* e *Bullying Virtual*: transversais aos conteúdos curriculares e calendário escolar, privilegiando atividades práticas, fóruns, rodas de conversas, visitas, dramatizações, filmes sobre a temática (inclusive, estimulando a produção pelos próprios estudantes e comunidade escolar). Todos, família, escola e comunidade, devem estar comprometidos e atuantes.

Para ações periódicas e de intervenção não é recomendável que apenas se replique exemplos da escola X ou Y, pois podem não dar certo na sua escola e impedir a execução de propostas que seriam exitosas. Procure sempre ouvir sua comunidade: seus pares, estudantes e pais, partindo das experiências de cada um. Desde o que essas famílias vivenciam, suas lutas, dificuldades e fortalezas. Isso ajudará a revigorar a vida do estudante.

Como podemos começar uma intervenção?

As intervenções devem partir de ações concretas.

Uma sugestão é partir das perguntas norteadoras, úteis para analisar a situação que você vive na sua escola, ou situação específica, e dessa forma conseguir aprofundar a compreensão do fenômeno e facilitar a escolha da sua intervenção:

- 1. Qual o tipo de *Bullying* ou *Bullying Virtual* com maior ocorrência?**
- 2. Quem são as vítimas, agressores e testemunhas?**
- 3. Quais os principais momentos/situações em que o *Bullying* ou o *Bullying Virtual* ocorre?**
- 4. Quais valores os estudantes têm apresentado através do *Bullying* ou o *Bullying Virtual*?**

Relembre os tipos de *Bullying* apresentados na parte inicial deste texto. Existem dois tipos principais: direto e indireto. O direto se refere a agressões verbais, físicas e danos materiais. O indireto é relacional,

parte de rumores, boatos, fofocas e exclusões sociais. Ambos se fazem presentes em um terceiro tipo, o *Bullying Virtual*.

Agora que você relembrou os conceitos, procure criar uma articulação com suas práticas e volte às perguntas norteadoras para auxiliar na intervenção!

Quando se compreende a forma como crianças e adolescentes, entre 11 e 14 anos, enfrentam a sua realidade e a forma como pedem socorro, tanto agressores, quanto vítimas e testemunhas, é possível ter maior clareza sobre o que fazer para ajudá-los.

Agora, vamos analisar essa situação hipotética:

Ronaldo, um estudante do 7º ano, é tímido. Três estudantes do 8º ano o têm espancado com recorrência, duas vezes ao longo da semana, dentro e fora da escola, especialmente na volta para casa. Inicialmente, Ronaldo permaneceu calado, mas, ultimamente tem sentido pânico, dificuldades de atenção em sala de aula e tem faltado com muita frequência. A família relatou que ele sai de casa e toma sozinho o ônibus para a escola. Contudo, ele não tem comparecido nas aulas. A professora soube que ele está muito agressivo com os pais e não quer mais brincar com os amigos do bairro. Os três agressores moram na mesma região (mas longe do bairro do Ronaldo). Um deles foi vítima de *Bullying* no 4º e no 5º ano, e quando chegou ao 6º, se tornou uma criança agressiva e violenta. Os outros dois também têm um histórico de agressões à outras crianças.

O texto apresenta 4 categorias principais nesse exemplo: a vítima, Ronaldo; os três agressores, a família e a professora de Ronaldo.

A história pode nos trazer informações importantes sobre eles. Você consegue identificá-las? Quais são suas hipóteses sobre o que acontece com eles?

Para iniciar a avaliação, comece traçando o perfil dos agressores. Inúmeras hipóteses podem ser levantadas, a partir do comportamento dos agressores com Ronaldo. O que pode ajudar a compreender cada uma delas é incluir a família no processo. A partir dessa primeira análise, é possível levantar outras perguntas essenciais:

- **O problema com os três agressores é somente de Ronaldo?**
- **Quais soluções podem ser pensadas?**
- **Que tipo de ações podem ser propostas?**

É importante na fase do planejamento da intervenção, conhecer a realidade dos estudantes fora da escola. Então, porque não procurar as famílias para conhecer um pouco mais sobre a realidade de cada uma. Por se tratar de uma história hipotética, mas possível de acontecer, vamos acrescentar mais alguns detalhes familiares:

Quando as famílias dos três agressores foram chamadas para conversar, apenas duas compareceram. A Direção, ao indagar sobre a ausência, foi informada que os pais estão passando por um divórcio, e que o pai foi denunciado por violência doméstica, a mãe relatou que está enfrentando muitas dificuldades pessoais, além de constantes embates com o filho (um dos agressores). Na outra família, a mãe teve uma atitude colaborativa, mas o pai quis justificar as ações do filho, dizendo “no passado eu também apanhava, meu filho só está se defendendo, se o garoto apanhou foi porque mereceu”. Somente em um caso os pais estavam dispostos a colaborar com o processo.

Pela história, pode-se ver que as três famílias apresentam características, modelo de relacionamento e de resolução de conflitos diferentes. Uma família com violência explícita, uma que justifica as ações numa premissa “olho por olho” e outra disposta a colaborar.

No primeiro caso, da mãe que carrega um histórico de vítima de violência e lida com embates com o filho, é possível vislumbrar a necessidade de apoio profissional junto ao adolescente, de uma rede de colaboração coletiva que o acolha e o aconselhe a resolver suas dificuldades de outra forma.

A segunda família parece enfrentar de forma dividida a situação, sendo que a mãe está disposta a se envolver e o pai está justificando as ações do filho em função dele ter sido vítima de *Bullying* no passado.

Contudo, sempre teremos pais ou famílias dispostos a colaborar, mas entendendo que essa colaboração não pode se tornar uma “muleta” para as famílias, nem para os estudantes. O problema precisa ser encarado e resolvido. O papel desses coletivos na escola é acolher, ser solidário, criar relacionamentos, abrir o diálogo, mostrar como a vida pode ser compartilhada e coletivizada a partir da dor e da alegria. Esses espaços são fundamentais para que as famílias dos agressores não sejam apenas vistas como famílias “problemáticas”, mas como famílias com fortalezas e com dificuldades. Sempre respeitando as decisões e comprometendo todos os que estão envolvidos.

E agora, com essas informações adicionais, você consegue pensar em novas hipóteses sobre o comportamento dos três rapazes? Ou as suas hipóteses iniciais foram confirmadas?

Mas, há outras hipóteses: traços de machismo estrutural nas famílias. Em uma das famílias, o pai estimula que o filho revide aos ataques e a outra sofre com violência doméstica e, provavelmente, carrega consigo imagens de agressão, imposição e desrespeito. Tais traços geram disfuncionalidades e sofrimento. No caso do pai que justifica as ações do filho, é possível que ele também tenha ouvido na infância que “se apanhar, revide!”, que “homem não chora” e outras afirmativas semelhantes. Esse tipo de valor cultural faz parte de um processo que deve ser discutido com os estudantes sobre os estereótipos de “masculinidade” e “feminilidade”. Como eles pensam essas diferenças? Outras questões podem se seguir: como a cor da pele, a condição socioeconômica ou as características físicas ou psicológicas possam ser vivenciadas? Quais possibilidades de diálogo se consegue vislumbrar em sala de aula?

Não existem receitas prontas para resolver um problema complexo como o *Bullying*, até porque trata-se de um processo que deve ser preventivo e constante, desde o primeiro até o último dia de aula, e não somente quando a violência surge.

Agora, com foco na vítima, seguem outros aspectos relevantes:

- **O que está sendo atacado na vítima e como?**

Em geral, as consequências emocionais na vítima seguem um padrão, como mostrado no capítulo introdutório. Quanto mais violenta for a agressão, maior é o impacto na vítima. Conhecer como a vítima está sendo atacada, ajuda a entender qual a urgência da intervenção e acolhimento, identificar quais valores estão sendo ameaçados, direcionando a intervenção para eles, de forma que busque minimizar os efeitos da agressão.

É importante ressaltar que, a intervenção para minimizar os efeitos do *Bullying*, não é uma ação direta apenas com a vítima, envolve a classe como um todo, seja no ambiente da sala de aula ou no ambiente virtual. Ao perceber que um valor ou crença, em específico, está sendo utilizado para agressão, este ponto deve ser trabalhado de maneira geral com toda a turma, numa perspectiva preventiva, para evitar a ocorrência de tais atos.

Retornando à história do Ronaldo e os três colegas que o agrediram, tente extrair mais algumas hipóteses:

- **Por que Ronaldo foi agredido pelo grupo?**
- **Fora as percepções óbvias (Ronaldo ser tímido e não se abrir com outras pessoas), você consegue pensar em outras hipóteses?**

O terceiro e último fator a ser contemplado nessa situação envolve as testemunhas/observadores:

- **O que as testemunhas têm contemplado?**

Como tratado, as testemunhas/observadores têm um papel primordial no combate do *Bullying* e do *Bullying Virtual*. A posição que eles tomam pode ajudar a controlar ou potencializar as agressões. Mas a sua decisão vai depender do apoio que a escola dará.

No ambiente presencial, muitos não denunciam o que viram por medo de retaliações. No ambiente virtual, a dificuldade é desconhecer os canais seguros para fazer a denúncia, se diretamente pela rede social ou se levando ao conhecimento das autoridades escolares.

Como mencionado, o *Bullying* e o *Bullying Virtual* podem levar a testemunha para um dos dois papéis: vítima, juntamente com quem está sendo agredido ou agressor. Dependerá da aproximação dos seus valores, se com os do agressor (onde a testemunha pode mais facilmente endossar, e até participar da agressão) ou similares/simpatizantes com os da vítima. Num terceiro cenário, seus valores iriam contra o agressor e talvez não se assemelhassem aos valores da vítima. Isso ressalta, mais uma vez, a importância de conhecer qual o tipo de *Bullying* ou *Bullying Virtual* tem ocorrido com mais frequência na sua realidade. O processo de conscientização e normalização dos valores com a turma toda, citado na intervenção com as vítimas e com os agressores, também auxilia nesse momento com as testemunhas, e previne que se tornem futuros agressores.

Na história de Ronaldo as testemunhas não foram citadas. Porém, como as agressões ocorrerem dentro da escola (e talvez, esses momentos tenham sido compartilhados nas redes sociais), provavelmente haviam testemunhas/observadores.

Pensando mais um pouco:

- **Você poderia criar um ambiente seguro para que as testemunhas/observadores lhe procurassem, caso vissem situações de *Bullying* ou *Bullying Virtual*?**
- **Você conseguiria pensar em alguma alternativa que lhe permitisse ser um canal aberto, sem causar a exposição dos estudantes que lhe procurassem?**

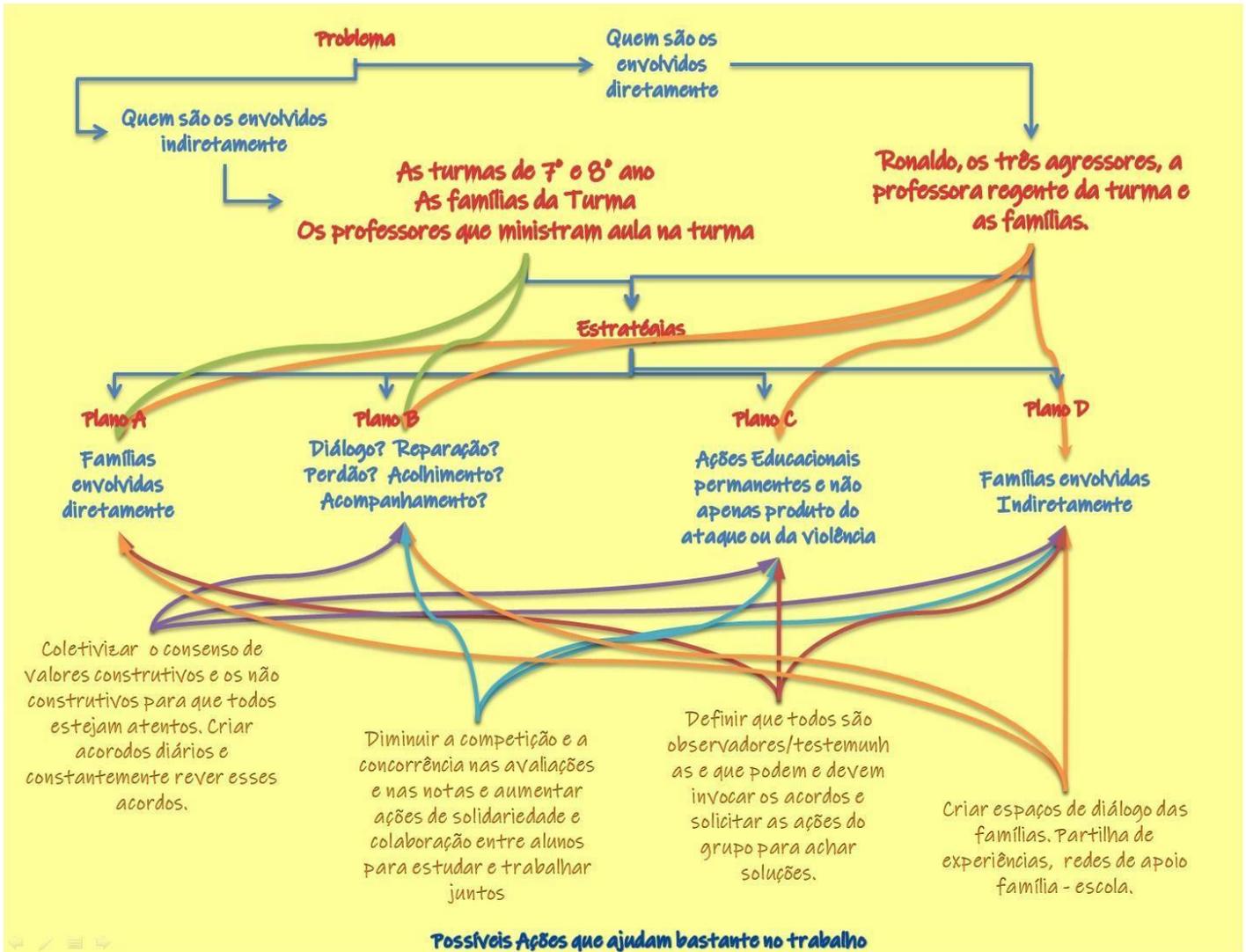
O que você acabou de pensar sobre como as testemunhas/observadores podem te procurar, também pode servir para as vítimas! Pensou nisso?

Se você constrói constantemente esse ambiente seguro e de confiança, qualquer criança, que esteja envolvida no fenômeno, poderá se sentir mais segura para lhe procurar e pedir ajuda.

Na medida em que conseguimos criar um sistema solidário, com valores comuns, reduzimos os riscos. Criar valores sociais no coletivo da turma. Como fazer isso? Realizando as refeições coletivamente, dividindo tarefas, desestimulando a competição nas atividades

avaliativas, proporcionando momentos de solidariedade com quem está afetiva, cognitiva ou emocionalmente em dificuldades. Se o foco for tirado da ideia de julgar e concorrer, com certeza a sua imaginação pode voar e pensar em várias atividades articuladas coletivamente, com o lema "Menos eu, mais nós. Mais todos, menos alguns".

A partir do caso hipotético, segue um esquema que pode ajudar a propor uma intervenção coletiva. Se preferir, reconstrua o esquema com a ajuda de outros professores e pais interessados:



Para auxiliar na identificação do fenômeno, tomando por base o caso do Ronaldo, nos **Anexos** constará uma Tabela de Acompanhamento - Ensino Fundamental - Anos Finais⁸. Você poderá utilizá-la como modelo, sempre que ficar em dúvida se o *Bullying* ou *Bullying Virtual* está acontecendo ou não na sua turma.

Como usar essa tabela? Identifique o tipo de agressão e o/s agressor/es, a/s vítima/s e depois se houve testemunha/s relacionada/s com os fatos. Registre o contexto da agressão e o que cada um dos atores disse sobre o ocorrido. Sempre escute todas as partes e identifique os valores e sentimentos que as pessoas expressam.

Neste capítulo, a proposta trata da abordagem do Bullying e do Bullying Virtual a partir da realidade dos estudantes do Ensino Médio. O que foi apresentado nos capítulos introdutórios será o alicerce para trabalhar e desenvolver ações que diminuam o impacto da violência, de forma a analisá-la e enfrentá-la.

Considere que todos, incluindo os agressores, têm valores que os guiam em suas ações (valores construtivos e não construtivos). Depois de tudo registrado, veja como todos os atores envolvidos podem fazer parte de uma intervenção, que deverá ter um espaço social de apresentação (sempre no sentido de restauração e não de exposição do agressor). O momento da socialização deve envolver todos os atores e a comunidade escolar, incluindo os pais.

⁸ A finalidade da Tabela de Acompanhamento – Ensino Fundamental /Anos Finais é registrar o tipo de agressão ocorrida e a identificação dos envolvidos, três perfis: no papel de agressor(es), vítima(s) e, por fim, se houve(ram) testemunha(s) relacionada(s) com os fatos. Depois, o registro do contexto da agressão e o que cada um dos atores relatou do ocorrido. Todas as partes devem ser escutadas e seus relatos registrados, identificando os valores e sentimentos que os envolvidos expressam, levando em consideração que todos, incluindo os agressores, têm valores (construtivos e não construtivos) que guiam as ações desses indivíduos.

Boas Práticas para abordagem do *Bullying* e o *Cyberbullying* no Ensino Médio

Neste capítulo, a proposta trata da abordagem do *Bullying* e do *Bullying Virtual* a partir da realidade dos estudantes do Ensino Médio. O que foi apresentado nos capítulos introdutórios será o alicerce para trabalhar e desenvolver ações que diminuam o impacto da violência, de forma a analisá-la e enfrentá-la.

Mais uma vez será indicada a participação fundamental de Gestores, Professores e Pais, para ajudar a consolidar no contexto da escola as ações principais de combate ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual*.

1º) Intervenção da totalidade da comunidade educacional: procurando identificar as ideias ou valores sociais construtivos que sirvam como referência para que o coletivo se manifeste nesse sentido. Na medida que o coletivo identifica e divulga valores que reúnem as pessoas, podemos encontrar alternativas para diminuir o conflito. Os exemplos de coletivos do Ensino Fundamental/Anos Finais, também podem inspirar as práticas no Ensino Médio, tais como "O *Bullying* não me machuca apenas, machuca todos nós". Os coletivos são espaços que promovem a empatia, a contenção e consenso.

2º) Transversalidade em sala de aula: propor atividades periódicas referentes ao *Bullying* ou ao *Bullying Virtual* com abordagens transversais aos temas e conteúdos do ano escolar. Além de discutido, presente em atividades práticas: rodas de conversa, fóruns, visitas guiadas, dramatizações, filmes (inclusive, produzidos pelos próprios estudantes ou pela comunidade escolar), que destaquem a realidade: O *Bullying* é um problema de todos: famílias, escola e comunidade.

3º) Campanhas e Parcerias: aproveite que seu público do Ensino Médio tem mais autonomia e incentive-o a promover eventos e estabelecer parcerias com órgãos e instituições não governamentais. Estimule o protagonismo juvenil por meio da abordagem do combate ao *Bullying* ou ao *Bullying Virtual*.

Contudo, não é recomendável que as propostas de intervenção sejam cópias dos projetos das outras escolas. Por meio do protagonismo juvenil e da participação dos pais e da comunidade, sua escola poderá criar/elaborar uma ótima ação de intervenção.

Como começar uma intervenção?

Para executar ações concretas numa proposta de intervenção, as perguntas norteadoras vão direcionar os primeiros levantamentos, para aprofundar a compreensão do contexto da violência na sua escola, facilitando a sua elaboração:

- 1. Qual o tipo de *Bullying* ou *Bullying Virtual* com maior ocorrência?**
- 2. Quem são as vítimas, agressores e testemunhas?**
- 3. Quais os principais momentos/situações em que o *Bullying* ou o *Bullying Virtual* ocorrem?**
- 4. Quais valores os estudantes têm apresentado através do *Bullying* ou o *Bullying Virtual* ?**

Ao identificar qual a forma mais recorrente de *Bullying* ou *Bullying Virtual* no contexto escolar e seus atores: vítimas, agressores e testemunhas/observadores, o próximo passo é identificar os valores, dificuldades e a realidade de vida, principalmente dos agressores e das vítimas e partir para as ações práticas. Como podemos escutá-los e saber o que se passa em suas vidas? Quais as suas necessidades? Como eles canalizam suas dificuldades?

Quando compreendemos a forma como os adolescentes, entre 15 e 18 anos, enfrentam a sua realidade e a forma como estão se expressando e pedindo socorro, conseguimos ter clareza sobre a melhor forma de ajudá-los.

Como visto anteriormente, os dois grupos mais vulneráveis são: as vítimas e os agressores. Talvez, o grupo que mais precise de atenção seja o dos agressores, pois os fatores que os motivam antecedem o momento da agressão.

Conhecendo esses fatores, é possível intervir e até mesmo acolher o estudante agressor e não somente punir, o que pode até gerar mais dificuldades. Veja o exemplo a seguir. Nele, as figuras principais são: Julieta, 4 agressores principais, as famílias, da vítima e dos agressores, a Diretora, a Professora e as testemunhas.

Primeiramente, foque sua análise nos adolescentes agressores e procure encontrar as seguintes respostas:

O que os agressores expressam com essa atitude?

São inúmeras as hipóteses que podem ser levantadas, a partir do comportamento desses estudantes com Julieta. É preciso incluir a família nesse processo, para ajudar a refinar as hipóteses.

Algumas perguntas podem ser orientadoras nesse processo:

- **O problema é apenas entre Julieta e os agressores?**
- **Quem mais está envolvido nessa situação?**
- **Que tipo de ações poderiam ser propostas?**

Envolver as famílias nesse processo e conhecer mais um pouco das suas especificidades é uma ação estratégica. Muitas vezes, o fato do estudante ser veterano e suas famílias conhecidas na escola, não é determinante para se conhecer a realidade em que vivem. Então, é importante na fase do planejamento da intervenção, se perguntar: Qual a realidade dos estudantes fora da escola?

Veja o detalhamento abaixo:

Há um ano Julieta (15 anos, aluna do 1º ano do Ensino Médio) estava sendo vítima de *Bullying Virtual*. Quatro alunos criaram uma página web chamada "A turma não suporta a Julieta!", e convidavam pessoas a participar. Os participantes aumentaram. Ataques, xingamentos, memes e ameaças surgiram. A situação saiu de controle e a página foi removida. Julieta sabia da existência da página, mas ficou calada. Passou a se sentir cada vez mais triste e desorientada. Uma colega falou com uma professora da turma. Elas decidiram falar com a Direção. Os ataques estavam cada vez mais violentos, expondo a vida da Julieta. Já não era apenas um problema na turma, mas na Escola e na cidade. A Diretora falou com os pais dos criadores da página: um menino e três meninas. Como eles deixavam constantes registros na página e incentivavam as agressões à Julieta, foi fácil identificá-los, porém pelos perfis falsos não foi possível identificar os outros agressores. A intervenção nesse caso foi um processo complexo, mas necessário, pois obrigou a todos, famílias, escola e comunidade a se envolverem nas soluções. Na conversa com os quatro agressores, a Diretora percebeu que eles não tinham noção do estrago que estavam causando à Julieta. Para eles, a zombaria não parecia ser algo que ultrapassava limites infranqueáveis. Julieta entrou em depressão e precisou de ajuda psicológica e psiquiátrica. Sua família foi prejudicada. Contudo, seu pai, apesar de muito revoltado com a situação, apoiou uma ação de conscientização coletiva para refletirem sobre o que foi feito com sua filha. A primeira ação foi trabalhar somente com os agressores. Foi pedido que lessem algumas das mensagens que tinham postado ao longo dos meses, em que a página esteve no ar. Duas das meninas não conseguiram continuar a leitura e choraram muito. Manifestaram que não tinham a mínima ideia das "besteiras" que estavam falando e das consequências delas, acharam que era uma "brincadeira" e que não haveria prejuízo para ninguém. Depois da exposição de suas emoções sobre o ocorrido, foi combinado que eles falariam à turma para ler algumas mensagens e expor seus sentimentos com pedido público de perdão à Julieta.

A história pode nos trazer informações importantes. Você consegue identificá-las? Quais as suas hipóteses sobre o que acontece com eles?

A forma como nos relacionamos e expressamos sentimentos com os nossos filhos é a forma como os ensinamos a sentir, se expressar e se relacionar. É comum ver que em famílias onde ocorre grande permissividade, os filhos não aprendam a lidar com frustrações de uma forma saudável. Então, podem canalizar essas frustrações em forma de agressão e se envolverem em situações de *Bullying* e *Bullying Virtual* buscando, inconscientemente, o alívio desse sentimento.

Agora, segue abaixo uma complementação do exemplo. Com essas informações adicionais, você consegue pensar em novas hipóteses sobre o porquê do comportamento dos agressores ou as suas hipóteses iniciais foram confirmadas? Por se tratar de uma história hipotética, mas possível de acontecer, vamos trabalhar com os possíveis comportamentos que as famílias podem demonstrar:

As famílias dos agressores foram chamadas na Escola para conversar. Duas compareceram e as outras duas não. No início da conversa, foi perguntado sobre as relações familiares. Essa hora requer atenção pois, a linguagem não verbal, a entonação de voz, olhares, trejeitos, podem revelar muito além do que foi dito. A família de uma das meninas a questionou sobre o porquê de sua atitude, pois ela tinha total liberdade. Eles trabalhavam dia e noite para que ela tivesse conforto. Quando perguntado sobre a rotina familiar, percebeu-se que não é frequente, a família se vê mais aos fins de semana, quando os pais não viajam a trabalho. Já com a família da segunda menina, notou-se uma completa intolerância ao comportamento dela. A mãe e o pai ficaram abismados, expressando grande irritação, e quiseram garantir que em casa ela sofreria as consequências. Contudo não lhes foi pedido que executassem punição, mas que ficassem atentos e participassem dos procedimentos de intervenção. As famílias do menino e da outra menina não compareceram e quando a Diretora ligou, pedindo para remarcar a conversa, as mães falaram que não iriam, o argumento foi o mesmo: “isso é natural, eles se resolveriam sozinhos”. As famílias receberam apoio e foram conscientizadas sobre o ocorrido e as melhores formas de lidar com a situação. Foi incentivado o diálogo, a empatia, a compreensão dentro da família, bem como tempo de qualidade e tempo supervisionado das atividades que os filhos realizam. Também foi incentivada a não violência como punição ao ocorrido.

Pela história, é possível perceber que as famílias apresentam diferentes formas de lidar com as dificuldades que seus filhos têm. Possuem relacionamentos e resolução de conflitos distintos. Uma família entende que bens materiais e liberdade irrestrita é a melhor forma de demonstrar amor e confiança à sua filha. A outra família acredita que a punição exemplar é a melhor forma de educação. Sem flexibilidade ou diálogo. A terceira e quarta família têm dificuldades em se envolver com seriedade, e acaba normalizando os atos, de modo que seus filhos desconhecem a cultura e os valores do bom convívio social.

O objetivo desse exercício não é culpabilizar as famílias pelos atos errôneos de seus filhos. Normalmente, os pais oferecem o melhor que têm. Educam da forma que foram educados. Isso não faz deles pais ruins, apenas pais que acertam em algumas coisas, erram em outras e precisam melhorar, como todos nós. Porém, é preciso ressaltar que a dinâmica familiar, principalmente quando relacionada com agressividade doméstica, imposição extrema de limites ou total ausência desses, influencia diretamente nas relações do adolescente na escola. Conseqüentemente, influencia na sua relação com o *Bullying*.

Também é comum famílias com extrema rigidez e correções que se tornam agressões verbais e físicas, e conseqüentemente, filhos que carregam em si um acúmulo de sentimentos ruins. Eles não foram ensinados a lidar com esses sentimentos. E ouvir tantas afirmações negativas ou punições/agressões físicas (muitas vezes, sem nenhuma explicação do porquê), causa o efeito de bomba-relógio nos filhos. Por serem constantemente reprimidos, e sem saber como extravasar de maneira saudável, eles atenuam esses sentimentos da forma que aprenderam em casa, através das agressões.

A outra situação mostra que, famílias que não levam com seriedade os comportamentos e desejos dos seus filhos, acabam naturalizando comportamentos não aceitáveis, buscando justificar como: "normal da idade", "já isso passa" ou "deixa que eles resolvem sozinhos". Por vezes esses pais delegam à escola o seu papel de transmitir valores, que deveriam ter vindo de casa. Isso faz com que os filhos tenham dificuldades em entender os limites entre "certo e errado", e busquem prazer a qualquer custo, mesmo ao custo da saúde emocional do outro. Não se pode ignorar que o *Bullying* faz o agressor se sentir no controle, e isso pode reforçar a continuidade das agressões.

É preciso incluir a família no processo. Alinhar a intervenção a ser feita na escola, para que a família dê continuidade em casa. Assim, incentiva-se a família a compreender a importância do seu papel de acolher, escutar, acompanhar e ser solidária. Criar relacionamentos, abrir o diálogo, mostrar como a vida pode ser compartilhada e coletivizada a partir da dor e da alegria. Esses espaços são fundamentais para que as famílias dos agressores não sejam vistas apenas como “problemáticas”, mas famílias resilientes, com seus pontos fortes e fracos, como qualquer outra. Sempre haverá pais e famílias colaborativas e outras não tão dispostas. Porém, mesmo colaborando com a escola, a responsabilidade pelos filhos é da família. A escola é apenas mais um espaço de apoio.

É importante refletir sobre os históricos familiares em grupos e encontros, para diálogos e reflexões sem, contudo, ser invasivos demais. Sempre respeitando o sentimentos e integridade dos envolvidos, exercitando a empatia.

Não existem fórmulas prontas que vão resolver todos os problemas. A intervenção às ocorrências de *Bullying e Bullying Virtual* devem ser um processo constante, durante todo o ano letivo, e não somente quando a violência é identificada.

O próximo ponto é muito relevante, vai tratar da abordagem com a vítima:

• O que está sendo atacado na vítima e como?

Em geral, as consequências emocionais na vítima seguem um padrão, como visto no texto base. Quanto mais violenta for a agressão, maior é o impacto na vítima. A intensidade do ataque à vítima determina a urgência da intervenção e acolhimento. É preciso conhecer quais valores da vítima estão sendo atacados. Assim, é possível direcionar a intervenção e trabalhar de uma forma que busque minimizar os efeitos da agressão, lembrando que as intervenções devem ser um processo coletivo, não apenas diretamente com a vítima. As intervenções devem envolver a classe como um todo, seja no ambiente físico, da sala de aula, ou no ambiente *Virtual*. Se um valor ou uma crença específica está sendo utilizado para agressão, isso deve ser trabalhado de maneira geral com toda a escola.

O estudante agredido precisa ter apoio e suporte para recorrer, quando situações de *Bullying* acontecerem. Mas é preciso preparar toda a turma para que essa agressão não volte a acontecer, sobretudo estimulando o respeito às diferenças e trabalhando a prevenção da

violência.

Então, voltando à história da Julieta e à agressão com o *Bullying Virtual*, fora as percepções óbvias (dela ter permanecido calada e introspectiva), você consegue pensar em mais alguma hipótese para tentar compreender por que ela foi agredida?

Só no final do ano escolar Julieta começou a se sentir melhor. O relacionamento entre os colegas e Julieta não foi restaurado, mas claramente as agressões pararam e a turma conseguiu abrir espaços para Julieta e para os agressores. Ficou evidenciado que não se resolve um ataque violento apenas com a exclusão dos agressores, nem deixando tudo como está. Ações precisaram ser tomadas.

O terceiro e último grupo envolvido nas questões com *Bullying* ou *Bullying Virtual* é mais amplo, envolve as testemunhas/observadores.

Como mencionado anteriormente, as testemunhas têm um papel primordial no combate do *Bullying* e do *Bullying Virtual*. A posição que elas tomam pode ajudar a controlar ou potencializar as agressões.

É importante entender que, pelo fato do *Bullying* e o *Bullying Virtual* ocorrerem também em grupos, isso pode colaborar para que a testemunha se envolva com os agressores e participe das agressões, ou então se torne uma vítima, juntamente com quem está sendo agredido. Essa influência estará relacionada com os valores que possui.

• O que as testemunhas têm contemplado?

Se seus valores forem similares aos do agressor, pode mais facilmente endossar e até participar da agressão. Se seus valores vão contra os do agressor e similares com os da vítima, pode acabar se tornando também uma vítima, caso exponha sua oposição ao que está ocorrendo. Num terceiro cenário, seus valores iriam contra o agressor e talvez não se assemelhem aos da vítima. Assim, a testemunha provavelmente não interviria na situação. Isso ressalta, mais uma vez a importância de conhecer quais tipos de *Bullying* ou *Bullying Virtual* ocorrem com mais frequência no contexto da sua Escola.

Na agressão à Julieta havia testemunhas/observadores. O fato das agressões terem ocorrido em uma rede social e fora da escola, faz pensar que alguma delas denunciou a situação, o que foi fundamental.

O processo de conscientização e normalização dos valores com a turma, como citado na abordagem com a vítima, também é útil aqui.

A conscientização junto às testemunhas fará com que elas não se omitam diante da situação, também previne que se tornem futuros agressores, por verem que o Bullying não é uma atitude aceitável.

Analisando mais um pouco a situação:

• Como criar um ambiente seguro para que as testemunhas procurem a Escola para relatar situações de *Bullying* ou *Bullying Virtual* ? Como se tornar um canal aberto sem causar a exposição dos estudantes que te procuram?

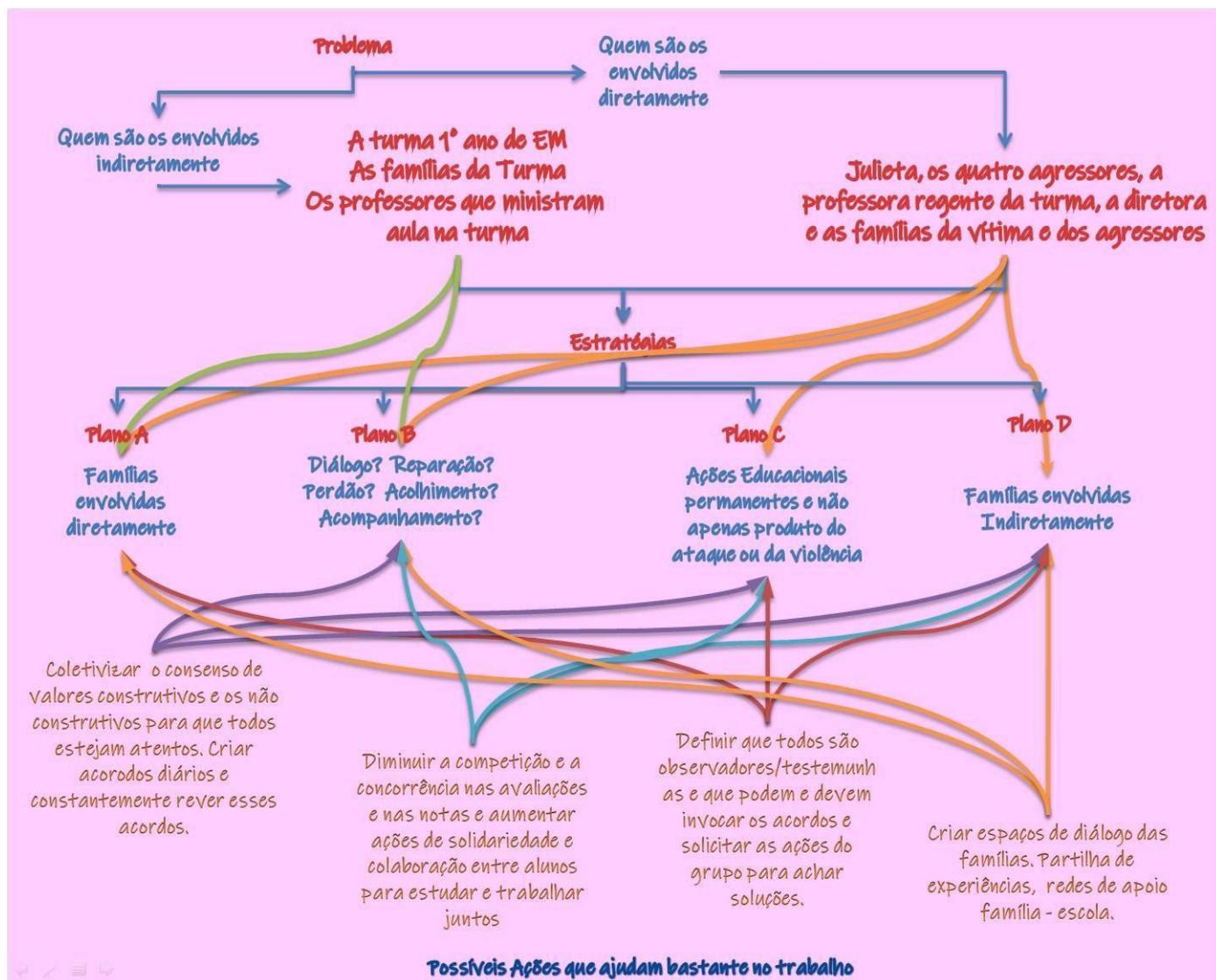
Se você constrói constantemente esse ambiente de confiança, qualquer dos envolvidos se sentirá seguro para lhe pedir ajuda.

Na medida em que conseguimos criar um sistema solidário, com valores comuns, os riscos se reduzem. Não se trata de utilizar as testemunhas como “delatores”, que “vigiam” e “denunciam” a violência. Isso pode levar para uma prática policiaisca. A proposta não é essa. As testemunhas/observadores chamam a atenção para os valores, para os acordos, para mostrar para o agressor que o *Bullying* causa sofrimento em muitas pessoas, não somente nas vítimas.

Por fim, a intervenção deverá ter um espaço social de apresentação (sempre no sentido de restauração e não de exposição do agressor), para reparar e restituir emocionalmente a vítima, analisar as origens desse tipo de ação, possibilidades de perdão social e aceitação sobre o que foi feito, apoiar tanto a vítima quanto os agressores, e por fim as testemunhas, identificando como elas podem agir diante desse tipo de agressão e como podem se envolver na redução desse tipo de situação. A socialização deve envolver todos os atores e envolver a comunidade educativa, para criar valores sociais no coletivo da turma. Como fazer isso? Em momentos de alimentação coletiva, divisão de tarefas, evitar a competição nas atividades avaliativas, esportivas ou artísticas, criar momentos de solidariedade com quem está afetiva ou cognitiva ou emocionalmente em dificuldades.

Escute as partes e identifique os valores e sentimentos que eles expressaram, levando em consideração que os todos, incluindo os agressores, têm valores (construtivos e não construtivos), que guiam as suas ações. Depois de mapear esses elementos, analise como cada um poderá fazer parte de uma intervenção.

O mapa conceitual abaixo pode lhe auxiliar a compreender melhor o contexto e os envolvidos, para desenvolver propostas de intervenção, com ajuda dos outros professores, pais e demais interessados:



Para ajudar a identificar o fenômeno com maior facilidade, há uma Tabela de Acompanhamento - Ensino Médio⁹, nos **Anexos**, ao final deste material, que você pode utilizar sempre que ficar em dúvida se o *Bullying* ou *Bullying Virtual* está ocorrendo.

⁹ A finalidade da Tabela de Acompanhamento – Ensino Médio é registrar o tipo de agressão ocorrida e a identificação dos envolvidos, três perfis: no papel de agressor(es), vítima(s) e, por fim, se houve(ram) testemunha(s) relacionada(s) com os fatos. Depois, o registro do contexto da agressão e o que cada um dos atores relatou do ocorrido. Todas as partes devem ser escutadas e seus relatos registrados, identificando os valores e sentimentos que os envolvidos expressam, levando em consideração que todos, incluindo os agressores, têm valores (construtivos e não construtivos) que guiam as ações desses indivíduos.

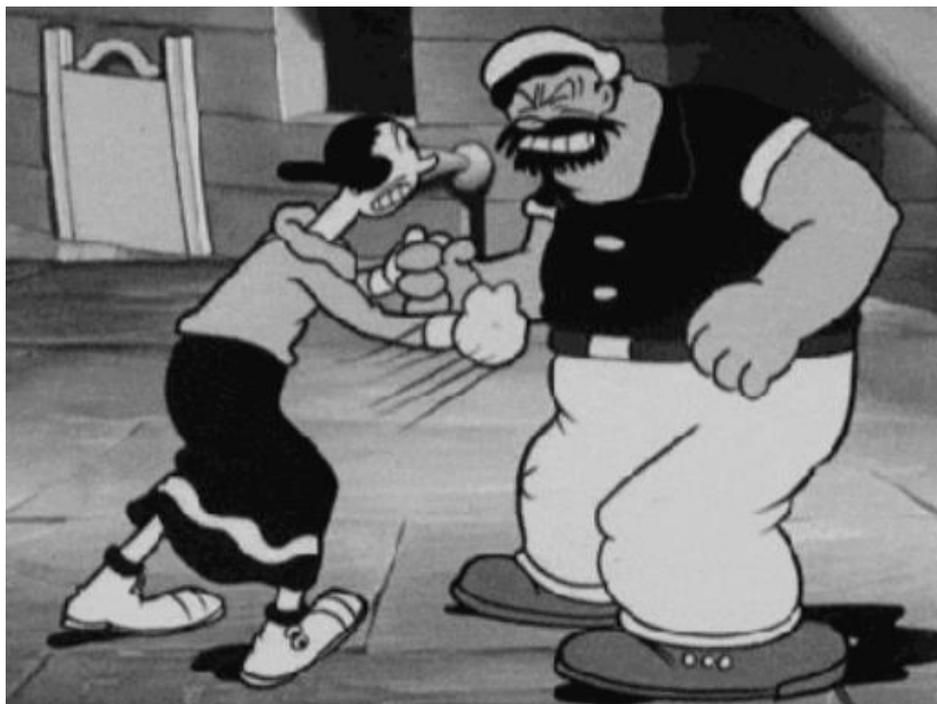
Para utilizar melhor essa tabela, identifique as seguintes situações:

- **Qual tipo de agressão(ões) está(ão) ocorrendo?**
- **Quem está(ão) no papel de agressor?**
- **Quem é(são) a(s) vítima(s)?**
- **Houve testemunha(s)?**
- **Qual o contexto da agressão? Ocorreu presencial ou virtual?**
- **Qual a versão de cada envolvido para o ocorrido?**

Boas Práticas para abordagem do *Bullying* e o *Cyberbullying* na Educação de Jovens e Adultos (EJA)

Embora a introdução do termo *Bullying* na Língua Portuguesa seja recente, sua prática na escola já é antiga, o que pode ser lembrado por estudantes jovens e adultos, perguntando-lhes como se lembram das suas relações com os colegas em suas experiências escolares anteriores.

“Desde que a palavra ‘*Bullying*’ passou a circular no vocabulário escolar, estudantes alegam ter sido ‘bolinados’ ou que alguém é ‘bolinador’. Em português, a aproximação entre os termos ‘*Bullying*’ e ‘bolinar’ foi facilitada pela pronúncia ‘bulinar’, mais corrente no Brasil, sendo “bolinar” uma palavra bem mais antiga que ‘*Bullying*’. O termo parece ter vindo, inicialmente, da linguagem náutica: apontar a embarcação na direção do vento, navegar à bolina, de viés; passando depois para o linguajar de sentido sexual, designando o ato de apalpar, encostar-se, tocar outra pessoa com fins libidinosos, geralmente de modo furtivo, assumindo essa conotação ainda no século XIX, quando o bolinador se sentava ao lado de uma mulher, como um navio à espera de vento favorável” (Bizzocchi, 2017).



Bullying em quadrinhos. Marinheiro Popeye. Fonte: tumgir.com

Há tempos surgiu uma curiosidade: *há relação entre "bulir" e "Bullying"*? Essa relação pode ser trabalhada de forma transversal em sala, nas aulas de Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Arte, Geografia, História, dentre outras. Já *Bullying* vem do Inglês *bully*, pessoa habitualmente cruel, especialmente com pessoas menores ou mais fracas. A origem do termo é possivelmente atribuída ao Holandês medieval *Boele*, "namorado/a"; ou à palavra *Bull*, "touro", talvez pela semelhança entre a impetuosidade desse animal e a truculência do *Bully*. "Na cultura popular, se lança o verbo 'bulir' (sinônimo de 'mexer'), que também significa 'incomodar, importunar, caçoar', que talvez seja o que mais se aproxima da definição atual" (Bizzocchi, 2017).

"Uma convergência de sons e sentidos pode ter reunido três palavras de origens diversas: 'Bullying', 'bulir' e 'bolinar'. Entre o substantivo "*Bullying*" e o verbo "bolinar" coincidiria a progressiva diminuição do emprego de 'bolinar' no seu sentido anterior, mais sexual: por volta dos anos 1950, era comum chamar um galanteador descarado de bolina e seu ato de bolinação, prática que hoje é considerada assédio sexual. Quem antes visto como um sujeito importuno, hoje é um criminoso" (Bizzocchi, 2017).

Os atos de *Bullying* estão ocorrendo com um público escolar cada vez mais jovem.

Em 7 de abril de 2011 ocorreu uma das primeiras tragédias envolvendo o *Bullying* no ambiente escolar. Um jovem de 23 anos atirou contra estudantes de sua ex-escola, onde ele havia estudado cerca de 10 anos antes. Matou 12 alunos - 10 meninas e 2 meninos. Logo após esse ocorrido, os casos se multiplicaram e a idade dos agressores vem diminuindo. Há inúmeros exemplos semelhantes ocorridos cujos noticiários e informações circulam nas redes sociais. Este é um material que pode ser trabalhado com os estudantes jovens e adultos em sala de aula para se discutir, por exemplo, as políticas públicas que ajudariam a promover a prevenção às práticas violentas.

O termo "bulir" é uma expressão comumente utilizada na cultura nordestina brasileira, e pode ser conhecido dos estudantes da EJA. Ele aparece de forma mais artística em músicas como "Forró de Mané Vito", composta por Luiz Gonzaga, na década de 1950:

Seu delegado, por Nossa Senhora / Eu não matei o homem, não
Só dei uns risquinhos / O cabra é um cara morredor, doutor
Juro por Nossa Senhora / Seu delegado, digo a vossa senhoria
Eu sou fio de uma fãmia / Que não gosta de fuá
Mas tresantontem / No forró de Mané Vito
Tive que fazer bonito / A razão vou lhe explicar
Bitola no Ganzá / Preá no reco-reco
Na sanfona de Zé Marreco / Se danaram pra tocar
Pra aqui, pra ali, pra lá / Dançava com Rosinha
Quando o Zeca de Sianinha / Me proibiu de dançar
Seu delegado, sem encrenca / Eu não brigo
Se ninguém bulir comigo / Num sou homem pra brigar
Mas nessa festa / Seu doutor, perdi a carma
Tive que pegar nas arma / Pois não gosto de apanhar
Pra Zeca se assombrar / Mandei parar o fole
Mas o cabra não é mole / Quis partir pra me pegar
Puxei do meu punha / Soprei o candieiro
Botei tudo pro terreiro / Fiz o samba se acabar
Seu delegado, juro por Deus / Eu sou filho de boa família, doutor
Eu sou homem direito / 'Tá conversando, sujeito
Faça isso não, doutor / Faça isso não, doutor
Seu delegado, digo a vossa senhoria / Eu sou fio de uma família
Que não gosta de fuá / Mas tresantontem
No forró de Mané Vito / Tive que fazer bonito
A razão vou lhe explicar / Bitola no Ganzá
Preá no reco-reco / Na sanfona de Zé Marreco
Se danaram pra tocar / Pra qui, pra ali, pra lá
Dançava com Rosinha / Quando o Zeca de Sianinha
Me proibiu de dançar / Seu delegado, sem encrenca
Eu não brigo / Se ninguém bulir comigo
Num sou homem pra brigar / Mas nessa festa
Seu doutor, perdi a carma / Tive que pegar nas arma
Pois não gosto de apanhar / Pra Zeca se assombrar
Mandei parar o fole / Mas o cabra não é mole
Quis partir pra me pegar / Puxei do meu punhá
Soprei o candieiro / Botei tudo pro terreiro
Fiz o samba se acabar / Ai, doutor
Fiz ou não fiz direitinho, doutor? / Mas juro pro senhor
Sou filho de boa família, doutor / Faça isso não, doutor

© Universal Music Publishing Group

Vê-se na letra da música que, o agressor tenta se justificar dizendo que "*Eu não matei o homem, não. Só dei uns risquinhos. O cabra é um cara morredor*". Isso demonstra a mudança de mentalidade e a evolução ao longo das décadas, e que é preciso ainda continuar com as ações de conscientização para evitar a ocorrência de agressões.

A partir dos conceitos que foram apresentados, algumas ações podem ser estratégicas para a abordagem junto ao estudante da EJA, para trabalhar e desenvolver ações que diminuam o impacto de ações violentas envolvendo o *Bullying* e o *Bullying Virtual*.

Pesquisas educacionais têm apontado que a Educação de Jovens e Adultos vem enfrentando um processo de "juvenilização". Isso significa possíveis conflitos e atritos entre pessoas mais jovens e mais velhas, o choque de gerações pode ocorrer e a extensão do *Bullying* e do *Bullying Virtual*, entre pessoas mais velhas, pode ganhar espaço por meio dos "memes" e "trollagens".

Algumas opções que gestores, professores e agora também pais de adolescentes e jovens que estudam na EJA podem utilizar, no contexto da escola, são as mesmas empregadas nos Ensinos Fundamental e Médio.

1º) Intervenção da totalidade da comunidade educacional: procurando identificar as ideias ou valores sociais construtivos que sirvam como referência para que o coletivo se manifeste nesse sentido.

2º) Transversalidade em sala de aula: propor atividades sobre *Bullying* e *Bullying Virtual* com abordagens transversais aos temas e conteúdos do ano escolar e atividades práticas: rodas de conversa, fóruns, visitas guiadas, dramatizações, filmes (inclusive, produzidos pelos próprios estudantes ou pela comunidade escolar), que destaquem a realidade: O *Bullying* é um problema de todos: famílias, escola e comunidade. Como começar uma intervenção ou um plano de prevenção ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual* na EJA?

3º) Campanhas e Parcerias: aproveite que seu público da EJA tem mais autonomia, e são, na maioria das vezes, pais e avós, encoraje-os a promover no ambiente familiar discussões e abordagem sobre o combate ao *Bullying* e *Bullying Virtual*.

Na Educação de Jovens e Adultos (EJA) há um contexto heterogêneo e polissêmico. No próprio nome inclui dois grupos: os jovens e os adultos, ou seja, estudantes com menos e com mais idade. Esses grupos pertencem a gerações diferenciadas, o que implica em ações concretas para fazer uma proposta de intervenção ou plano de prevenção mais específico, considerando as diferenças de valores, culturas de origem, faixa etária dentre outros.

Na EJA, as perguntas norteadoras, úteis para analisar situações de ocorrência de *Bullying* podem contar com a participação mais qualificada dos estudantes, com mais protagonismo e participação nos levantamentos, ações de intervenção e prevenção ao *Bullying* e *Bullying Virtual* nessa etapa da escolarização:

- 1. Qual tipo de *Bullying* ou *Bullying Virtual* lhe parece mais comum na realidade da EJA? Direto ou Indireto?**
- 2. Quem seriam as vítimas, agressores e testemunhas?**
- 3. Quais seriam os principais momentos/situações em que o *Bullying* ocorre? Você supõe que haja, neste contexto, *Bullying Virtual*?**
- 4. Quais valores os estudantes têm apresentado através do *Bullying* ou o *Bullying Virtual*?**

Vale a pena lembrar que, o *Bullying* pode ser direto (com agressões verbais, físicas e danos materiais) ou indireto (relacional, parte de rumores, boatos, fofocas e exclusões sociais), ambos podem se apresentar na forma de *Bullying Virtual*.

Ao perceber qual a forma mais comum que o *Bullying* ou o *Bullying Virtual* podem ocorrer nesse contexto escolar, é possível compreender a forma como jovens e adultos estudantes enfrentam essa realidade e a forma que estão pedindo socorro. Assim sendo, é possível intervir com ações mais assertivas sobre o que fazer.

As reportagens e as letras das músicas citadas, por exemplo, podem despertar os possíveis envolvidos em situações de *Bullying*, sejam eles agressores, vítimas ou observadores. Você consegue identificá-los? Quais são suas suposições sobre o que os conduz a desempenhar esses papéis? Registre suas considerações!

Que tal convidar seus estudantes da EJA a fazer uma paródia para uma das músicas que gostem e que seja conhecida pela turma, para que reflitam coletivamente sobre soluções mais colaborativas e outras condutas para as personagens, em um exemplo de situação sem o *Bullying*? Ou escreverem um texto colaborativo sobre este tema? Esse exercício pode ajudar no crescimento de um diálogo mais construtivo sobre as próprias trajetórias escolares dos seus estudantes e de pessoas próximas a eles, seus familiares, vizinhos, colegas etc.

Esses exercícios podem ajudar a ressignificar trajetórias individuais, a partir da análise dos históricos familiares, regionais e culturais. Com a oportunidade de revisitarem seu passado, esses estudantes podem se fortalecer para o presente e, ainda, projetar perspectivas mais positivas para o futuro escolar, de modo que possam permanecer na escola e ter maior proveito dessa experiência.

Para ajudá-los na identificação de possível ocorrência do fenômeno com maior facilidade, está disponível uma Tabela de Acompanhamento – Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos **Anexos**, que você pode utilizar sempre que ficar em dúvida se o *Bullying* ou *Bullying Virtual* está acontecendo ou não na turma de Educação de Jovens e Adultos.

Como usar essa tabela? Sugerimos a seguinte sucessão de passos, que poderá te ajudar a identificar as situações e as pessoas envolvidas, facilitando também a reflexão necessária para tomada de decisão do que pode ser feito dentro da própria comunidade escolar. Você poderá, primeiro, identificar o tipo de agressão e depois verificar qual a pessoa ou pessoas que está(ão) no papel de agressora(as); depois identifique as vítimas (ou a vítima). Em seguida, veja se há pessoas que viram ou testemunharam algo relacionado com os fatos. Depois veja o contexto da agressão e o que cada um dos atores disse sobre o que aconteceu. Sugerimos que em todas as etapas você escute todas as partes e identifique os valores e sentimentos que as pessoas expressam.

Sempre leve em consideração os valores de cada um, pois são eles que guiam as demais ações, pois há valores construtivos e não

construtivos. Depois de fazer tudo isso, veja como todos podem fazer parte de uma intervenção. No caso da agressão para reparar e restituir emocionalmente a vítima, pedir perdão e analisar as origens desse tipo de ação; possibilidades de perdão social e aceitação sobre o que foi feito (sem esquecimento, mas com perdão e com a possibilidade de que as pessoas se sintam à vontade para expressar o que sentiram ao serem vítimas) e como a vítima pode se tornar apoio para o agressor e por fim os observadores identificando como eles podem agir diante desse tipo de agressão e como podem se envolver na redução desse tipo de situação.

Por fim, a intervenção deverá ter um espaço social de apresentação (sempre no sentido de restauração e não de exposição do agressor). A socialização deve sempre envolver todos os atores e envolver a comunidade educativa (incluindo familiares e, sempre que possível, a comunidade ou bairro).

É importante que a comunidade vizinha participe e saiba das condutas anti-bullying promovidas pela Escola. Muitas vezes as notícias negativas, relativas, por exemplo, a situações de violência que ocorrem dentro dos muros das escolas são espalhadas com muita velocidade, seja pelo 'boca a boca' nos comércios locais, ou pelas redes sociais. É muito importante que haja a divulgação também das medidas protetivas e boas práticas de combate à violência para não haver preconceito contra aquela comunidade.

Envolve os estudantes da EJA sempre que possível em atividades de integração com as demais etapas da Educação Básica. Lembre-se que esse público, por sua vivência e experiência, pode desenvolver um papel fundamental na prevenção ao *Bullying* e ao *Bullying Virtual*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, M., & QUINONES, G. (2020). Collaborative pathways to friendship in early childhood: A cultural-historical perspective. Routledge.

AZAMBUJA, R., BATISTA, A. L., MIETTO, G. S. D. M. (2020). Se esta rua (ainda) fosse minha... reflexões sobre o brincar em tempos de pandemia.

BIZZOCCHI, A. (2017). Diário de um Linguista - Bullying e bolinar: alguma coisa a ver?

BRASIL, Ministério da Educação, (2021), Resolução nº 01/2021 de 25 de maio de 2021, Institui Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos nos aspectos relativos ao seu alinhamento à Política Nacional de Alfabetização (PNA), à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e Educação de Jovens e Adultos a Distância. MEC - Brasília-DF, 2021.

BUZIOLI, J. R. S. & TASSONI, E. C. M. (2020). [Artigo] Revisão de literatura sobre educação de jovens e adultos relacionado com a permanência e a evasão. In: Anais do VII CONEDU. VII Congresso Nacional de Educação, Maceió, Brasil.

COMPTON, L., CAMPBELL, M.A., & MERGLER, A. (2014). Teacher, parent and student perceptions of the motives of cyberbullies. *Social Psychology Education*, 17, 383 – 400. <http://dx.doi.org/10.1007/s11218-014-9254-x>.

COSTA, N. S., BRASILEIRO, B. G., & MIRANDA, P. R. (2021). A PERMANÊNCIA DOS ESTUDANTES NO PROEJA: histórias de luta e resistência. *Trabalho Necessário*, 19(40), 148.

DODDS, A. E.; LAWRENCE, J. A.; VALSINER, J. (1997). The Personal and The Social: mead's theory of 'generalized other'. *Theory & Psychology*, 7(4), p. 483-503.

FARIA, A. L. G., & SILVA, A. A. (2021). O Gependisc Culturas Infantis

celebra os 30 anos do NUPEIN: por uma Pedagogia da Infância à brasileira!. Zero-a-Seis, 23(44), 1404-1421.

FERREIRA, J. M., MOURA, G. G., & MIETO, G. S. D. M. (2021). Children's Sociability in Institutional Contexts: Theoretical Reflections on Cognitive Development Within Peer Interactions. *Human Arenas*, 4(2), 218-238.

JACOMETTI, M. et all. (2014). Até que ponto o *Bullying* influencia o aumento da demanda por educação de jovens e adultos? *ETD - Educação Temática Digital*, 16(2), 307: <https://doi.org/10.20396/etd.v16i2.1321>.

KIM, J. W., & CHOCK, T. M. (2015). Body image 2.0: Associations between social grooming on Facebook and body image concerns. *Computers in Human Behavior*, 48, 331–339: <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.009>.

LOPES, M. O. (2017). Abordagens sobre diversidade e inclusão na educação de jovens e adultos. *Revistaleph*, 29, 164.

LUCA, V. D. (2010). Percepção do preconceito social de estudantes da EJA e PROEJA em Araranguá. Monografia de Pós-graduação Lato Sensu - Curso de Pós-Graduação em Educação de Jovens e Adultos, Instituto Federal de Ciência Educação e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), Araranguá, Brasil.

MARTÍNEZ, J., RODRÍGUEZ-HIDALGO, A. J. E ZYCH, I. (2020) *Bullying* and Cyberbullying in adolescents from disadvantaged areas: Validation of questionnaires; prevalence rates; and relationship to self-esteem, empathy and social skills *International journal of environmental research and public health* 17 (17), 6199: <https://dx.doi.org/10.3390%2Fijerph17176199>; <https://doi.org/10.3390/ijerph17176199>.

MASCARENHAS, S. (2006). Gestão do *Bullying* e da indisciplina e qualidade de bem-estar psicossocial de docentes e discentes do Brasil (Rondônia). *Psicologia, Saúde & Doenças*, 7(1), 95.

MATTHEWS, K. A. et all. (2017). *Bullying* and Being Bullied in Childhood Are Associated with Different Psychosocial Risk Factors for

Poor Physical Health in Men. *Psychological Science*, 28(6), 808–821:
<https://doi.org/10.1177/0956797617697700>.

MEAD, G. H. (1967). Play, the game, and the generalized other. In G. H. Mead (Ed), *Self, mind, and society* (pp. 152-164).

MIETTO, G. S. D. M. et al. (2021). Rodas literárias online: o projeto livros abertos na pandemia da Covid-19.

MONKS, C. P., MAHDAVI, J., RIX, K. The emergence of cyberbullying in childhood: Parent and teacher perspectives. *Psicología Educativa*; Madrid Vol. 22, Ed. 1, (2016): 39-48. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pse.2016.02.002>.

MORAES, C. M., ARAÚJO, L. F., NEGREIROS, F. (2020). Educação de Jovens e Adultos e representações sociais: um estudo psicossocial entre estudantes da EJA. *Interações (Campo Grande)*, 529–541: <https://doi.org/10.20435/inter.v21i3.2312>.

OLIVEIRA, D. D., ARAUJO, M. (2021). O fio e a missanga: pensando a formação docente a partir de narrativas da experiência na alfabetização de jovens e adultos. *Educação Em Revista*, 37: <https://doi.org/10.1590/0102-469821958>.

OLWEUS, D. (1997). Bully/Victims problems in school: Facts and Intervention. *Europe Journal of Psychology of Education*, (4), 495-510.

RENGIFO-HERRERA, F. J., BRANCO, A. U. (2014). Values as a Mediation System for Self-Construction: Contributions from Cultural Constructivism. *Psychology El Caribe*, 31(2), 304-326.

ROSSETTI-FERREIRA, M. C., OLIVEIRA, Z. M. R., & DE SOUZA AMORIM, K. (2021). 40 anos de atuação do CINDEDI: a construção de questões e metodologias de investigação do desenvolvimento de crianças pequenas, em contexto de educação coletiva. *Zero-a-Seis*, 23(44), 1347-1381.

RUSSO, V. (2020). Cyberbullying e jovens adultos: projeto socioeducativo de prevenção de Cyberbullying [online]. Tese (Doutorado) - Curso de Mestrado em Ciências da Educação- Área de Especialização de Educação e Intervenção Sociocomunitária,

Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Porto, Portugal.

SALMIVALLI, C. (1998). *Bullying* as a group process: Participant roles and their relations to social status within the group. *Aggressive Behavior*, 22(1), 1098-337.

SANTOS, P., SILVA, G. (2020). Os Sujeitos da EJA nas Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos. *Educação & Realidade*, 45(2): <https://doi.org/10.1590/2175-623696660>.

SILVA, D.N.H. & ABREU, F.S.D. (Org.) (2015). *Vamos brincar de quê? Cuidado e educação no desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Summus Editorial.

SILVA, I. M. et al (2020). Brazilian families facing the Covid-19 outbreak. *Journal of Comparative Family Studies*, 51(3-4), 324-336.

SMITH, P. K. et al. (2008). Cyberbullying: Its nature and impact in secondary school pupils. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 49(4), 376–385: <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2007.01846.x>.

SOUZA FILHO, A. A., CASSOL, A. P., AMORIM, A. (2021). Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. *Ensaio: Avaliação E Políticas Públicas Em Educação*: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362021002902293>.

TOGNETTA, L. R. P. (2005). Violência na escola: os sinais de *Bullying* e o olhar necessário aos sentimentos. In A. Pontes & V. S. Lima (Eds), *Construindo saberes em educação*. Porto Alegre: Zouk.

ZEQUINÃO, M. A. et al. (2016). *Bullying* escolar: um fenômeno multifacetado. *Educação e Pesquisa*, 42(1), 827-849.

ZOTTIS, G. A. H. (2003). Associations between child disciplinary practices and *Bullying* behavior in adolescents. *Nord*.

SITES PESQUISADOS

A utilização da internet feita por crianças com idade entre 5 e 10 anos: [http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5072/1/A%20utiliza%](http://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/5072/1/A%20utiliza%20a%20internet%20feita%20por%20criancas%20com%20idade%20entre%205%20e%2010%20anos.pdf)

[C3%A7%C3%A3o%20da%20internet%20feita%20por%20crian%C3%A7as%20com%20idade%20entre%205%20e%2010%20anos.pdf](https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_EL_ETRONICO.pdf)

Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_Kids_2015_LIVRO_EL_ETRONICO.pdf

Um Estudo sobre Bullying entre Escolares do Ensino Fundamental:

<https://www.scielo.br/j/prc/a/B3QKvk8HPZyK6JbsB8SXz7m/?format=pdf&lang=p;>

Bullying during adolescence in Brazil: an overview

<https://www.tandfonline.com/action/showCitFormats?doi=10.1080/0131881.2020.1821388;>

Resumo Executivo: Pesquisa Tic Kids on line Brasil 2019:

https://cetic.br/media/docs/publicacoes/2/20201123093441/resumo_executivo_tic_kids_online_2019.pdf;

O surgimento do cyberbullying na infância: perspectivas de pais e professores:

[https://www.redalyc.org/journal/6137/613765225005/html/;](https://www.redalyc.org/journal/6137/613765225005/html/)

Ciberacoso: una revisión internacional y nacional de estudios y programas:

[https://centroestudios.mineduc.cl/wp-content/uploads/sites/100/2018/11/EVIDENCIAS-43.pdf.](https://centroestudios.mineduc.cl/wp-content/uploads/sites/100/2018/11/EVIDENCIAS-43.pdf)

Traços, tendências e trajetória de cyberbullies pré-adolescentes e adolescentes:

[https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7430539/;](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7430539/)

Cyberbullying e crianças em idade escolar primária: a literatura psicológica e o desafio para a sociologia:

https://www.researchgate.net/publication/277268109_Cyberbullying_and_Primary-School_Aged_Children_The_Psychological_Literature_and_the_Challenge_for_Sociology

ANEXO 1:
TABELA DE ACOMPANHAMENTO – EDUCAÇÃO INFANTIL

criança	Tipo de Agressão	Onde/Quando a agressão ocorreu	Valores e sentimentos vinculados	Possível intervenção
no papel de agressora				
no papel de vítima				
atuando como observadora(s)				

ANEXO 2:

TABELA DE ACOMPANHAMENTO – ENSINO FUNDAMENTAL /ANOS INICIAIS

Exemplo: Carlinhos e Dudu

Estudante	Vítima	Agressor	Observador	Tipo de Agressão	Onde/Em que momento/situação a agressão ocorreu	Valores e sentimentos vinculados	Possível intervenção
Carlinhos		X		Agressão patrimonial, agressão verbal e agressão verbal-Virtual	Momentos de pintura; postagens de pinturas do Dudu na rede social	Machismo; frustração; raiva; tristeza	Trabalhar a igualdade feminina e masculina, respeito, expressão saudável de sentimentos, momentos de pinturas com Carlinhos
	X						
Dudu							

ANEXO 3:

TABELA DE ACOMPANHAMENTO – ENSINO FUNDAMENTAL /ANOS FINAIS

Exemplo: Ronaldo /Três agressores

Estudante	Vítima	Agressor	Observador	Tipo de Agressão	Onde/Em que momento a agressão ocorreu	Valor e sentimentos vinculados	Possível intervenção
Ronaldo		X		Qual o tipo de agressão?			
Agressor 1	X						
Agressor 2	X						
Agressor 3	X						

ANEXO 4:
TABELA DE ACOMPANHAMENTO – ENSINO MÉDIO

Estudante	Vítima	Agressor	Observador	Tipo de Agressão	Onde/Em que momento a agressão ocorreu	Valor e sentimentos vinculados	Possível intervenção

ANEXO 5:

TABELA DE ACOMPANHAMENTO – EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

peessoa	Tipo de Agressão	Onde/Quando a agressão ocorreu	Valores e sentimentos vinculados	Possível intervenção
no papel de agressora				
no papel de vítima				
atuando como observadora(s)				